



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Victor Beltrame Schreiber

**As contribuições militares e políticas do General Vo Nguyen Giap para a análise da  
Guerra do Vietnã (1946-1975)**

Florianópolis  
2024

Victor Beltrame Schreiber

**As contribuições militares e políticas do General Vo Nguyen Giap para a análise da  
Guerra do Vietnã (1946-1975)**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt.

Florianópolis

2024

Schreiber, Victor Beltrame

As contribuições militares e políticas do General Võ  
Nguyen Giap para a análise da Guerra do Vietnã (1946-1975)  
/ Victor Beltrame Schreiber ; orientador, Márcio Roberto  
Voigt, 2024.

90 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,  
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. Giap. 3. Vietnã. 4. Indochina. 5. Dien  
Bien Phu. I. Voigt, Márcio Roberto. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III.  
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ATA DE DEFESA DE TCC**

Aos doze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às dezesseis horas por videoconferência reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Marcio Voigt, Orientador e Presidente, pelo Professor Sidnei José Munhoz, Titular da Banca, e pelo Professor Icles Rodrigues, Suplente, designados(as) pela Portaria nº 37/2024/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Victor Beltrame Schreiber**, subordinado ao título: **"As contribuições militares e políticas do General Võ Nguyen Giap para a análise da Guerra do Vietnã (1946-1975)"**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Marcio Voigt a nota final ..7,0, do Professor Sidnei José Munhoz a nota final ....7,0... e do Professor Icles Rodrigues a nota final 7,0..; sendo aprovado com a nota final ...7,0... O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia dezoito de dezembro de dois mil e vinte e quatro. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 12 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Marcio Voigt



Documento assinado digitalmente

**Marcio Roberto Voigt**

Data: 17/12/2024 16:24:27-0300

CPF: \*\*\*.645.999-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Sidnei José Munhoz



Documento assinado digitalmente

**SIDNEI JOSE MUNHOZ**

Data: 17/12/2024 16:05:37-0300

CPF: \*\*\*.629.118-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Icles Rodrigues



Documento assinado digitalmente

**ICLES RODRIGUES**

Data: 17/12/2024 16:21:13-0300

CPF: \*\*\*.859.599-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Candidato Victor Beltrame Schreiber



Documento assinado digitalmente

**VICTOR BELTRAME SCHREIBER**

Data: 17/12/2024 16:06:41-0300

CPF: \*\*\*.075.889-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE(048)3721-9249-FAX:(048)3721-9359

Atesto que o acadêmico Victor Beltrame Scheiber, matrícula n.º 19101333, entregou a versão final de seu TCC cujo título é: As contribuições militares e políticas do General Vo Nguyen Giap para a análise da Guerra do Vietnã (1946-1975) com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 17 de Dezembro de 2024



Documento assinado digitalmente

**Marcio Roberto Voigt**

Data: 17/12/2024 16:21:07-0300

CPF: \*\*\*.645.999-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Orientador(a)

Dedico este trabalho em memória da minha avó Maria Sebastiana que faleceu neste  
ano.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a Deus por me conceder chegar onde estou, concluindo a graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina e a Nossa Senhora, a Santíssima Virgem Maria, por interceder por mim quando mais precisei. Agradeço a minha mãe Alessandra e meu pai Marcelo, que sempre me incentivaram a estudar, procurando me oferecer a melhor educação possível e ao meu irmão Vinícius, que tem trabalhado bastante para que eu consiga alcançar o meu diploma.

Agradeço ao meu amigo Zander Klüser, que esteve ao meu lado durante todo o curso, me ajudando quando podia, sem esperar algo em troca, uma amizade genuína para a vida inteira. Agradeço também ao Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt, que passou os últimos semestres me orientando no desenvolvimento desta monografia, coloquei muito trabalho nas mãos dele, sobretudo durante esse final do curso, mas ele pacientemente me atendeu, como um bom educador.

“Perante um inimigo tão poderoso quanto cruel, a vitória só é possível unindo toda a população no seio de uma frente nacional coesa e alargada” (GIAP, 2005, p. 56).

## RESUMO

Essa monografia aborda a Guerra do Vietnã (1946-1975), centrada no General Vo Nguyen Giap e sua contribuição político-militar para a História da Guerra. Quem foi o General Giap? Por que é importante conhecê-lo? E, o que podemos aprender com ele? Para isso, apresenta-se a conjuntura do Vietnã Colonial, que possibilitou o desenvolvimento da Revolução Vietnamita, destacando a trajetória de vida de Giap, a criação do Exército Popular e os maiores prodígios militares do general. O desenvolvimento do pensamento estratégico de Giap, passando pela Batalha de Dien Bien Phu (1954), pela Ofensiva do Tet (1968) e pela Ofensiva de Primavera (1972), paralelo a uma exposição do pensamento de autoridades do Governo dos Estados Unidos e dos males da guerra. A metodologia é alternada entre uma leitura da Nova História da Batalha e uma leitura direcionada a Nova História Militar, presente na descrição dos horrores da guerra, principalmente para os civis.

**Palavras-chave:** Giap; Vietnã, Indochina; Dien Bien Phu.

## ABSTRACT

This monograph addresses the Vietnam War (1946-1975), centered on General Vo Nguyen Giap and his political-military contribution to the History of War. Who was General Giap? Why is it important to know him? And what can we learn from him? For this, the conjuncture of Colonial Vietnam is presented, which enabled the development of the Vietnamese Revolution, highlighting Giap's life trajectory, the creation of the People's Army and the general's greatest military prodigies. The development of Giap's strategic thinking, through the Battle of Dien Bien Phu (1954), the Tet Offensive (1968) and the Spring Offensive (1972), paralleled an exposition of the thinking of U.S. government officials and the evils of war. The methodology alternates between a reading of the New History of the Battle and a reading directed to the New Military History, present in the description of the horrors of war, especially for civilians.

**Keywords:** Giap; Vietnam, Indochina; Dien Bien Phu.

## SUMÁRIO

|          |   |           |
|----------|---|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>12</b> |
| 1.1      | ESTADO DA ARTE .....  | 14        |
| <b>2</b> | <b>A CONJUNTURA DO VIETNÃ E A REVOLUÇÃO .....</b>                                   | <b>19</b> |
| 2.1      | A AÇÃO SUBVERSIVA .....   | 33        |
| <b>3</b> | <b>A PRIMEIRA GUERRA DA INDOCHINA E A BATALHA DE DIEN BIEN<br/>PHU (1954).....</b>  | <b>37</b> |
| <b>4</b> | <b>A ENTRADA DIRETA DOS ESTADOS UNIDOS E O AQUECIMENTO DA<br/>GUERRA FRIA .....</b> | <b>63</b> |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>86</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>89</b> |
|          | <b>ANEXO A – MAPA DA BATALHA DE DIEN BIEN PHU .....</b>                             | <b>90</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em Guerra do Vietnã (1955-1975) as narrativas principais e mais conhecidas partem do ponto de vista dos Estados Unidos, seja em formas de mídia ou produções acadêmicas. Isso se deve tanto ao poder de influência econômico, cultural e social que aquele país detém bem como à maior dedicação do mesmo no estudo do tema. Com base nisso, se faz necessário conhecer outros pontos de vista de um acontecimento tão famoso ocorrido no século XX. Contudo, ressalta-se que o conteúdo dessa monografia não apresenta um conhecimento tão inédito assim, sendo mais visíveis principalmente nos Estados Unidos e na França e com importantes implicações na África e na Ásia dizendo respeito à descolonização de ambos os continentes a partir de 1950 até o final do século XX. Já no Brasil, o General Giap é pouco conhecido e debatido, dando espaço para essa monografia tratar justamente de quem foi o General Giap e porquê é importante conhecê-lo, buscando uma leitura do conflito na Indochina com base em suas contribuições.

O espaço temporal do período histórico em evidência é bastante extenso, aproximadamente 30 anos, de um século carregado de informações devido à relativa proximidade dos acontecimentos aos dias atuais, afirmando isso cerca de meio século após o término do evento conhecido como Guerra do Vietnã (1946-1975). Porém, tal recorte se faz inevitável para compreender o impacto daquele conflito com base na contribuição militar e política de Vo Nguyen Giap (1911-2013). Tem-se como objetivos analisar o contexto geopolítico do período recortado, os impactos militares, políticos e as lições que essa série de conflitos, com foco no Vietnã, deixaram para a posterioridade, os quais, nem todos conseguem compreender, apesar do tema da guerra estar tão presente atualmente, fazendo-se necessário resgatá-los. Assim, temos como questão central, as seguintes perguntas: Quem foi o General Giap? Por que é importante conhecê-lo? O que podemos aprender com ele?

A figura do General Vo Nguyen Giap mostra-se muito interessante pois, o estrategista não passou por uma academia militar, foi professor de História, jornalista, militante comunista, militar e político, fascinado pela Revolução Francesa e por Napoleão Bonaparte, tornando-se um dos maiores estrategistas militares do século XX. Ele combateu contra japoneses, franceses, estadunidenses, outros vietnamitas, dentre outros inimigos, visando libertar o seu país e seus compatriotas. Giap ficou conhecido como “Napoleão Vermelho<sup>1</sup> da Ásia” pelos franceses, enfrentando grandes forças militares com um exército de camponeses

---

<sup>1</sup> Esse título também foi utilizado para se referir a outros grandes generais comunistas como: Mikhail Tukhachevsky (1893-1937) e Zhu De (1886-1976).

explorados dentro do contexto colonial e da Guerra Fria, saindo vitorioso de um conflito que transcende o âmbito militar, sendo principalmente político e geopolítico.

A bibliografia selecionada para fundamentar o estudo apresentado por esta monografia seguiu o critério da disponibilidade e do custo das mesmas, considerando o curto tempo para realizar as leituras. Contudo, as fontes escolhidas contemplam de maneira satisfatória o que proponho a discutir nesta monografia. Dentre as obras selecionadas, destacam-se “Vitória a Qualquer Custo”, uma biografia do General Vo Nguyen Giap, escrita pelo Coronel Cecil B. Currey, do Exército dos Estados Unidos, professor de História Militar da Universidade do Sul da Flórida, publicada no Brasil pela Biblioteca do Exército em 2002, essa não é a única obra de Currey sobre a Guerra do Vietnã. Outra obra importante é “O Vietnam Segundo Giap”, livro que compila alguns escritos do próprio General Giap, publicada no Brasil pela Editora Saga em 1968, enquanto a guerra ainda ocorria no Vietnã, esta obra possui uma versão publicada em Portugal pela Edições Sílabo, em 2005, intitulada “Manual de Estratégia Subversiva”, a qual apresenta os mesmos escritos de Giap, acrescentando um estudo introdutório sobre ação subversiva escrito pelo então Major Francisco Proença Garcia<sup>2</sup> do Exército de Portugal, sendo essa obra utilizada como referência bibliográfica.

Ambas as obras devem ser analisadas com um olhar crítico, pois, uma se trata de uma biografia e a outra apresenta textos escritos por um militar e político envolvido diretamente no conflito enquanto o mesmo acontecia, além disso, Currey e Garcia são militares ocidentais. Para fazer uma análise do conflito, partindo das fontes citadas acima, as quais apresentam a visão de Giap sobre a Guerra do Vietnã (1946-1975). Serão utilizadas outras obras, como o livro: “A Revolução Vietnamita”, de Paulo Fagundes Visentini, publicado pela Editora da UNESP em 2008, o indispensável e clássico “Da Guerra” escrito por Clausewitz no século

---

<sup>2</sup> Francisco Proença Garcia é atualmente Professor Associado com Agregação e Dean for Faculty do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa; Académico Visitante na Universidade de São José (Macau), Instituto Universitário Militar (Lisboa) e Universidade Católica de Moçambique (Beira). Entre outras funções, foi representante nacional na Organização para a Ciência e Tecnologia/Organização do Tratado do Atlântico Norte (2014-16), Chefe do Departamento de Pós-Graduação da Academia Militar (2014), Assessor do Chefe do Estado-Maior do Exército (2011 -14); Conselheiro Militar da Delegação Portuguesa à Organização do Tratado do Atlântico Norte e da Agência Europeia de Defesa (2008-11), Presidente do Conselho Científico do Instituto Superior de Comunicação Empresarial (2013), Vice-Presidente do Centro de Investigação do Exército (2002 e 2014), Oficial de Planeamento da Sede do Comando do Sector Central da PKF/UNTAET em Timor-Leste (2001). Francisco Proença Garcia é Académico da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Académico do Instituto Brasileiro de Geografia e História Militar e Director da Sociedade de Geografia de Lisboa. Escreveu 16 livros e publicou várias dezenas de artigos científicos nas áreas das Relações Internacionais, Estudos da Segurança e Estudos Africanos. O seu mais recente livro editado é *Authoritarian Power and the Challenges to Liberal Democracy* (2022), Aletheia, Lisboa. Essa biografia se encontra no site oficial do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa: <https://iep.lisboa.ucp.pt/pt-pt/docente/francisco-proenca-garcia>.

XIX, tido como obra fundamental e muito bem aceita na área de História Militar, destacando a sua relação entre a guerra e a política. Também, não se pode deixar de citar a “Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)” de Hobsbawm, onde destaca-se o conceito de Guerra Total, passando diretamente pelo recorte temporal do tema principal desta monografia.

Também se faz imprescindível entender como as autoridades dos EUA estavam compreendendo o conflito que se inicia como um movimento de descolonização e se encerra como um dos acontecimentos mais marcantes da Guerra Fria (1947-1991) e do século X. Para isso, contamos com o livro: “Vietnã em Chamas” de Walter Cronkite, conhecido jornalista dos EUA, durante o período da Guerra do Vietnã, publicado no Brasil pela Bloch Editôres em 1966. A obra apresenta um programa de televisão dividido em quatro episódios onde são entrevistadas autoridades da Casa Branca, expondo como o Governo justificava o que estava acontecendo ao público.

Destaca-se que a obra citada no parágrafo acima, foi publicada antes da Ofensiva do *Tet* de 1968, um dos principais marcos da Guerra do Vietnã, onde a moral dos EUA passou a decair mais rapidamente, alterando a opinião internacional a respeito do conflito. E por fim, o livro: “Vietnã: Flor de Lótus em Mar de Fogo” (1968) escrito por Trich Nhat Hanh, um monge budista vietnamita que apresenta uma ótima reflexão a respeito da sociedade vietnamita durante aquela época de guerra.

A Guerra do Vietnã está sendo tratada nesta monografia iniciando em 1946 e terminando em 1975, compreendendo dessa forma a Primeira Guerra da Indochina (1946-1954) conhecida também como Guerra de Resistência e a Segunda Guerra da Indochina (1963-1975), mais conhecida pelo nome de Guerra do Vietnã ou Guerra Americana, portanto, quando mencionado o nome Guerra do Vietnã, se refere ao conjunto de ambos os conflitos, não se restringindo apenas ao que os EUA nomeiam assim.

## 1.1 ESTADO DA ARTE

O Campo de Pesquisa adotado por esta monografia é a História Militar, a qual é responsável pelo estudo da Guerra, das batalhas, táticas, estratégias e armamentos, evidenciando a evolução das formas de se fazer a guerra, contudo, não se trata completamente de como esta monografia será composta. O campo da História Militar é dividido basicamente em duas correntes historiográficas: a História Militar Tradicional e a Nova História Militar. Fernando Velôzo Gomes Pedrosa apresenta ambas as correntes em seu artigo “A História

Militar Tradicional e a “Nova História Militar” publicado no XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH em 2011. A Tradicional se encaixa nas definições colocadas pelo autor por John Keegan:

A História Militar é um conjunto de muitas coisas. É – e para muitos escritores do passado e do presente é pouco mais do que isso – o estudo dos generais e do generalato [...]. A História Militar é também o estudo do armamento e do sistema de armas, da cavalaria, artilharia, castelos e fortificações, do mosquete, do arco, do cavaleiro com armadura, do encouraçado, do bombardeiro estratégico. [...] A História Militar é, por outro lado, o estudo das instituições, regimentos, estados-maiores e escolas de estado-maior, dos exércitos e das marinhas em geral, das doutrinas estratégicas adotadas na batalha [...]. A História Militar, podemos inferir daqui, tem, em última análise, de tratar da batalha (KEEGAN, 2000, p. 28-30 in: PEDROZA, 2011, p. 2).

Mas é necessário completar com: “História Militar é a parte da História da Humanidade que nos permite reconstituir a História da Doutrina Militar. E Doutrina Militar são os princípios pelos quais os exércitos têm se preparado (organizado, equipado, instruído e desenvolvido as forças morais) para a eventualidade de conflitos e se empregados em guerras” (Apud. SAVIAN; LACERDA, 2009, p. 8 in: PEDROZA, 2011, p. 2). Sendo assim, a História Militar Tradicional é caracterizada por uma forma utilitária, didática e corporativa cujo intuito é instruir os militares em seu ofício por meio de exemplos históricos onde determinadas armas, táticas e estratégias foram empregadas de uma determinada maneira resultando em um sucesso ou um fracasso. Clausewitz já entendia essa importância: “Os exemplos históricos esclarecem tudo; possuem, além disso, um poder demonstrativo de primeira categoria [...]. Isto verifica-se na arte da guerra mais do que em qualquer outro campo.” (CLAUSEWITZ, 1979, p. 191) e Pedroza justifica afirmando, como Clausewitz, que nem todas as soluções para problemas militares se encontram em manuais, por isso se faz indispensável para a formação do oficial militar o estudo de batalhas do passado. Ainda, apenas o conhecimento teórico pode ser limitado, é preciso ter também experiência prática como Bonaparte dizia: “o conhecimento das partes superiores da guerra só se adquire pela experiência e pelo estudo da história das guerras e das batalhas dos grandes capitães” (Apud. AZEVEDO, 1998, p. 23 in: PEDROZA, 2011, p. 5).

Mas, tratando a guerra e sua condução indissociável do elemento humano, o autor afirma que a partir do estudo da História Militar, o comandante pode analisar a situação da tropa diante dos acontecimentos rigorosos e estressantes do combate, estar atento ao desgaste físico e emocional dos soldados também pode representar a diferença entre vitória e derrota em batalha, o cumprimento ou não das ordens deferidas. Nesse ponto, a História Militar Tradicional mostra uma outra função, que é a de inspirar os atos dos comandantes e dos soldados por meio de lideranças e atos heroicos, o que pode levar a criação de mitos oriundos

de um enaltecimento de determinados atos e também a uma demonização do inimigo de modo a justificar o que foi feito. Tratando do elemento humano na guerra, fica inseparável a carga emocional e sentimental contida na mesma. Pedroza apresenta críticas a essa corrente historiográfica (PEDROZA, 2011, p. 8), escrita principalmente por militares e entusiastas patrióticos, cujos interesses e métodos podem não ser os mesmos de um historiador profissional.

Já a Nova História Militar adquire um caráter mais crítico e acadêmico, pois é majoritariamente escrita por historiadores profissionais, não querendo afirmar com isso que não existem historiadores profissionais na corrente Tradicional. Trata-se apenas de uma mudança resultante da própria perspectiva histórica. A Nova História Militar surge a partir da segunda metade do século XX em decorrência da Nova História protagonizada pela Escola dos Annales em 1929 por Febvre e Bloch trazendo outras fontes e perspectivas à Ciência Histórica. Pedroza apresenta que: “A Nova História Militar sofria clara influência da “Nova História Cultural”, então em voga nas universidades norte-americanas, concentrando suas atenções em temas como poder, ideologia, classe, identidade cultural, raça, gênero etc. Seu principal objeto de estudo eram as relações entre as instituições militares e a sociedade” (PEDROZA, 2011, p. 9) e que: “Os acadêmicos vinculados à nova escola tinham clara inspiração marxista na ideologia e na metodologia de trabalho, além de demonstrarem desprezo pelas instituições militares.” (PEDROZA, 2011, p. 9) justificando que isso aconteceu devido a implicações da Guerra Fria, sendo o Vietnã nos EUA. Segundo o autor, podemos ver essas características também na América Latina em consequência das ditaduras de segurança nacional orquestradas por militares. Outro ponto que Pedroza traz é a carência de intimidade com as experiências militares por parte da maioria dos historiadores acadêmicos (PEDROZA, 2011, p. 10).

Muitos historiadores civis – e eu me incluo entre eles – se ressentem da falta de uma experiência pessoal ou de conhecimentos técnicos para escrever certos detalhes da História militar. Eu posso acompanhar os movimentos das Brigadas e Divisões durante a batalha, porém, como nunca, eu mesmo, tive a oportunidade de empunhar nervosamente uma arma, só posso contar com a ajuda de outros para aquilatar das dimensões psicológicas da batalha (LUVAAS, 1981, p. 54 in: PEDROZA, 2011, p. 10).

No Brasil, porém, a Nova História Militar não ficou restrita ao descrito acima, o período da década de 1990, representou o fim da Guerra Fria e a redemocratização do país, o que, segundo Pedroza: “iniciou uma desmobilização ideológica das tensões criadas nas décadas precedentes, quando as principais correntes historiográficas brasileiras de esquerda dedicaram-se a uma “releitura” da História do Brasil com claras características de propaganda

contra as Forças Armadas, vistas como reacionárias e responsáveis pela frustração de seus ideais socialistas” (PEDROZA, 2011, p. 11), através da implementação de ditaduras conturbadas, vale ressaltar novamente. Alguns dos principais autores brasileiros desse novo período são: Ricardo Salles<sup>3</sup>, Francisco Doratioto<sup>4</sup>, Vitor Izecksohn<sup>5</sup>, Celso Castro<sup>6</sup>, Adriana Barreto<sup>7</sup>, Dennison de Oliveira<sup>8</sup> e o General Pedro Cordolino de Azevedo<sup>9</sup>.

Se por um lado, a Nova História Militar ampliou o campo de pesquisa, trazendo novas fontes, perspectivas, temas e contribuições, permitindo uma historicização da mesma e o diálogo com a História Social, como discorre Moreira<sup>10</sup>, diferenciando da História Militar Tradicional muito fechada em si mesma. Por outro, afastou-se do principal objeto de estudo da História Militar, a batalha. Pedroza<sup>11</sup> comenta que isso não passou despercebido pelos historiadores gerando uma resposta da escola Tradicional, chamada “Nova História da Batalha”, com uma metodologia mais moderna. Importantes autores são: John Keegan<sup>12</sup> e Victor Davis Hanson<sup>13</sup>.

Entretanto, diferente dos relatos de batalha tradicionais, a nova tendência, inaugurada por Keegan, concentra sua atenção nos protagonistas da batalha: os

<sup>3</sup> SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: Escravidão e Cidadania na Formação do Exército. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.

<sup>4</sup> DORATIOTO, Francisco. Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002.

<sup>5</sup> IZECKSOHN, Vitor. O Cerne da Discórdia: A Guerra do Paraguai e o Núcleo Profissional do Exército. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.

<sup>6</sup> CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik. Nova História Militar Brasileira. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

<sup>7</sup> BARRETO, Adriana. Duque de Caxias: O Homem Por Trás do Monumento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Dennison. História e Historiografia Militar. Museu do Expedicionário, Curitiba, p. 34-40, 2000.  
OLIVEIRA, Dennison. O Problema com a História Militar não é ser militar, mas ser História. In: II Encontro de História Militar, 2018, Porto Alegre. Anais do II Encontro de História Militar e I Colóquio de Pesquisas do Grupo de Estudos em História Militar do MMCMS (GEHM-MMCMS). Porto Alegre: Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul, 2017. v. 1. p. 14-29.

<sup>9</sup> AZEVEDO, Pedro Cordolino F. de. História Militar. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

<sup>10</sup> MOREIRA, Luiz Guilherme Scaldaferrri. A Nova História Militar, o diálogo com a História Social e o Império Português. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.

<sup>11</sup> MOREIRA, Luiz Guilherme Scaldaferrri. A Nova História Militar, o diálogo com a História Social e o Império Português. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.

<sup>12</sup> KEEGAN, John. A Face da Batalha. Tradução de Luiz Paulo Macedo Carvalho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.

KEEGAN, John. A Máscara do Comando. Tradução de Geraldo Pereira de Almeida Filho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

KEEGAN, John. Dien Bien Phu: Derrota no Vietnã. Editora Renes, 1976.

<sup>13</sup> HANSON, Victor Davis. A War Like No Other: How The Athenians and Spartans Fought The Peloponnesian War. New York: Random House, 2005.

HANSON, Victor Davis. Por Que o Ocidente Venceu: Massacre e Cultura – Da Grécia Antiga ao Vietnã. Tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

HANSON, Victor Davis. The Western Way of War: Infantry Battle in Classical Greece. 2 a Ed. Berkeley: University Of California Press, 2009.

HANSON, Victor Davis. Why Study War. City Journal, Summer 2007.

homens, suas mentalidades e seus sentimentos de camaradagem, medo, excitação, ódio, angústia e sofrimento. Grande atenção também é dedicada ao uso das armas e equipamentos, bem como aos efeitos das armas nos ferimentos sofridos pelos homens, e à execução das manobras e suas dificuldades, diante da realidade do terreno e das condições meteorológicas – lama, poeira, frio, calor, terreno acidentados, vegetação e outros fatores que reduzem ações supostamente heróicas a homens atolados, esgotados, dispersos e desorientados no campo de batalha (PEDROZA, 2011, p. 12-13).

É interessante apresentar uma análise mais aprofundada da principal batalha de Giap, aquela que marca o ponto mais alto de sua carreira militar, A Grande Batalha de Dien Bien Phu (1954), pois além de representar a derrota da França em sua tentativa de manter a posse colonial da Indochina, a batalha se destaca pela estratégia e tática que Giap utilizou para sobrepujar a fortaleza francesa no vale de Dien Bien Phu. Giap deu grande destaque em seus escritos e sua biografia a respeito desta batalha. John Keegan, historiador militar britânico, apresenta uma obra focada exclusivamente na Batalha de Dien Bien Phu, intitulada “Dien Bien Phu derrota no Vietnã”, publicado no Brasil pela Editora Renes em 1979, portanto, está disponível muito material para estudar essa famosa batalha.

Em contrapartida de uma grande vitória militar de Giap, não se pode deixar de falar na marcante Ofensiva do Tet (1968) e na Ofensiva de Primavera (1972), ambas as quais representam as derrotas militares de Giap, levando a diminuição de seu papel nos anos finais da Guerra do Vietnã, contudo, suas dimensões políticas mostram-se muito mais interessantes do que uma narrativa factual de como elas ocorreram. Sendo que, tratando a guerra como Clausewitz definiu, uma extensão do ato político, não é possível concluir essa monografia sem visitar as duas ofensivas e abordar as dimensões geopolíticas que o conflito levou ao mundo em plena Guerra Fria.

Assim, a monografia está dividida em três capítulos, o primeiro chamado: “Capítulo 1 – A Conjuntura do Vietnã e a Revolução”, visando apresentar ao leitor o Vietnã e o General Giap, bem como o método de Ação Subversiva. O segundo intitulado: “Capítulo 2 – Dien Bien Phu (1954)” com o objetivo intuitivo, aborda com destaque os preparativos, bem como a própria Grande Batalha de Dien Bien Phu ocorrida naquele ano. O terceiro: “Capítulo 3 – A entrada direta dos EUA e o aquecimento da Guerra Fria”, tratando brevemente sobre a atuação dos EUA diretamente no conflito e quais implicações trouxe o mesmo, bem como tratar das contribuições finais de Giap para concluir a monografia.

## 2A CONJUNTURA DO VIETNÃ E A REVOLUÇÃO

Esse capítulo objetiva introduzir o leitor a conjuntura, o processo revolucionário e a figura do General Giap, descrevendo sua atuação até chegar ao fim da Segunda Guerra Mundial. O capítulo está dividido em duas partes, a primeira trata principalmente do descrito acima, acrescentando a definição da guerra segundo Clausewitz. Enquanto a segunda está separada em uma seção nomeada: “A Ação Subversiva”, onde se define esse conceito, explicando como se constrói e percorre uma Subversão.

O processo revolucionário no Vietnã pode ser descrito como uma paciente mobilização popular para a resistência contra diversos atores, principalmente os colonialistas franceses e os imperialistas norte-americanos (VISENTINI, 2008, p. 17), pois seu espaço temporal é composto por várias décadas, até que se atinja o objetivo de alcançar a independência, a reunificação e por fim, a soberania nacional, visando o desenvolvimento nacional e por conseguinte, a melhoria das condições de vida do povo vietnamita.

A Indochina, região composta pela tríade de países conhecidos hoje como Camboja, Laos e Vietnã, foi ocupada na segunda metade do século XIX pela França, um dos maiores impérios coloniais da época. As populações locais, em destaque aquelas encontradas onde hoje é o Vietnã, já possuíam um amplo histórico de resistência a qualquer invasor estrangeiro, como veremos a seguir, contudo, os franceses conseguiram se manter na região até 1954, quando foram finalmente derrotados, após quase um século de presença. Mas isso não representou a vitória que os vietnamitas apoiadores da Liga para a Independência do Vietnã, doravante referida como *Vietminh*<sup>14</sup>, desejavam porque resultou na divisão do Vietnã entre Norte e Sul a partir do Paralelo 17<sup>15</sup>. Apesar de vencedores, não obtiveram tudo o que desejavam, levando a um novo objetivo para o futuro, a reunificação da pátria separada em dois Estados. Essa é uma característica que contempla as Relações Internacionais, onde raramente um lado receberá tudo o que deseja, sendo necessário ceder em alguns objetivos para alcançar outros considerados mais urgentes.

O Vietnã pode ser dividido em três regiões: o Tonquim (Norte), o Annam (Centro) e a Cochinchina (Sul); Cada uma dessas regiões representam momentos importantes da

---

<sup>14</sup> Abreviação de *Viet Nam Doc Lap Dong Minh Hoi*, que significa Liga para a Independência do Vietnã.

<sup>15</sup> Essa divisão se deu principalmente pela pressão dos EUA aos Acordos de Genebra (1954), no qual não assinaram, no momento em que aquele conflito deixava de ser visto como uma guerra de descolonização e passava a ser incluído no âmbito da Guerra Fria, onde os blocos capitalista e comunista disputavam a influência pelas nações. A solução adotada é similar a coreana, também dividida entre Norte e Sul por um Paralelo, após a Guerra da Coreia (1950-1953).

estruturação política do país, visto que no Tonquim se localiza Hanói, atual capital do Vietnã, sede do poder estabelecido pelo *Vietminh* desde a proclamação de independência em 1946, enquanto na Cochinchina se localizava a cidade de Saigon (atual Cidade de Ho Chi Minh), onde se localizava a capital da extinta República do Vietnã, apoiada pelo Ocidente.

Já no Annam se localiza Hue, a antiga capital da última dinastia imperial vietnamita, Estado estabelecido após o fim de mais de um milênio de domínio chinês sobre a região (séc. III a.C. - séc. X d.C). Após isso, o Vietnã emergiu como independente, repelindo tentativas de diversas dinastias chinesas de reconquistar a região e imposições de outros povos, como os mongóis, os champas e os khmers (CURREY, 2002, p. 525). Até que, a partir do século XIX, essa autoridade vai se esvaindo aos poucos tornando-se vassala dos franceses no século XX (VISENTINI, 2008, p. 22-23).

A Revolução Vietnamita, para ter êxito, precisou se adaptar às condições locais, Visentini destaca que a região norte do Vietnã apresentava mais indústrias e atividades de mineração, ao passo que o sul possuía uma agricultura mais forte (VISENTINI, 2008, p. 22). Contudo, mesmo no Norte, a agricultura continua sendo a principal atividade, não devido a colonização do Vietnã, mas porque historicamente a agricultura era uma parte do modo de vida tradicional da sociedade vietnamita, cuja grande maioria do povo era de camponeses. Os primeiros levantes contra os franceses, em meados de 1930, como o realizado pelo Partido Democrático Nacional do Vietnã (VNQDD), não conseguiu atrair as massas e o realizado pelo Partido Comunista da Indochina (PCI) também falhou ao não considerar as questões camponesas, ambos não foram bem sucedidos (VISENTINI, 2008, p. 25).

Voltando um pouco, precisamente ao dia 25 de agosto de 1911, no vilarejo de An Xa localizado na província de Quang Binh, situada na região central do Vietnã, o Annam, nasceu o protagonista dessa monografia, o General Vo Nguyen Giap (CURREY, 2002, p. 30). Uma origem bastante humilde, pois An Xa era um vilarejo muito pobre, onde a população de maioria camponesa tirava o sustento de plantações e pesca. Giap era o sexto filho de seus pais, com seus três primeiros irmãos falecendo durante a infância. Contudo, segundo Currey, apesar das precárias condições do povo de An Xa, ao longo do tempo, várias pessoas daquela vila conseguiram ascender socialmente, possivelmente devido à relativa proximidade com a capital imperial Hue (CURREY, 2002, p. 30-32). Foi nesse contexto que Giap cresceu, tendo como pai, um homem respeitado e erudito, muito patriota assim como os avôs (materno e paterno) de Giap, que lutaram na revolta Can Vuong em 1895 contra a dominação francesa. Portanto, a mãe de Giap também compartilhava do mesmo sentimento que seu marido, ela também era erudita, apesar de não ser letrada como o esposo, mas dominava a tradição oral do

povo vietnamita. Assim, Giap desde pequeno, foi aprendendo com os pais a ter amor pelo conhecimento e pela nação vietnamita (CURREY, 2002, p. 34-35).

Giap também ajudava com as tarefas do campo, contudo, teve acesso a escola desde criança e continuou avançando nos estudos conseguindo ingressar no Liceu Quoc Hoc, no ano de 1925, localizado em Hue, uma grande conquista para um jovem de origem humilde. Lá, ele teve contato com Phan Boi Chau, um revolucionário nacionalista que mesmo em prisão domiciliar, influenciava diversos estudantes como o jovem Giap (CURREY, 2002, p. 37-43). É interessante notar que mesmo sob jugo colonial, os vietnamitas eram permitidos a acessar muitos graus de escolaridade e até mesmo ter contato com críticas ao colonialismo, pelos franceses. Mas obviamente existiam limites, Giap conheceu as obras de Marx e Lênin naquela escola, se envolveu em protestos estudantis e acabou sendo expulso da mesma em 1927, publicando um artigo criticando a administração francesa do Liceu no jornal vietnamita *L'Annan*, em língua francesa. O periódico criticava abertamente o colonialismo, esse momento marcou o início da vida de Giap como jornalista, ele também montou uma biblioteca clandestina abrigando material obtido através de organizações comunistas francesas (CURREY, 2002, p. 45-46). Sendo possível notar uma disputa entre os próprios franceses, uns a favor do colonialismo, interesse das elites que se beneficiam com esse empreendimento e outros contra, como os membros do Partido Comunista Francês, no qual o próprio Ho Chi Minh chegou a participar, antes de viajar para Moscou e depois para a China, naquela época.

Inspirados pela conjuntura europeia e por grupos chineses, vários movimentos anticoloniais começaram a surgir no Vietnã, mas segundo Currey, para Giap, os movimentos eram muito desorganizados e disputavam mais entre si do que contra a França, por isso, Giap cada vez mais se aproxima dos comunistas, devido a “organização, eficiência e disciplina do Partido Comunista”, enquanto seguia em sua carreira de jornalista e militante (CURREY, 2002, p. 50-55). Em 1930 aconteceram os levantes do VNQDD e do PCI, ambos violentos e a repressão francesa igualmente violenta resultou no fracasso de ambos os movimentos de insurreição, levando a desmobilização, prisões, execuções e exílios. (CURREY, 2002, p. 56-59)

Contudo, uma lição estava aí para os que quisessem ver: o poder potencial militar e político dos homens do campo estava disponível àqueles desejosos de atender suas necessidades e interesses para usá-los. Os comunistas aprenderam e aplicaram esse conhecimento durante e depois da Segunda Guerra Mundial. Os nacionalistas, não (CURREY, 2002, p. 60).

Esse período realmente destaca o título do capítulo de Currey: “Não sabíamos como lutar”. Como pode, um povo que historicamente resistiu contra outros invasores estrangeiros,

estar agora fracassando? Giap deu uma breve e parcial resposta para essa pergunta, disse que faltava maturidade nos militantes, eram ingênuos e descuidados, o que levou muitos à prisão e outros à execução pela guilhotina<sup>16</sup>. Havia uma polícia política francesa que monitorava, principalmente os liceus, onde concentravam-se muitos militantes como estudantes, professores e jornalistas. O próprio Giap chegou a ser preso algumas vezes.

Segundo Giap: “O que atormentava nossa mente era como ser patriota” (CURREY, 2002, p. 71). Ora, havia muitos grupos de partidários pela libertação do Vietnã, mas cada um com um projeto político próprio, sendo uma interpretação possível para essa frase de Giap, a ampla variedade ideológica dos grupos. Eles operavam em desunião com outros, o que enfraquecia a luta pela libertação e podia evidenciar falta de patriotismo, no sentido de que não conseguiam uma união, deixando um pouco de lado as diferenças ideológicas, em prol da libertação da pátria. Trata-se apenas uma hipótese, pois mais adiante, o próprio Giap se deixou levar pela ideologia política, perseguindo grupos não tão alinhados com o Partido Comunista.

Em 1936, ocorreu na França, algo significativo para os militantes anticoloniais no Vietnã, a vitória nas eleições pela Frente Popular, uma coalizão política de partidos mais alinhados à centro-esquerda. O resultado eleitoral tornou menos restrita as atividades políticas nos territórios coloniais, como a Indochina. Em meados desse período, Giap acabou migrando do Partido *Tan Viet*<sup>17</sup> para o Partido Comunista da Indochina, ligado ao *Komintern*, marcando maior aproximação com os ideais marxista-leninistas. Giap começava a se desencantar com o *Tan Viet*, devido à falta de ação daquele partido, com o PCI sendo mais organizado. Truong Chinh (futuramente Secretário-geral do Partido Comunista) e Pham Van Dong (que foi Primeiro-ministro de 1955 até 1987), segundo Currey, ofereceram aquilo que Giap desejava, trabalhar ativamente contra os franceses (CURREY, 2002, p. 80).

Em conjunto com Truong Chinh, Giap e ele elaboraram um estudo intitulado “O Problema Camponês, 1937-1938”, o qual, segundo Currey, trata de que a Revolução Comunista poderia ser feita tanto através do proletariado quanto pelo campesinato, o qual posteriormente se tornou as bases do Partido e do *Vietminh*, (CURREY, 2002, p. 82) porque o Vietnã era uma colônia, possuía uma classe operária muito pequena, enquanto os camponeses eram a grande maioria da população. Nesse ponto, a Revolução Vietnamita trouxe uma mudança significativa em relação ao modelo marxista tradicional, onde era necessário que

<sup>16</sup> A guilhotina foi utilizada pela última vez em 1977, antes da proibição da pena de morte na França a partir de 1981.

<sup>17</sup> O *Tan Viet* era um partido revolucionário, mas não necessariamente comunista, apesar de conter uma ala dedicada a partidários dessa corrente política.

houvesse muita industrialização, para que surgisse uma grande classe operária, a qual realizaria a Revolução. Essa realidade não era possível no contexto vietnamita, então as figuras-chave para a realização da Revolução foram deslocadas para a classe camponesa, a qual representava praticamente a totalidade da população do Vietnã.

O início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), trouxe maior repressão contra as atividades políticas dos vietnamitas, pois o governo da Frente Popular caiu, sendo substituído pela administração de Vichy. No Vietnã, o PCI foi colocado na clandestinidade, jornais nacionalistas foram fechados, sendo permitida a entrada de tropas japonesas na região pelo Governo de Vichy. O Império do Japão possuía interesse em usar a Indochina como ponte para diversas operações militares na região do Mar do Sul da China e no Sudeste Asiático, bem como fonte de matérias-primas, como a borracha, item fundamental para a indústria de guerra e o arroz para alimentar seus soldados. Não tardou muito até o Exército Imperial do Japão atacar as guarnições francesas e assumir o controle do Vietnã, ocupando definitivamente o território (CURREY, 2002, p. 86).

Visentini abordou esse momento, destacando-o como um período de grande violência, com mobilizações anti-imperialistas e levantes como o de Bac Son. Essas revoltas foram sufocadas por forças francesas e principalmente pelas tropas japonesas. A repressão não intimidou o povo, levando a mobilização dos grupos vietnamitas pela libertação nacional, com o VNQDD, citado anteriormente, indo até a China procurar uma aliança com o *Kuomintang*, que por sua vez estabeleceu uma trégua e aliança temporária com o Partido Comunista Chinês de Mao Zedong, visando enfrentar um inimigo em comum, as forças de ocupação japonesas. Ho Chi Minh, sob o pseudônimo Nguyen Ai Quoc, estava na China, mas foi para o Vietnã em 1941, quando fundou o *Vietminh*. Assim era o cenário vietnamita, um período de grande efervescência política e mobilização popular, nascendo a guerrilha vietnamita (VISENTINI, 2008, p. 26-30).

Mas Ho Chi Minh não voltou sozinho ao Vietnã para fundar o Vietminh, Giap e Pham Van Dong foram enviados pelo PCI até a China, no ano anterior, para se encontrarem com Ho, permanecendo lá, por um tempo, planejando o que fariam futuramente. Não deve ter sido um ano tranquilo para Giap, pois foi também quando nasceu sua primeira filha, Hong Anh, de sua primeira esposa, Quang Thai, a qual ele conheceu na prisão durante o cárcere de ambos (CURREY, 2002, p. 87). Giap tinha acabado de se tornar pai, e teve que viajar sem a família para a China, uma região controlada pelo *Kuomintang*, que não simpatizava com o PCI, mas teve que tolerá-lo durante a presença japonesa na região. Até então, Giap já tinha trabalhado como jornalista militante e como professor de História, mas sua viagem à China,

juntamente com outros membros do Partido, deu acesso à uma educação na Academia Militar de Whampoa, controlada pelo *Kuomintang*, onde teve o primeiro contato com conhecimentos voltados a criação de uma guerrilha contra os japoneses na Indochina. Anteriormente foi dito que Giap não passou por uma formação em Academia Militar, mas cerca de um ano não é o suficiente para concluir uma formação militar profissional no nível do papel que Giap teve que desempenhar, segundo Visentini:

Vo Nguyen Giap, ex-professor de História, foi o principal responsável pela elaboração de uma estratégia militar e um dos grandes articuladores da vitória da revolução vietnamita. Entretanto, Nguyen Ai Quoc (Ho Chi Minh) dava prioridade absoluta ao fator político, ao qual deveria subordinar-se a luta armada. Ao contrário do PC chinês, que possuía um excelente instrumento militar e limitada infraestrutura política, o Viet Minh tinha uma ótima estrutura de militantes, mas poucos militares (VISENTINI, 2008, p. 31).

Esse trecho nos leva a recordar o pensamento clausewitziano, onde o objetivo político determina a condução da guerra. Antes de tudo, a guerra é um duelo em grande escala e o seu propósito é derrotar o oponente e impor sobre ele, a sua vontade, “A guerra é, portanto, um ato de força para obrigar o nosso inimigo a fazer a nossa vontade” (CLAUSEWITZ, 1996, p. 75), cujo fim seria abater o seu adversário ou deixá-lo incapaz de lutar, ou seja, elimina-lo por completo ou torná-lo indefeso colocando-o numa situação de submissão, fazendo valer a seguinte frase de Clausewitz: “Enquanto eu não tiver derrotado o meu oponente, estarei fadado a temer que ele possa me derrotar” (CLAUSEWITZ, 1996, p. 78).

Mas, além da guerra ser um fenômeno incerto, dotada de variáveis como o acaso, comparável a um jogo de azar onde o elemento da sorte é inevitável e incontestável, ela também é indissociável da política. Para Clausewitz, a guerra é um fenômeno político onde através dela se procura atingir determinados propósitos políticos que a norteiam gerando também consequências políticas. Sendo assim, a guerra é um fenômeno de caráter político-militar que diz respeito à sociedade civil pois, tais aspectos influenciam seu modo de vida, colocando em evidência uma das frases mais famosas do autor: “a guerra não é meramente um ato de política, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas realizada com outros meios” (CLAUSEWITZ, 1996, p. 91) tendo como sua essência, a violência constante.

A violência é a essência da guerra, algo que Clausewitz deixou claro e não procurou esconder, para o autor, não se podia vencer uma guerra sem derramar muito sangue pois, a batalha, é o único meio pelo qual a guerra caminha. Abre-se espaço para apresentar o conceito de guerra absoluta, a qual exigia a completa mobilização de recursos e de homens, onde o uso

da força não conheceria limites, contudo, para Clausewitz, essa idealização deveria permanecer na teoria, com a realidade sendo diferente. “A guerra absoluta era uma ficção, uma abstração que servia para unificar todos os fenômenos militares e ajudava a tornar possível o seu tratamento teórico. Na prática, o uso da força tendia a ser limitado. O poder de fricção<sup>18</sup> reduzia o absoluto teórico às formas modificadas que assumia na realidade” (PARRET, in: CLAUSEWITZ, 1996, p. 21).

Existia para Clausewitz, uma dupla natureza da guerra, onde a primeira (absoluta) era subjugar, fazendo-se necessário a destruição tanto político-militar, quanto físico-moral completa do inimigo. Ao passo que a segunda (limitada) era a conquista de determinado objetivo, como uma província ou território do adversário para extrair dele alguma vantagem durante a negociação da paz em troca da devolução daquela porção de terra. O elemento político se faz presente em ambas as formas, apesar de distintas uma da outra e no combate, ambos os lados procuram impor sua vontade ao oponente, derrubando-o e tornando-o impotente, incapaz de continuar resistindo ao que seu adversário deseja, constituindo assim o propósito da guerra, que parte da política, sendo ela absoluta ou limitada. Para Clausewitz, o propósito da guerra é sobrepujar ou desarmar o inimigo, fisicamente, moralmente ou os dois, de modo que ele não possa mais resistir ou que aquilo que se exige dele seja menos custoso do que a continuação de uma guerra.

Citando a Segunda Guerra Mundial como exemplo, onde a Alemanha Nazista acabou derrotada político-militarmente pelos Aliados com Berlim sendo invadida pelos soviéticos e Hitler se suicidando no final, já o Império do Japão foi coagido a aceitar a rendição diante da abertura forçada de uma nova frente de combate com a invasão da Manchúria pela União Soviética e da possibilidade de mais bombardeios atômicos vindos dos EUA, caso contrário, talvez fosse possível para o Japão continuar lutando por mais alguns anos. Ainda, falando de século XX, para Clausewitz, não seria possível a mobilização completa de recursos e forças para o esforço de guerra, pois levaria a um colapso das nações envolvidas<sup>19</sup>, todavia, vimos a Era da Guerra Total acontecer posteriormente. A Guerra Total de Hobsbawm é similar a

---

<sup>18</sup> Um conceito muito importante para entender a natureza da guerra é a fricção, segundo Clausewitz, é a fricção que difere a teoria da prática (CLAUSEWITZ, 1996, p. 132). A fricção são adversidades que atrapalham a campanha, como o clima, condições logísticas, uma boa manobra inimiga, algumas dependem do acaso, outras são ocasionadas por erros táticos ou a ação inimiga bem executada. Nas palavras de Clausewitz: “A fricção, como resolvemos chamá-la, é a força que torna difícil aquilo que aparentemente é fácil.” (CLAUSEWITZ, 1996, p. 133)

<sup>19</sup> Sun Tzu também não achava prudente guerras prolongadas, alegando que levaria ao esgotamento dos recursos do Estado, extorsão e pilhagem contra a população, completando que não haviam exemplos de “países que tenham se beneficiado com guerras prolongadas” (SUN TZU, 2014, p. 48). Ora, Sun Tzu escreveu a Arte da Guerra por volta do século V a.C. com o tempo superando essa colocação, tendo exemplos claros nos dias atuais de países que tiraram proveito de guerras prolongadas.

Guerra Absoluta de Clausewitz, porém são conceitos diferentes, alertando aqui para não os confundir. Hobsbawm conseguiu superar a Guerra Absoluta de Clausewitz com a Guerra Total, pois o autor descreve nações completamente mobilizadas para o esforço de guerra, sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial. É fato que as guerras mundiais levaram ao colapso de muitas nações, porém nem todas saíram prejudicadas, os EUA, por exemplo, se beneficiaram ao final da Segunda Guerra Mundial, terminando-a na posse de um poder industrial, econômico e político avassalador, enquanto as antigas potências jamais se recuperaram. Para Clausewitz, isso seria impossível e indesejável, sendo esse o motivo para tanta preocupação do prussiano com Napoleão, que segundo o autor, estava realizando uma Guerra Absoluta que deveria ficar apenas no campo teórico.

Retornando ao propósito da guerra, a ação militar deve se adequar ao objetivo político, e não o contrário, pois sendo a guerra um instrumento da política, a continuação da política por outros meios, concebe-se a guerra como fruto da política, não como da beligerância de militares que desejam atacar o outro. “O propósito político é a meta, a guerra é o meio de atingi-lo, e o meio nunca deve ser considerado isoladamente do seu propósito.” (CLAUSEWITZ, 1996, p. 91). A guerra real se difere do puro conceito de guerra, o qual ignora o propósito político, pois de acordo com Clausewitz: “o puro conceito de guerra, teremos que dizer que o propósito político da guerra não possui qualquer ligação com a guerra propriamente dita, pois se a guerra é um ato de violência destinado a obrigar o inimigo a fazer a nossa vontade, o seu propósito teria que ser sempre e somente derrotar o inimigo e desarmá-lo” (CLAUSEWITZ, 1996, p. 94).

Mas o propósito de desarmar o inimigo (em tese, o propósito da guerra, o meio definitivo de atingir o propósito político da guerra, que deve incluir todo o resto) nem sempre é encontrado de fato na realidade, e não precisa ser totalmente atingido para constituir-se numa condição para a paz. Em hipótese alguma a teoria deve ser elevada ao nível de lei. Muitos tratados foram concluídos antes que um dos antagonistas pudesse ser considerado impotente - até mesmo antes que o equilíbrio de forças tivesse sido gravemente alterado. Além do mais, um exame dos casos reais mostra toda uma série de guerras em que a própria idéia de derrotar o inimigo era irreal: aquelas em que o inimigo era o poder consideravelmente mais forte (CLAUSEWITZ, 1996, p. 95).

Voltando ao tema da monografia, a genialidade de Giap começou a ser cultivada verdadeiramente em sua estadia na China em 1941, onde encontrou-se pessoalmente com Ho Chi Minh, ficando encantado com esse líder vietnamita. Giap queria lutar, como Napoleão Bonaparte, mas Ho o fez entender que a revolução não triunfaria de maneira puramente bélica, para Ho, “o espírito do povo é maior do que o das forças armadas” Se pudermos contar com o povo, ninguém conseguirá nos derrotar”, portanto, Ho teria dito a Giap: “Na revolução você deverá colocar as necessidades do povo em primeiro lugar” (CURREY, 2002, p. 144).

Percebe-se um alinhamento com Mao, que enfatizava o trato com a população civil fundamental para a vitória do seu lado. Sendo assim: “A sua missão seria usar a força das armas para mobilizar e despertar a população, enquanto curvava-a à noção de que as atividades políticas são sempre de maior importância do que as ações armadas; e propaganda mais vital do que os ataques militares” (CURREY, 2002, p. 144).

Novamente observamos a subordinação do elemento militar ao político, uma característica clausewitziana, porém até onde Clausewitz inspirou tanto Mao quanto Ho não é possível averiguar com precisão neste momento, ambos são políticos, liderando ações políticas, talvez tenham alcançado essa conclusão com base em outros estudos ou por outras influências, não necessariamente através de Clausewitz, já Giap, apesar de ter uma aspiração mais militar do que política, sua principal fonte de inspiração bélica era Bonaparte.

A partir disso, foi conferido a Giap a tarefa de construir um exército que se iniciou com uma pequena unidade de 34 homens, segundo Currey (CURREY, 2002, p. 145). Esse exército deveria ser ativo e rápido, segundo os ensinamentos de Sun Tzu, aparecendo onde não é esperado e sumindo sem ser percebido (SUN TZU, 2014, p. 42), avaliando onde, quando e como atacar sem sofrer grandes perdas. Currey destacou o período como muito frutífero pois, Giap teria frequentado a escola do Partido para aprender mais sobre política e também técnicas militares, conhecimentos que se mostraram indispensáveis para a formação desse general e político. Pode beber muito de Mao Zedong através de seus livros, incrementando as ideias de Mao com suas próprias.

Dessa maneira, ele adquiriu duas visões sobre as guerras do povo, às quais iria acrescentar suas próprias observações e entendimentos. No final, ele criou uma forma de guerra de guerrilha camponesa que devagar mas inevitavelmente espalhou-se pelo território do Vietnã (...) O seu ponto de vista não coincidia com as teorias de Mao, onde era enfatizada a impossibilidade de começar-se uma insurreição em áreas urbanas controladas pelo inimigo (CURREY, 2002, p. 102).

Giap demonstrou que isso de fato era possível, tendo como exemplo, a Ofensiva do Tet de 1968, que apesar de ser planejada e executada por Giap a contragosto, ilustra muito bem esse ponto. Por esse e outros motivos foi necessário estender esta monografia para um espaço temporal tão vasto. Para Currey, Giap valeu-se da estratégia napoleônica de dividir o inimigo para conquistá-lo, atacando-o simultaneamente em diversos pontos, impedindo-o de reagrupar as suas tropas. Contudo, trata-se de uma estratégia arriscada, pois exigia que Giap fizesse o mesmo, ou seja, dividir suas próprias tropas, cuidar de diversos engajamentos ao mesmo tempo e ainda, fazer o mais difícil, atacar.

Temos como exemplo, os fronts abertos pelas tropas de Hitler, que cometeu um erro crasso ao lutar em dois fronts ao mesmo tempo, invadir a França antes de avançar sobre a União Soviética mostrou-se um desastre, pois o Terceiro Reich precisou manter valiosas tropas salvaguardando a França Ocupada. Enquanto a campanha principal, a Operação Barbarossa, a Frente Oriental, consumia cada vez mais carne e aço, além disso, dividiu ainda mais suas tropas enviando parte delas para auxiliar e proteger o decadente regime de Mussolini, não esquecendo da campanha no norte da África também. Atacar os inimigos em várias *fronts*, se revelou para Hitler, uma faca de dois gumes, que foi bastante afiada pela sua insensatez, teimosia e arrogância costumeira, dando aos Aliados a chance de reverter a situação ao seu favor. Tendo isso em mente, é possível perceber que Giap foi um estrategista brilhante ao alcançar a vitória no final, com uma estratégia muito arriscada, porém muito eficiente caso executada da maneira correta.

Ho enviou Giap para iniciar a construção de um exército, cujo objetivo inicialmente seria libertar o Vietnã dos japoneses e posteriormente dos franceses. Mas para fazer a revolução, era preciso obter uma unidade nacional coesa, a começar pelas montanhas ao norte do Tonquim, região de fronteira com a China, portanto, estratégica. Naquela região havia povos que viviam isolados em suas aldeias<sup>20</sup>, cada qual com sua cultura, língua, organização política. Tal diversidade étnica era uma realidade por todo o Vietnã, levando Giap a necessidade de estabelecer contato com esses povos e aprender suas línguas para se comunicar com mais eficiência, empregando seu exército para ajudar aquelas pessoas com suas atividades diárias, de modo a ganhar confiança e colaboradores. Essas foram as instruções de Ho, era preciso ter o povo ao seu lado para vencer, tal estratégia perdurou por décadas, possibilitando toda a construção das linhas logísticas, de comunicação, de recrutamento, bem como um sentimento de unidade nacional, fazendo o exército de Giap forte, não podendo ser de outra forma, nesse sentido, vale ressaltar a maestria de Ho, sem o qual, Giap também não conseguiria fazer o que fez. Mas vale ressaltar que nem todos os povos se aliaram ao *Vietminh*, outros preferiram os franceses e norte-americanos ao sentir que esses ameaçavam menos suas comunidades do que o *Vietminh* e posteriormente, o Governo de Hanói e a Frente de Libertação Nacional<sup>21</sup>.

Voltando a difusão da Revolução Vietnamita, Giap estava começando a organizar um exército em meados de 1941, quando foi até a China visitar Ho Chi Minh, mas as tarefas

<sup>20</sup> Essa realidade era comum a todo o território vietnamita, naturalmente, enquanto alguns se aliaram ao *Vietminh*, outros preferiram os franceses ou os americanos.

<sup>21</sup> Conhecida pejorativamente como “Vietcong”, um termo que significa “vietnamitas comunistas”, contudo, muitos membros da FNL não eram comunistas, mas sim pessoas que não apoiavam o regime de Saigon.

militares não eram as únicas com as quais contavam o Partido, Ho deu bastante importância para atividades de propaganda política e produção intelectual. Visentini apresenta diversas informações a respeito, afirmando que foi criado um jornal para os camponeses que eram escritos com linguagem simples e letras grandes para facilitar o entendimento pelas massas e a leitura durante a noite. Ainda segundo Visentini, Giap realizou a tradução de “A guerra de guerrilhas contra o Japão” de Zhu De<sup>22</sup> e escreveu junto com Phan Van Dong “O comissário político” (VISENTINI, 2008, p. 30-31), destacando assim as atividades mencionadas acima. Currey, acrescentou que os artigos escritos nos jornais destinados às massas deveriam ter entre 50 a 100 palavras, o que segundo o autor, foi uma tarefa difícil para Giap, que apesar de ter experiência como jornalista, recebia críticas de Ho por escrever artigos longos demais (CURREY, 2002, p. 109). É possível pensar a partir desses requisitos que a propaganda política através de jornais revolucionários deveria ser curta, fácil de entender e com letras grandes, pois a leitura seria feita durante a noite, tratava-se de uma atividade clandestina que deveria alcançar o máximo de pessoas possível, caso contrário “somente seria entendida pelos próprios membros do partido, jamais pelas massas” (CURREY, 2002, p. 110).

Momentos mais difíceis vieram para Giap quando retornou ao Vietnã em 1941, Currey destacou que o momento da despedida de Giap para com sua esposa antes de embarcar no trem para a China, foi a última vez em que a viu. Ela foi presa e faleceu em cárcere no mesmo ano do retorno de Giap (CURREY, 2002, p. 89). Mas Giap não retornou sozinho, Ho Chi Minh também veio com ele, fundando a Liga para a Independência do Vietnã (*Vietminh*). O movimento dedicou-se a se espalhar entre a população para conquistar o seu apoio, tanto através de tropas armadas que ajudam nas tarefas locais, quanto pela difusão de jornais e outras formas de propaganda. Segundo Visentini, essa estratégia foi muito eficiente e tinha sua justificativa tanto tática quanto política, o autor comentou que alguns grupos de minorias étnicas aderiram ao movimento e elas ocupavam regiões estratégicas de fronteira entre o Vietnã e a China, onde ali se estabeleciam santuários e linhas de comunicação e logística (VISENTINI, 2008, p. 30). Contudo, tais ações não passaram despercebidas pelos franceses que realizaram ofensivas contra o movimento nesse mesmo período, segundo Visentini, o *Vietminh* respondeu se ocultando entre a população e seguindo com a difusão da sua propaganda, sem enfrentar diretamente o inimigo. Apesar de possuírem as tropas de “propaganda armada” comandadas por Giap, seu objetivo era mostrar à população que haviam soldados prontos para lutar contra os invasores franceses e japoneses, mas não era costume se

---

<sup>22</sup> O Napoleão Vermelho da China, Zhu De é considerado o pai do Exército de Libertação Popular da China.

engajar em combates (VISENTINI, 2008, p. 31), pois ainda não estavam prontos para tal, contudo, o poder de influência do *Vietminh* seguia crescendo.

Visentini afirmou que houve incursões contra o *Vietminh* nesse período, como dito anteriormente, porém Currey segue de outra posição, ele disse que as autoridades francesas e japonesas não deram tanta importância para o *Vietminh*:

Tivessem sido eles tomados mais a sério, certamente teriam sido aniquilados. Naquele momento, Giap e o *Vietminh* dificilmente poderiam resistir a uma perseguição de monta, se tal missão fosse desencadeada contra eles, pelos franceses ou pelos japoneses. A segurança dos revolucionários foi primordialmente resultado dessa indiferença, que lhes assegurou a oportunidade de se movimentarem mais ou menos livremente na área, disseminar a doutrina sem perturbações e treinar recrutas nas doutrinas da revolução (CURREY, 2002, p. 111).

Currey logo em seguida acabou por contradizer o argumento anterior, porque afirmou que os franceses foram sim atrás dos guerrilheiros do *Vietminh*, que precisavam mudar constantemente de lugar trocando tiros com tropas francesas algumas vezes (CURREY, 2002, p. 112). Por isso, dialogar com Visentini e Currey se mostra interessante, como se um autor completasse o outro. Visentini fala que haviam dois grupos iniciais no *Vietminh* se infiltrando no Vietnã através da China. O grupo de Truong Chinh, que trabalhou de forma mais clandestina, escondendo-se entre os camponeses e disseminando propaganda política, enquanto o outro grupo, encabeçado por Giap, seguia em marcha enfrentando soldados franceses ocasionalmente. Tratavam da “propaganda armada” que Giap enfatizava, mostrar ao povo que havia um exército disposto a lutar por eles, ajudando-os com as necessidades cotidianas das vilas também (VISENTINI, 2008, p. 31). Ambas as ações foram conduzidas por Ho, que se fazia presente com suas sábias instruções, segundo Currey, enfatizando a importância do apoio popular sobre as armas, explicando como a revolução triunfará (CURREY, 2002, p. 113). Assim temos um pequeno vislumbre do que é a Guerra do Povo.

A “Marcha para o Sul” empreendida por Giap rendeu muitos frutos, inspirado no método maoísta, conseguiu expandir o apoio ao *Vietminh* em diversas vilas, obtendo o apoio da maioria, que permitia e ajudava na perseguição contra opositores, que eram mortos, segundo Currey (CURREY, 2002, p. 121-122). Isso não passou despercebido, Currey relatou que em 1943, os franceses perceberam a ameaça que o movimento representava para o seu domínio e passaram a agir mais ativamente em operações de busca e destruição, trazendo baixas de guerrilheiros e oficiais e perdas de suprimentos e bases para o *Vietminh*. Também foram realocados os moradores de pequenos vilarejos para assentamentos maiores, destruindo outros considerados simpatizantes (CURREY, 2002, p. 128). Essa característica perdurou por

todo o conflito no Vietnã, desde a década de 40 até meados de 1975. Currey comenta algo interessantíssimo: “Era muito provável a existência de informantes infiltrados pelos franceses dentro do próprio movimento *Vietminh*” (CURREY, 2002, p. 128).

No parágrafo acima, mencionou-se a execução de opositores do *Vietminh*, empreendidas pelas tropas de Giap, é fundamental destacar que nem todas aquelas pessoas eram necessariamente pró-francesas, mas sim que não eram favoráveis a uma revolução comunista. Giap reclamou da violência francesa, mas ele mesmo foi extremamente violento, segundo Currey, dentre as vítimas das tropas de Giap, encontravam-se padres e freiras, católicos, nacionalistas não-comunistas, proprietários de terras, dentre outras pessoas não-favoráveis<sup>23</sup> ao *Vietminh* (CURREY, 2002, p. 134-135). Por isso, não é minha intenção enaltecer a figura do General Giap e o movimento *Vietminh*, visto com esse trabalho, trazer para evidência a figura de Giap, pois ele não é tão conhecido quanto deveria, ele trouxe uma contribuição muito grande para o contexto do século XX, mas seu heroísmo é relativo, Giap tem seus méritos, mas também seus crimes que não podem ser esquecidos.

Ho estava sob detenção do *Kuomintang*, em 1944. Assim, Giap assumiu um papel de liderança, conseguiu reunir uma conferência do Partido e convenceu os membros de que era o momento certo para iniciar a guerrilha generalizada por todo o país. Contudo, Ho ficou sabendo e conseguiu enviar uma carta impedindo a manobra de Giap, ora, Ho estava preso, se conseguiu enviar tal carta, foi com o aval do *Kuomintang* que tinha interesse em uma libertação do Vietnã encabeçada por outro grupo, não o *Vietminh*, mas sim, pelo *Dong Minh Hoi*. De qualquer forma, a mensagem de Ho continuava válida, não era o momento certo para lançar uma guerrilha generalizada, não estavam prontos, a análise de Giap era limitada, a insurreição seria prejudicial ao povo e ao movimento, estava prematura (CURREY, 2002, p. 142). Era preciso ter cautela, o processo revolucionário requer tempo para amadurecer e Giap não estava sendo paciente, algo que aprendeu com o tempo, levando-o a mudar de opinião sobre buscar desencadear uma insurreição generalizada antes do momento adequado. Esse assunto dividiu o Politburo de Hanói posteriormente, com vozes de liderança advogando partir logo para a ofensiva final, visando desencadear uma insurreição generalizada no Sul, com Giap se opondo.

Para Currey, a ideologia marxista havia distorcido a visão de Giap, bem como os outros membros do partido, ao subestimar o inimigo e superestimar o apoio popular que realmente tinham, contando com levantes generalizados da população em apoio a uma

---

<sup>23</sup> Alguns desses grupos buscaram o apoio dos franceses contra o *Vietminh*, o que acabou oferecendo vantagem aos ocidentais na posse do delta do Rio Vermelho, localizado no Tonquim.

insurreição generalizada diante de inimigos fracos e covardes, o tempo, porém mostrou que eles estavam errados na maioria das vezes (CURREY, 2002, p. 142). Contudo, ainda em 1944, logo após a fundação do Exército do Povo, Giap empreendeu um ataque contra algumas posições francesas em Phai Khat e Na Ngan, utilizando táticas de guerrilha e espionagem, obtendo pequenas vitórias que renderam um certo apoio popular (CURREY, 2002, p. 147-149).

Muito aconteceu no Vietnã durante a Segunda Guerra Mundial, dentre eles, destaca Visentini, a busca do PCI por uma aproximação aos Aliados contra o Eixo, entrando em contato com agentes da OSS dos EUA, recebendo um certo apoio do escritório (CURREY, 2002, p. 152-154). Houve um período de grande fome levando a morte de 2 milhões de habitantes devido ao confisco de arroz realizado pelos franceses (VISENTINI, 2008, p. 32), também um golpe realizado pelos japoneses contra os franceses vichyistas, atacando-os e criando um Estado vietnamita fantoche, com o imperador Bao Dai sendo uma marionete de Tóquio. Como dito anteriormente, a Indochina era um território estratégico para o Império do Japão, que tinha ali uma fonte de matérias primas, como a borracha, alimentação como o arroz e uma base para lançar diversas operações naquela região do Pacífico. Contudo, estabeleceram esse Estado pró-japonês tardiamente em 1945, poucos meses depois, seriam derrotados. Nesse momento, o *Vietminh* aproveitou para tomar o poder em Hanói e declarar independência, porém, de acordo com Visentini, o *Vietminh*.

não tirou o devido proveito da situação dos japoneses, sobretudo na apreensão de armas e domínio da economia. O governo fantoche continua dono da situação na maioria das cidades, enquanto oficiais franceses e elementos nacionalistas apresentam-se em algumas localidades para receber a rendição japonesa (VISENTINI, 2008, p. 37).

Mas o autor ressalta que o governo estabelecido pelo *Vietminh* logo recebeu muito apoio popular em Hanói, Hué e Saigon, as principais cidades, marchando de forma triunfante na primeira. Assim, o imperador Bao Dai abdicou em favor de Ho Chi Minh, todavia o Vietnã seguiu sendo ocupado por diversas tropas estrangeiras sendo francesas, britânicas e chinesas (*Kuomintang*) para receber a rendição japonesa, para Visentini, o Vietnã encontrava-se em uma situação contraditória de uma independência não consolidada (VISENTINI, 2008, p. 38).

Além disso, havia diversas facções políticas disputando o poder ao longo dos anos, umas pró-japonesas, outras pró-chinesas, umas anticomunistas, bem como as comunistas, segundo Currey, Ho intencionava criar uma frente unida juntando todos os grupos que queriam a independência do Vietnã, apesar das diferenças ideológicas, uns aceitaram, outros não, ressaltando a diversidade política do país. Todos contra os franceses, mas rivais entre si,

contudo, mais tarde, enquanto Ho estava negociando na França, Giap, assumindo o controle político do Vietnã temporariamente, investiu contra grupos opositores ao *Vietminh*. Alguns desses grupos aliaram-se aos franceses logo em seguida durante a Primeira Guerra da Indochina, talvez em uma tentativa de sobrevivência ou por considerarem os franceses menos piores do que os comunistas. Um dos resultados disso foi a associação quase que como sinônimo entre comunismo e patriotismo, visto que opositores estavam dispostos a se aliar aos invasores da pátria para derrotar o movimento que dizia lutar exclusivamente pela independência e libertação nacional. Retomaremos essa discussão posteriormente.

## 2.1 A AÇÃO SUBVERSIVA

Garcia trata da “subversão” e da “guerra subversiva”, também chamada “guerra revolucionária”. Segundo o autor, a subversão pode ser definida como desgaste físico e moral da autoridade vigente, não necessariamente visando tomar o poder, mas sim transformá-lo, obtendo o apoio popular e midiático favorável à sua causa, levando a uma mudança de regime, tal como uma revolução sugere. Para o sucesso da subversão, é fundamental a atuação política do movimento sobre o povo que é a base da subversão, oferecendo suprimentos, informação, partidários para a causa e ajudando-os a se esconder dos inimigos (GARCIA in: GIAP, 2005, p. 12). Mas a subversão também só se sustenta se houver um ambiente favorável, ou seja, uma precariedade socioeconômica e política, como por exemplo, o sistema colonial francês na Indochina. A partir disso, é possível seduzir as massas satisfazendo suas necessidades, elevando seu padrão de vida, prometendo um futuro mais próspero (GARCIA in: GIAP, 2005, p. 13).

Contudo, apenas promessas não são o suficiente, é preciso ação para completar a propaganda. Os objetivos finais da subversão apresentados por Garcia são:

Desmoralizar/desintegrar/desacreditar a autoridade, sustentando que o Governo é indigno e não está identificado com os valores nacionais, portanto estrangeiro;  
Atacar persistentemente o Poder com violência, para impressionar as massas;  
Procurar impunidade nos ataques, para demonstrar que o Governo é impotente e;  
Neutralizar e/ou arrastar as massas para impedir uma intervenção espontânea a favor do reestabelecimento da ordem anterior (GARCIA in: GIAP, 2005, p. 12-13).

Essas foram as ações realizadas pelas primeiras unidades de Propaganda Armada lideradas por Giap. O primeiro objetivo não parecia difícil de alcançar, devido às contradições do sistema colonial e as décadas de questionamento do mesmo, com lideranças nacionalistas e algumas revoltas, bem como censura e repressão já provocavam um certo descontentamento em parte da população. O segundo foi feito através de pequenos ataques contra patrulhas e

postos militares franceses, mostrando ao povo que eles tinham um exército disposto a lutar pela libertação deles. A impunidade estava na dificuldade dos franceses em combater a guerrilha<sup>24</sup>, que permanecia crescendo e se espalhando pelo território. Mais tarde, o principal fator de propagação desse objetivo seria feito pela mídia, que deveria noticiar a dificuldade do Governo em derrotar esses agentes subversivos.

No caso do Vietnã, o qual limita a área de atuação dessa monografia, o *Vietminh* conduziu uma “Guerra Revolucionária”, que é diferente de “Guerra Subversiva”. Garcia destacou a distinção entre ambas, o que se faz importante apresentar neste momento. Guerra Subversiva é, como visto acima, porém completando agora: “luta conduzida no interior de um dado território, por uma parte de seus habitantes, ajudados e reforçados ou não do exterior, contra as autoridades de direito ou de facto estabelecidas, com a finalidade de lhes retirar o controlo desse território ou, pelo menos, de paralisar a sua acção” (GARCIA in: GIAP, 2005, p. 14). Já a Guerra Revolucionária vai além disso, buscando substituir o “antigo regime” por um “novo”, realizando assim a Revolução, segundo o autor, nem toda a Guerra Subversiva é Revolucionária, mas o contrário é verdade, ou seja, toda Guerra Revolucionária é Subversiva.

A Subversão em si não é necessariamente violenta, a desobediência e rejeição da Autoridade estabelecida pode ser feita de forma pacífica, tal como fez Mahatma Gandhi na Índia, ao passo que a Guerra implica o uso da violência continuando a luta política por outros meios, conforme definiu Clausewitz. Seguiam essa premissa do autor prussiano também Lênin, Mao e sem sombra de dúvida, Giap. A Subversão pode decorrer apenas com a manipulação das vontades, o principal objetivo da ação política que segundo Ho Chi Minh, era mais importante do que a ação militar, enquanto a Guerra sempre será um processo violento, uma característica que se perpetua é a inseparabilidade da guerra e da política, quanto a isso, não temos dúvidas (GARCIA in: GIAP, 2005, p. 14-15).

A conquista dos corações e mentes resulta na participação popular no movimento, ajudando-o de forma significativa a triunfar sobre o inimigo, tal como se objetiva a Subversão e a Guerra Revolucionária. Clausewitz já trazia a ideia de participação popular na Guerra através da *Landsturm*<sup>25</sup>, onde o povo atacaria a retaguarda do inimigo em operações de

---

<sup>24</sup> De fato, o combate contra uma guerrilha bem organizada é uma tarefa muito difícil até os dias de hoje. A troca constante de comandantes franceses e americanos evidencia esse desafio, pois nenhum daqueles generais eram incompetentes ou incapazes, mas eram militares preparados para guerras convencionais, tal como a Segunda Guerra Mundial ou a Guerra da Coreia, e não para uma guerra irregular como o conflito na Indochina. Recentemente temos um exemplo, a retirada das tropas dos EUA do Afeganistão em 2021, assemelhando-se à saída do Vietnã do Sul em 1973, onde o governo afegão rapidamente foi derrubado pelos guerrilheiros do Talibã, que resistiram ao longo de duas décadas de presença americana no território.

<sup>25</sup> Ver CLAUSEWITZ. Da Guerra. Livro VI: A Defesa, Cap. 26: O Povo em Armas.

sabotagem e guerrilha, enfraquecendo-o em suas linhas logísticas e de comunicações enquanto luta contra as forças regulares na frente.

Garcia dividiu a Guerra Subversiva em partes, algo fundamental para se destacar para entender o desenvolvimento da estratégia de Giap. A primeira fase é a preparatória, onde surge o movimento e ele inicia seu planejamento, o autor não destaca muito esse momento, dando mais atenção aos seguintes. O segundo é chamado de fase de agitação, momento onde o grupo dissemina a propaganda a fim de ganhar mais apoiadores, desacreditando a autoridade vigente, que deve oprimir o movimento para a manutenção do status quo, ou então evidencia que não tem controle sobre a situação de revolta. Na terceira fase, o período pré-insurrecional, composto pela primeira e segunda fase, dá lugar a um novo, o período insurrecional, iniciando-se com a fase armada, onde a guerrilha assume o papel de tomada de poder, para o sucesso, ela deve ser móvel, maleável e amparada pelo apoio popular.

O objetivo da guerrilha é ampliar a agitação, sendo um momento crucial para a guerra revolucionária, pois os ataques da guerrilha devem provocar uma reação drástica da autoridade, martirizando seus membros e conseguindo com isso maior legitimação e apoio contra tal governo (GARCIA in: GIAP, 2005, p. 17). Mas como destacado anteriormente, a propaganda continua tendo papel fundamental, o autor destacou o papel da mídia que desempenha uma função importantíssima, através das notícias que alimentam constantemente o fator psicológico na população. Por exemplo, mostrando que os atentados da guerrilha seguem impunes ou que o Estado utiliza uma violência repressiva, minando a autoridade, creditando um caráter impotente ou tirânico da mesma. Assim, o movimento cresce até se equivaler à autoridade vigente, entrando na quarta fase: o Estado Revolucionário, que estabelece órgãos político-administrativos, escolas, hospitais em áreas controladas. Há o surgimento de um Estado paralelo ao Estado vigente, onde ambos disputam aquele território nacional. Chegando por fim na fase final, onde agora existem dois Estados lutando convencionalmente pelo domínio completo do território nacional, ambos encontrando legitimação em parte da população, procurando amparo no Direito Internacional, leis da guerra, alianças com outras nações, dentre outros.

Em suma, temos o nascimento de um movimento político, clandestino ou não, que possui um caráter revolucionário e vai crescendo com a propaganda, torna-se um movimento de luta armada questionando a autoridade vigente, até que a situação se expande ainda mais, resultando em dois Estados disputando o domínio do mesmo território. A guerra subversiva é uma guerra assimétrica, ou seja, onde uma força militar pequena e pouco equipada enfrenta uma outra força militar muito superior em recursos, tecnologia e armamento. O exemplo nesta

monografia são os membros da Frente de Libertação Nacional, descritos caricaturalmente como guerrilheiros de sandália e pijamas pretos, quando na verdade eram na sua maioria, camponeses humildes, que lutavam com o que tinham, contra um exército de uma das superpotências globais, equipado com um aparato terrestre e aeronaval avassalador. Geralmente esse tipo de conflito também é irregular, ou seja, não-convencional, segundo Garcia:

Desenvolvem-se em ambiente operacional de cariz subversivo, sem frentes, sem campanhas, sem bases, sem uniformes, sem santuários, sem pontos de apoio, sem respeito pelos limites territoriais, sem uma estratégia e sem uma tática definida, de objetivos fluidos, não programáticos. As suas “virtudes” estão na inovação, na surpresa e na imprevisibilidade, empregando por vezes o terror (limpeza étnica, massacre, rapto), onde o estatuto de neutralidade e a distinção civil/militar desaparecem. (GARCIA in; GIAP, 2005, p. 18).

São poucas dessas características elencadas acima que podemos ver no conflito analisado, tanto o *Vietminh* quanto a Frente de Libertação Nacional possuíram praticamente tudo aquilo que aparece como “sem” na citação acima com exceção ao tocante respeito pelos limites territoriais, visto que houve deslocamentos fluídos para os países vizinhos, tais como Camboja, China e o Laos, países oficialmente neutros no conflito durante a segunda parte, onde os EUA lutava diretamente, mas que extra-oficialmente tiveram suas participações. Já a violência contra as populações civis através de raptos e massacres, infelizmente não é uma característica que se restringe apenas à guerra irregular.

### **3 A PRIMEIRA GUERRA DA INDOCHINA E A BATALHA DE DIEN BIEN PHU (1954)**

Após contextualizar o Vietnã anterior à Segunda Guerra Mundial e situado Giap, sua origem e desenvolvimento naquela conjuntura, adentramos na vida militar do general. Neste ano (2024), o dia 7 de maio, marcou o aniversário de 70 anos da vitória vietnamita na Grande Batalha de Dien Bien Phu (1954) sobre as tropas francesas, representando o fim da Primeira Guerra da Indochina (1946-1954). Essa batalha é um marco do ápice da carreira militar de Giap, portanto terá mais destaque nesse capítulo. Porém, a primeira parte do capítulo visa discorrer sobre a Primeira Guerra da Indochina e os antecedentes dessa famosa batalha, tratando também do desenvolvimento das habilidades estratégicas de Giap ao longo desses anos pós-Segunda Guerra Mundial. Já na segunda parte, abordamos a batalha propriamente dita.

Visentini destaca esse momento, com o enfraquecimento do colonialismo europeu, onde as potências do Velho Continente encontravam-se arrasadas pela Segunda Guerra Mundial, necessitando de ajuda para a reconstrução que viria através do Plano Marshall, oriundo dos EUA e o COMECON (Conselho para Assistência Econômica Mútua), encabeçado pela URSS. Os dois planos para a reconstrução marcaram os anos iniciais do período que perdurou durante a segunda metade do século XX, a Guerra Fria (1947-1991), a qual teve grandes implicações para a Guerra do Vietnã, que nos propomos estudar nesta monografia. Em 1947<sup>26</sup>, o presidente dos EUA, Harry Truman fez seu famoso discurso no Congresso de seu país, destacando o novo mundo que emergiu ao fim da Segunda Guerra Mundial e como os EUA deveriam responder ao mesmo<sup>27</sup>, tratando-se de um mundo bipolarizado entre o Ocidente, liderado pelos EUA e o outro lado, liderado pela URSS. Os antigos aliados contra o nazifascismo tornaram-se rivais que disputavam a hegemonia global, tomando o lugar das antigas potências europeias. Os anos seguintes destacaram, como mencionado anteriormente, os dois planos de reconstrução da Europa aos moldes de ambas as

---

<sup>26</sup> O pai de Giap, Cuu Nghien, foi preso, torturado e morto em 1947, amarrado e arrastado por um jipe nas mãos das autoridades francesas, enquanto Giap estava com a guerrilha na região do Viet Bac (CURREY, 2002, p. 90-91).

<sup>27</sup> A Doutrina Truman foi a política externa dos EUA vigente durante boa parte da Guerra Fria, essa política esteve ativa durante todo o conflito no Vietnã. A Doutrina Truman foi anunciada em 1947 pelo presidente Truman em um discurso feito no Congresso dos EUA, ela consistia em um “dever” dos EUA, em exercer a liderança do “mundo livre, democrático e capitalista” que emergiu após o fim da Segunda Guerra Mundial. Os EUA deveriam utilizar do seu poder político, econômico, cultural e militar para conter a proliferação do comunismo, nas nações disputadas naquele momento, Grécia e Turquia, bem como as enfraquecidas e devastadas pela Segunda Guerra Mundial, como aquelas que receberam amparo do Plano Marshall.

novas potências mundiais em suas respectivas áreas de influência, enquanto na Ásia, o Vietnã declarou independência em 1946, representando o início da Descolonização que seguiu principalmente durante as primeiras décadas da Guerra Fria.

Ao passo que o triunfo dos comunistas na Guerra Civil Chinesa (1927–1937; 1946–1949), em 1949, com a proclamação da República Popular da China e a traumática Guerra da Coreia (1950-1953) serviriam para embasar a Teoria do Dominó<sup>28</sup> influenciando ativamente a ação dos EUA na região. Voltando ao Vietnã, como dito, a independência proclamada por Ho Chi Minh veio em um momento muito contraditório, pois além de dividido politicamente e ocupado por tropas estrangeiras ao norte pelo *Kuomintang* e ao sul pelos britânicos e franceses, o país encontrava-se em um período de grande fome, em decorrência do confisco de arroz, das enchentes e depois da seca subsequente levando a um êxodo rural (VISENTINI, 2008, p. 41). O autor destaca o momento com uma grande conspiração política francesa para restabelecer o controle colonial da Indochina, enquanto o *Vietminh* se limitava a atender concessões, procurando uma solução negociada, contudo, visto que não era do interesse francês, a diplomacia de Ho acabou sem sucesso, dando início a Primeira Guerra da Indochina (VISENTINI, 2008, p. 42).

Retornando ao prenúncio do conflito, o governo recém estabelecido do *Vietminh*, se encontrava em situação crítica devido às circunstâncias já mencionadas anteriormente, faltava comida, a população carecia de educação básica, os cofres do governo estavam praticamente falidos, além da divisão política interna na sociedade, tanto Visentini quanto Currey destacam conflitos armados em Saigon, em oposição a independência, a favor dos franceses. Relembrando a presença de várias tropas estrangeiras no país, sob a alegação de receber a rendição dos soldados japoneses remanescentes, enquanto principalmente britânicos, buscavam recuperar o controle colonial para os franceses. O governo do *Vietminh* procurou resolver os problemas socioeconômicos, mas a abrangência dessas políticas ficou limitada, devido à instabilidade provocada pelas disputas de poder com as forças ocidentais presentes principalmente na Cochinchina. Ainda no âmbito interno, os grupos trocavam acusações, os comunistas diziam que os demais tramavam com agentes estrangeiros para benefício próprio, em contradição com o ideal nacionalista que defendiam, ao passo que os demais acusavam os comunistas de controladores, censores, aos moldes fascistas, que usavam o nacionalismo para

---

<sup>28</sup> A Teoria do Dominó comparava os países a peças do jogo de mesmo nome, o dominó, onde ao posicioná-las enfileiradas, derrubando-se a primeira, as demais caem em sequência. Assim, se um país caísse nas mãos do comunismo, seus vizinhos seriam os próximos. Essa teoria ficou em evidência quando a China se tornou comunista e logo em seguida, a Coreia também, depois o Vietnã, Laos e Camboja. Os adeptos dessa teoria afirmam que seria uma questão de tempo até que todo o Sudeste Asiático se tornasse comunista e por isso, os EUA deveriam agir para impedir esse destino e salvaguardar seus interesses.

impor os ideais comunistas, havendo conflitos violentos entre os movimentos, o que enfraquecia a ideia de um governo de coalisão proposta pelo PCI (CURREY, 2002, p. 191-195).

Ho Chi Minh buscou negociar a independência com os franceses, segundo Currey, em fevereiro de 1946, Ho se encontrou com Jean Sainteny, o Comissário para os Protetorados do Annam e do Tonquim. A proposta era tornar o Vietnã independente dentro da União Francesa, o oficial francês foi favorável apenas para as regiões de Annam e Tonquim, com a Cochinchina ficando separado do restante do Vietnã naquele momento. Currey indicou que o *Vietminh*, naquele primeiro momento, visava uma aliança com a antiga metrópole colonial, a França, em virtude de uma ameaça maior. A China historicamente, do ponto de vista vietnamita, antes dos franceses, já haviam ocupado o Vietnã anteriormente, durante cerca de um milênio, ao passo que os ocidentais estavam ali apenas há um século. Contudo, no fim, os franceses e os chineses do *Kuomintang* entraram em um acordo, a França abriu mão de suas colônias na China enquanto os chineses abdicaram do Vietnã, retirando suas tropas do Tonquim, abrindo caminho para as ações francesas (CURREY, 2002, p. 206-207).

Vale comentar que na Cochinchina, os britânicos haviam libertado soldados franceses e rearmado tropas japonesas para empregá-las ao seu favor, aqueles militares preferiram isso ao invés de retornar para um Japão derrotado e destruído, havendo escaramuças com apoiadores do *Vietminh*. Na região sul do Vietnã era onde se concentravam a maior parte daqueles que apoiavam o regime colonial, temos isso em mente ao visualizar que posteriormente, o território de concentração do *Vietminh* era o Tonquim, onde possuíam maior controle. Enquanto no Sul, apesar da presença constante de seus partidários, foi mais difícil exercer autoridade de governo. Temos o Vietnã como uma “colcha de retalhos”, onde há diversas autoridades e territórios, um “Império em rede”<sup>29</sup>, onde não se é possível controlar o território completo, apenas alguns postos-chave como cidades, vilas e estradas, durante algum tempo, enquanto o interior abriga forças que lutam contra essa autoridade.

Apesar de já haver tiroteios entre franceses e vietnamitas antes, a guerra oficialmente iniciou quando Haiphong foi bombardeada e invadida<sup>30</sup>, com o fracasso das negociações e o ultimato francês exigindo o controle de Haiphong a Hanói (CURREY, 2002, p. 230-231).

---

<sup>29</sup> Esse conceito vem de: REDE, Marcelo. Imagem da violência e violência da imagem Guerra e ritual na Assíria (séculos IX-VII a.C.). *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 34, n. 64, p. 81-121, jan/abr 2018.

<sup>30</sup> A disputa teria começado pelo controle da alfândega, terminando com a retirada dos soldados do *Vietminh* para o campo. Segundo Keegan, Ho Chi Minh não desejava confronto com os franceses naquele momento, pois apesar de contar com cerca de 30000 soldados regulares, estavam completamente despreparados para enfrentar a França, contavam com pouco armamento e experiência teórica e prática (KEEGAN, 1976, p. 36).

Logo depois, Hanói foi sitiada e capturada, processo que levou cerca de dois meses de combate, levando a população liderada pelo governo do *Vietminh* a se retirar para o interior, inutilizando rodovias, ferrovias e pontes. Para Keegan, Giap cometeu um erro muito grave, talvez tenha subestimado o inimigo, visto como muito enfraquecido devido à Segunda Guerra Mundial, ou superestimando seus próprios soldados, muito motivados politicamente, mas com pouco preparo para uma guerra convencional. Assim, precisou recuar para o Viet Bac e empreender operações de guerrilha. Contudo, o erro dos franceses teria sido ainda maior ao demorar para perceber que estavam em uma guerra e não em um simples levante colonial (KEEGAN, 1976, p. 37).

Segundo Visentini, nesse momento Ho teria declarado que os vietnamitas teriam baixas dez vezes maior do que os franceses, mas venceriam a guerra, com o autor destacando a tática do *Vietminh* baseada na Guerra Prolongada de Mao. Iniciando-se na forma defensiva, passando para uma guerrilha generalizada até que chegasse o momento da Guerra Irregular se transformar em Convencional<sup>31</sup>, com uma contraofensiva levando as negociações. (VISENTINI, 2008, p. 43). Essa estratégia segue as considerações feitas no capítulo anterior desta monografia a respeito da Guerra Subversiva.

Giap<sup>32</sup> passou a empregar uma guerra de guerrilha contra os franceses naqueles anos iniciais, conseguindo enfraquecer sua ofensiva de ocupação ao estenderem suas linhas logísticas ao interior do território, sofrendo ataques de emboscada, na retaguarda, dispersando suas tropas, tornando-os vulneráveis. Isso possibilitou algumas vitórias táticas ao *Vietminh* primeiramente, apesar de muitas baixas sofridas ao ter um ataque frustrado pelo General Morlière (CURREY, 2002, p. 234). Vale mencionar o esforço de guerra empregado pelo *Vietminh* que desmontou fábricas para remontá-las completamente no interior da selva

---

<sup>31</sup> Buscando uma breve descrição, Guerra Convencional é quando os dois lados do conflito estão bem definidos, ambos possuem uma autoridade, um território, um exército regular identificado, há um front onde são travadas as batalhas. Enquanto a Guerra Irregular ou Não-convencional, como descrito no capítulo anterior, onde falamos de ação subversiva, é o contrário, quando é difícil distinguir um combatente de um civil, não há fronts definidos, com os combates podendo ocorrer em qualquer lugar do território, incluindo grandes cidades repletas de civis. É marcada pelas táticas de guerrilha e atentados ao invés de um combate direto como na Guerra Convencional, podendo ser também, uma Guerra Assimétrica, onde uma força é muito inferior em nível tecnológico, econômico e militar em comparação a outra.

<sup>32</sup> Antes do início da Primeira Guerra da Indochina, por volta de 1946, Giap teve um salto na carreira, ocupando cargos cada vez mais importantes como: Presidente do Comitê de Resistência Nacional, Vice-presidente do Conselho Supremo da Defesa Nacional, sendo promovido a General de Quatro Estrelas, Comandante-em-chefe das Forças Militares (CURREY, 2002, p. 208-210), mas anteriormente, em 1945, enquanto Giap era Ministro do Interior, já detinha o poder sobre as forças armadas, embora não fosse o Ministro da Defesa (CURREY, 2002, p. 178-179). Giap chegou a ser Presidente em Exercício do Vietnã em 1946, onde fez expurgos contra rivais políticos, utilizando soldados japoneses ao seu lado, segundo Currey (CURREY, 2002, p. 217-218), nesse ano, Giap havia alcançado o terceiro lugar na hierarquia do Partido, estando atrás de Ho Chi Minh e Pham Van Dong, conquistando finalmente o cargo de Ministro da Defesa Nacional (CURREY, 2002, p. 229-230).

vietnamita, transportando-as da maneira que renunciava a famosa Trilha Ho Chi Minh, que viria a ser construída anos mais tarde, possibilitando a produção de armamentos como morteiros e canhões, bem como minas e granadas (VISENTINI, 2008, p. 45-46). Contudo, a dificuldade em se obter armamentos e munições ainda era um enorme problema, o que tinham era insuficiente e especificamente sobre armas e munições, eram modelos diferentes de distintos calibres, o que se tornava uma preocupação maior ainda. A logística fica intrinsecamente dificultada quando não há uma padronização de equipamentos como se observa em exércitos ao redor do mundo<sup>33</sup> (CURREY, 2002, p. 205).

No final de março de 1947, a França já controlava as maiores cidades costeiras do Tonquim e do Norte do Annam, além de outras localidades urbanas localizadas na Cochinchina. Ocupava Hanói e outras comunidades do interior, além de controlar toda a área do Delta do Rio Vermelho. Os centros de comunicações e as estradas entre eles achavam-se a salvo nas mãos francesas; tudo isso, porém, não ajudou muito no momento que o Exército colonial pensou em retroceder o relógio para meados de 1930 (CURREY, 2002, p. 235-236).

Já em 1947, em pouco tempo os franceses conseguiram vitórias táticas importantes, como a conquista de Haiphong, o principal porto do Tonquim, quiçá do Vietnã inteiro, onde entravam e saíam mercadorias que traziam armas e receitas para o governo do *Vietminh*, e a captura de Hanói, a capital que representa o centro do poder político, bem como o Delta do Rio Vermelho, onde havia grande produção de arroz, responsável pela alimentação da população. O *Vietminh* também teve suas vitórias táticas, através do recuo para o interior da região, principalmente para o Viet Bac, ao norte do delta, fazendo fronteira com o sul da China, fonte de suprimentos, onde puderam se reagrupar e se organizar para o decorrer da guerra, possibilitado pela resistência ao cerco de Hanói durante dois meses. O Viet Bac foi a região perfeita para se refugiar, tornando-se um santuário que afastava os franceses, devido a altas montanhas, terreno muito acidentado, densas florestas, inundações e neblinas provocadas pelas monções e muitas cavernas para as tropas de Giap se estabelecerem (CURREY, 2002, p. 236). Sendo o apoio das populações locais vital para o exército de Giap, prestando diversos trabalhos de suporte na luta contra os franceses, enquanto o apoio externo ao *Vietminh*, nesse momento, em 1947, era muito limitado. Alguns suprimentos vinham da China, mas a retomada da Guerra Civil naquele país reduziu o auxílio, que seria retomado com mais peso após a vitória de Mao em 1949. Mais tarde, os chineses forneceram muitas peças de artilharia, enquanto a URSS entregou principalmente caminhões para a logística.

Já no lado francês, segundo Currey, sentiam-se frustrados, pois apesar de conseguir o controle de cidades, pontes, estradas, ferrovias e fortificações, que poderiam ser atacadas por

---

<sup>33</sup> Como exemplo, temos o Padrão OTAN.

morteiros, havia uma vasta porção de território entre essas posições que estava sob controle total do *Vietminh*, semelhante ao conceito de “Império em rede<sup>34</sup>”, e para piorar a situação, o Parlamento francês fazia pressão, enquanto a Revolta Malgaxe (1947-1948) em Madagascar poderia retirar tropas da Indochina. Ainda, o declínio do *Kuomintang* na China poderia representar maiores vantagens ao *Vietminh*, portanto, o General Valluy precisava de uma vitória rápida, o que deveria vir com a ofensiva chamada Operação Lea (CURREY, 2002, p. 238-239). Observamos nesse momento, vários fatores exercendo pressão sobre as tropas francesas.

Apesar de quase capturar Giap e Ho, a Operação Lea fracassou, pois, seu objetivo era invadir o santuário do *Vietminh* e eliminar as lideranças do movimento, contudo, os franceses tiveram mérito no início daquela ofensiva difícil de ser realizada, ao passo que os vietnamitas em vantagem se deixaram ser pegos desprevenidos por tropas paraquedistas, mas conseguiram reverter a situação cercado e expulsando os franceses que não se deram por vencidos. Giap aprendeu a proteger seu centro de comando mudando-o de local com frequência, dispersando o quartel-general em um território maior, protegendo-o com defesa antiaérea. Valluy iniciou outra operação chamada Ceinture, cuja estratégia era similar a anterior, contudo, seu objetivo e área de operação era muito mais limitada, os franceses deveriam capturar Tuyen Quang e Thai Nguyen (ao norte de Hanói), as duas cidades mais importantes da região do Viet Bac, derrotando as tropas do *Vietminh* que nelas se encontravam. Giap retirou suas tropas evitando o combate cedendo o Delta do Rio Vermelho aos franceses, o que poderia significar uma vitória tática francesa, contudo derrota estratégica, porque os poucos soldados de Valluy ficariam estacionados naquelas localidades, retirando a iniciativa da França naquela campanha. Com isso, o general Valluy perde seu posto para o tenente-general Blaizot, que não teria muito a fazer devido ao início das monções (CURREY, 2002, p. 238-243).

Giap e o *Vietminh* não precisavam vencer muitas batalhas para obter a vitória. Tinham apenas de obrigar os franceses a desistirem. O mesmo poderia ser posteriormente dito quanto aos norte-americanos. Contra os franceses, os objetivos de guerra eram ganhar a independência da França e unir o Vietnã sob um regime comunista único. Na Segunda Guerra da Indochina, o Politburo tinha três metas: (1) desestabilizar o Governo de Saigon substituindo-o por um comunista, (2) unir o Vietnã do Norte e o do Sul sob o mesmo regime comunista, e (3) compelir os Estados Unidos a retirarem-se, algo que Giap poderia realizar sem obter vitória militar (CURREY, 2002, p. 248).

---

<sup>34</sup> Esse conceito pode ser encontrado em: REDE, Marcelo. Imagem da violência e violência da imagem. Guerra e ritual na Assíria (séculos IX-VII a.C.). *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 34, n. 64, p. 81-121, jan/abr 2018.

Enquanto seus oponentes no campo de batalha tinham como objetivo a derrota militar do *Vietminh*, os vietnamitas possuíam outras metas, definiram os objetivos políticos e meios para alcançá-los, não havendo necessidade de vitória militar, como precisavam seus adversários. Nesse sentido, o *Vietminh* tinha uma certa vantagem, pois o sucesso da França e depois, dos EUA, dependia de uma vitória militar, só assim poderiam atingir seus objetivos finais, ao passo que para o *Vietminh*, e posteriormente para o Vietnã do Norte, bastava apenas não perder, resistir. Giap possuía conhecimento no campo da História Militar, mas precisou aprender a fazer guerra na prática, segundo Currey, Giap foi um autodidata, assim como outros famosos líderes militares como Júlio César, Tamerlão, Alexandre, Aníbal George Washington e Lawrence da Arábia. A guerra é um jogo de erros, Giap errou diversas vezes, aprendeu com seus erros e com isso, superou seus oponentes<sup>35</sup>, generais de formação profissional, comandantes de tropas de exércitos de nações mais poderosas do que a sua, os quais cometeram mais erros e não tiraram tanto proveito dos mesmos quanto Giap. (CURREY, 2002, p. 249)

A estratégia de Giap no campo militar: “Aceitava o preceito maoísta de que a guerra revolucionária passa por três estágios: defesa estratégica, guerra de guerrilha e contra-ofensiva.” (CURREY, 2002, p. 248), observa-se o primeiro estágio quando Giap disputava contra Valluy. No campo político, aprendeu com Ho Chi Minh a enfatizar o patriotismo, associando-o à revolução socialista, tendo como objetivos políticos as necessidades do povo como a reforma agrária (que teve de ser feita de forma bem cautelosa levando um longo período de tempo). Além disso, buscavam também a alfabetização e a melhoria das condições de vida da população, desse modo, parcela considerável do povo entregava suas vidas pelo *Vietminh*, garantindo o sucesso do movimento. O trato com a população civil foi vital, afirmou Currey que tanto os franceses quanto os norte-americanos desprezaram o poder do apoio das massas, confiando demasiadamente no próprio poder bélico, visando controlar o território com a força das armas, como veremos em breve, nem toda a população era comunista, mas o *Vietminh* buscava a fidelidade popular ao invés do controle territorial. Ao passo que as ações francesas e norte-americanas ignoravam e maltratavam as pessoas que poderiam tê-los apoiado caso fossem conquistados humanitariamente, desse modo, a difusão da propaganda comunista era demasiadamente facilitada entre as massas ressentidas com os estrangeiros. Nessas páginas, Currey caracteriza aquilo que chamamos de “guerra popular”,

---

<sup>35</sup> Leclerc (1946-1947), Valluy (1947-1948), Blaizot (1948-1949), Carpentier e Alessandri (1949-1950), De Lattre (1950-1951), Salan (1951-1953), e Navarre (1953-1954) no lado francês. Já no lado norte-americano, Westmoreland (1964-1968) e Abrams (1968-1972).

destacando que a lealdade dos civis os leva a um senso de sacrifício para com causa revolucionária, fazendo-os trabalhar incansavelmente na logística do *Vietminh* ajudando os soldados de Giap diretamente na luta e recusando a cooperação com seus inimigos ao calar-se quando interrogados (CURREY, 2002, p. 251-257). As bases da “guerra popular” podem ser encontradas nos “Sete Pilares da Sabedoria” de Lawrence da Arábia, sendo elas a guerra irregular, prolongada com a existência de santuários, contanto com uma certa simpatia da população (CURREY, 2002, p. 260-261). Porém esse comportamento não pode ser generalizado, pois como dito, em breve teremos um panorama mais detalhado sobre a população vietnamita diante do conflito que estamos estudando.

O ano de 1949 foi importantíssimo para o mundo em plena Guerra Fria<sup>36</sup>, não foi diferente para os vietnamitas, pois a vitória de Mao na China proporcionou ao exército de Giap santuários, locais de treinamento, bem como acesso a mais suprimentos para a guerra, Currey destaca o crescimento da tropa nesses anos, passando de 32 batalhões em 1948 para 117 em 1951 (CURREY, 2002, p. 266). Todos esses fatores traziam a necessidade de uma grande logística, um dos maiores méritos de Giap<sup>37</sup> e crucial para qualquer esforço de guerra, somando com o trabalho político que, segundo Giap, seria a alma do exército (CURREY, 2002, p. 267).

A maior parte das pessoas mobilizadas em conflito atuam na retaguarda operando a logística, similar a produção de um filme, onde há cerca de uma dezena de atores principais e coadjuvantes contrastando com as centenas de pessoas desconhecidas que trabalham em diversas funções nas filmagens. Segundo Currey, a situação naquele ano também indicava ser favorável aos franceses baseando-se no fracasso de Giap em destruir os postos militares no Viet Bac, próximos à fronteira com a China, os quais seus soldados engajaram frequentemente e a conquista do Delta do Rio Vermelho sob liderança do Major-General Alessandri, custando pouco para as tropas francesas, mostrando um relativo sucesso da tática de “limpar e manter” (CURREY, 2002, p. 272-274).

Se o objetivo de Giap era destruir aquelas posições e impedir a captura do Delta, ele fracassou, porém se seu objetivo era apenas manter os franceses engajados, teve sucesso. Alessandri conseguiu cooptar parte da população insatisfeita com algumas posições do *Vietminh*, dentre eles, Currey destaca sobreviventes dos expurgos de Giap e católicos, além disso, a captura do Delta proporcionou maior controle sobre o arroz, item importantíssimo

---

<sup>36</sup> Foi durante 1949 que foi fundada a OTAN, a Alemanha Ocidental e a Oriental, o primeiro teste nuclear soviético, colocando o fim ao monopólio daquela arma pelos EUA e a já citada fundação da República Popular da China.

<sup>37</sup>

para a alimentação e para a economia local, contudo, seus esforços nesse ponto perderam sua força devido aos suprimentos vindos da China (CURREY, 2002, p. 275-276). Mas Keegan afirma que a partir do ano de 1949, os franceses perderam parte de sua vantagem sobre o *Vietminh*, no tocante a posse de armamento pesado, pois as tropas de Giap começaram a receber esse tipo de armamento da China de Mao (KEEGAN, 1979, p. 48).

Chegou então o ano de 1950, naquele tempo, Giap acreditava-se pronto para passar da guerra de guerrilha para uma guerra de movimento (CURREY, 2002, p. 280), iniciando a Operação Le Hong Phong, cujo objetivo era controlar a fronteira norte do Vietnã possibilitando uma conexão com a China fortalecendo as bases logísticas do exército do *Vietminh*, obtendo sucesso e infligindo uma pesada derrota aos franceses, seguindo para uma campanha no Delta ocupado. Os franceses, segundo Keegan, travavam uma guerra de postos e comboios:

Vários dos desastres sofridos pelos franceses foram provocados por seus próprios comandantes, em particular a destruição das guarnições de Cao Bang e That Mhe, que tinham recebido ordens de abandonar seus fortes e recuar em colunas abertas, ao longo da RC4. A maior humilhação seguiu-se à evacuação de Lang Son, porque os eventos pouco depois revelaram que a providência fora provocada pelo pânico e que pôs nas mãos do vietminh munição suficiente para abastecer todas as suas peças de artilharia durante dois anos de luta seguintes (KEEGAN, 1979, p. 49).

Foi um momento crítico para os franceses na Indochina, segundo Keegan, quando o General De Lattre chega ao Vietnã para assumir o comando, havia se deparado com planos para o abandono do Tonquim, em fuga para o sul do Annam e da Cochinchina, com De Lattre tendo que demitir os oficiais “incompetentes e covardes” reestruturando a cadeia de comando do exército na Indochina (KEEGAN, 1979, p. 51). Esse período também marcou o início da Guerra da Coreia (1950-1953), a qual teve um impacto considerável na mentalidade dos militares e dos líderes políticos daquele tempo, sendo vista como um agravamento da queda do *Kuomintang* na China, que se refugiava na ilha de Taiwan, enquanto no continente nasceu a China comunista, ressaltando a urgência da Doutrina Truman e da Teoria do Dominó (VISENTINI, 2008, p. 47). Primeiro a China, depois a Coreia, o próximo seria o Vietnã, tendo isso em mente, os EUA aumentaram gradualmente a ajuda aos franceses, custeando boa parte do conflito: “Em 1951, os Estados Unidos cobrem 15% da guerra; em 1952, 35%; em 1953, 45% e em 1954, 80%” (VISENTINI, 2008, p. 49).

Em contraste com o sucesso em 1950, os anos seguintes foram bem desastrosos, em 1951, Giap empreendeu uma ofensiva contra diversas cidades na região do Delta do Rio Vermelho, visando libertar as principais cidades, Hanói e Haiphong, sua logística e movimentação de tropas foi muito bem executada em alguns momentos, mas as tropas

francesas resistiram fortemente, causando severas baixas ao exército do *Vietminh*. Visentini atribui mérito ao general De Lattre que construiu uma linha fortificada em torno do Delta, para negar acesso do *Vietminh* àquela região produtora de arroz, onde se concentrava também as principais cidades do Tonquim. Contudo, “ao transformar as pequenas bases em grandes fortificações fixas e grupos móveis, De Lattre não supera o dilema enunciado por Giap em sua análise da nova situação” (VISENTINI, 2008, p. 47). Aqui se faz o momento apropriado para apresentar o dilema que De Lattre enfrentava, que, segundo Giap, persistiu durante toda a guerra, passando por De Lattre, Salan e Navarre (GIAP, 2005, p. 146-148). O corpo expedicionário francês:

se encontra diante de uma contradição: sem dispersar suas tropas, era-lhe impossível ocupar os territórios invadidos; ao dispersá-los, eles colocavam a si próprios em dificuldade. Suas unidades divididas tornavam-se presas fáceis para nossas tropas, suas forças móveis se encontravam cada vez mais reduzidas e a penúria de efetivos não fazia mais que se acentuar. Se ele concentrava suas tropas para poder fazer face à nossa ação e retomar a iniciativa, suas forças de ocupação diminuía tanto que se lhe tornava difícil, mesmo impossível, guardar o terreno adquirido (VISENTINI, 2008, p. 48).

Currey destaca a influência de conselheiros chineses motivando o uso da estratégia de “ondas humanas” que teve sucesso na Coreia, a falta de mobilização política da população, cuja parte apoiava os franceses, a demora de Giap para suspender operações mal sucedidas e a intrincada defesa francesa utilizando napalm, postos fortificados em terreno estratégico, um campo aberto, e marinha fluvial. Em 1952, outra campanha desastrosa contra uma base francesa localizada nas planícies costeiras trouxe um duro golpe na moral da tropa de Giap, muitos soldados desertaram em meio a elevadíssima baixa e Truong Chinh, antigo amigo de Giap que havia se tornado seu maior rival, não perdeu a oportunidade para atacá-lo. Giap precisou regressar à estratégia anterior de recuar para dispersar as tropas francesas pelo território, poupando assim os seus próprios soldados.

Para Keegan, Giap cometeu o mesmo erro que havia cometido em 1946, o de julgar ser o momento certo para passar da fase de guerrilha para a da ofensiva geral (KEEGAN, 1979, p. 56-57). Enquanto isso, no lado francês, o General De Lattre, que havia perdido seu filho em combate durante o ano anterior em Ninh Binh<sup>38</sup>, padecia de câncer, cedendo o cargo para o General Salan. Uma grande perda, pois o General De Lattre talvez tenha sido o melhor comandante francês na Guerra da Indochina, ele conseguiu virar o jogo a favor da França durante o pouco tempo que esteve em campo, ao reagrupar as tropas, conseguir reforçar a defesa no Delta e infligir pesadas derrotas para Giap. Segundo Keegan, De Lattre foi

---

<sup>38</sup> Ao sul de Hanói, próxima ao Rio Day, onde Giap sofreu as maiores baixas naquele período, mas para De Lattre, essa vitória custou o seu filho, Currey e Keegan mencionam o acontecimento.

responsável por adiar o desastre da campanha francesa, o que mais tarde ocorreu em Dien Bien Phu (KEEGAN, 1979, p. 59).

Salan avançou e conquistou Hoa Binh, a oeste de Hanói, com Giap cedendo espaço até que então consegue contra-atacar causando grandes baixas aos franceses custando também muitos soldados do seu lado (CURREY, 2002, p. 287-293). Mas para Keegan, essa batalha recuperou o fôlego de Giap, que após a surra sofrida anteriormente, pode retomar a iniciativa, que se traduziu no avanço para oeste, em direção a região onde mais tarde ocorreu a grande batalha de Dien Bien Phu, que trouxe a Giap seu ponto mais alto na carreira (KEEGAN, 1979, p. 61).

Então, durante 1952, Giap conseguiu recuperar-se do desastre dos últimos meses, agora em direção ao oeste envolvendo o Laos no cenário, convém lembrar que o Laos também fazia parte da Indochina Francesa, portanto estava incluído no conflito chamado Primeira Guerra da Indochina, que estamos estudando, porém com o recorte limitado ao Vietnã. Giap realizou uma ofensiva no oeste do Tonquim, cujo objetivo segundo Currey era destruir os postos franceses e assegurar o movimento de suas tropas, ao passo que Salan respondeu com a Operação Lorraine, mas fracassou, acabando imobilizado diante das operações do *Vietminh* na região e no Laos (CURREY, 2002, p. 296). Para Keegan, essa operação teve alguns êxitos mas, custou muito caro aos franceses, trazendo muitas baixas, devido ao fato de se tratar de uma operação de penetração profunda no território controlado pelo inimigo. Com isso, Giap pode recuperar parte do prestígio perdido enquanto os franceses perderam aos poucos o fôlego que De Lattre os havia conseguido (KEEGAN, 1979, p. 61).

Contudo, a situação não estava boa para Giap, que vinha sofrendo pressão política devido ao desastre nos anos de 1951 e 1952, seu tempo estava acabando, pois, ao chegar fevereiro de 1954, foi decidido que haveria uma conferência em Genebra para decidir “importantes assuntos no Extremo Oriente, tais como os da Indochina” (CURREY, 2002, p. 305). Isso significava um prazo, tanto para ele quanto para os franceses, para conseguir aquilo que se objetiva com uma guerra limitada, a obtenção de um grande trunfo para usar na mesa da negociação de armistício a seu favor. Essa data marcava a realização de uma Conferência em Genebra para discutir o fim da guerra entre o *Vietminh* e a França (CURREY, 2002, p. 304-305).

Observamos que no Delta do Rio Vermelho, o exército de Giap fracassou em sobrepujar suas fortificações a grandes custos, levando Giap mover suas operações em direção ao noroeste, atacando pequenas guarnições francesas, buscando atrair seus inimigos a uma dispersão. Enquanto para os franceses, apesar da vitória, também tinham problemas com a

imobilização de muitos soldados naquelas posições, que ficavam impedidos de avançar contra o *Vietminh*, combatendo suas ofensivas em demais regiões, segundo Keegan, Navarre buscava liberar esses soldados para utilizá-los em outras operações, visando diminuir esse problema da imobilização (KEEGAN, 1979, p. 67).

Em 1953, o contexto francês era permeado por protestos de parte da população, mais alinhada com a esquerda socialista-comunista, que clamavam pela paz na Indochina, principalmente no Vietnã, enquanto a corrupção na elite governamental, financeira e comercial, extraia lucros com aquela guerra. Os Estados indochineses eram fantoches de Paris e muito interessante citar a criação do Exército Nacional Vietnamita, sob o governo de Bao Dai, o último imperador vietnamita, que deveria aos poucos aumentar sua presença na guerra diminuindo o custo francês da mesma. Parece que as ideias de vietnamização do conflito e de uma paz negociada com o *Vietminh* extraoficialmente não foram novidades posteriores, durante a fase americana da guerra, ainda que houvesse muitas dificuldades para seguir a frente com aquele projeto durante a fase francesa (KEEGAN, 1979, p. 66-67).

O comandante francês naquele momento era o General Navarre, que não tinha o conhecimento adequado sobre a Indochina, assim como Carpentier, seu antecessor, estava em uma situação delicada devido à conjuntura francesa. Ele estabeleceu um centro de operações na vila de Dien Bien Phu, visando a partir dali realizar patrulhas que dificultariam a logística e as manobras do *Vietminh*, obrigando-os a dispersar-se entre o Delta e o noroeste do Tonquim adentrando o Laos (CURREY, 2002, p. 306). O objetivo principal era impedir que o *Vietminh* continuasse com suas operações no Laos, que demandam resposta francesa, levando a dispersão de suas tropas (VISENTINI, 2008, p. 50). Giap, adentrou o território laosiano com facilidade, contudo, precisou recuar devido a resposta francesa e dificuldades logísticas (KEEGAN, 1979, p. 62).

Segundo Giap, Navarre pretendia reagrupar tropas no Delta do Rio Vermelho para enfrentar as forças principais do *Vietminh*, enquanto utilizava Dien Bien Phu para atacá-los pela retaguarda. Aproveitaria as monções para consolidar o domínio francês na Cochinchina e depois avançar para conquistar o Tonquim, encerrando o conflito (GIAP, 2005, p. 144). Navarre capturou o vale de Dien Bien Phu, que segundo Keegan, estava sob controle do *Vietminh*, o autor afirmou que foi uma vitória fácil para os franceses que tiveram poucas perdas e que seus inimigos não buscavam contestar essa conquista (KEEGAN, 1979, p. 73). Mas Giap disse que havia cercado a região ainda durante dezembro de 1953, desencadeando operações bem sucedidas no Laos (GIAP, 2005, p. 145), o que talvez tenha frustrado o plano de Navarre em conquistar o Tonquim.

O valor estratégico daquela vila se devia ao fato de ser um ponto de junção entre três estradas, uma em direção ao norte indo para a China, outra em direção ao nordeste, portanto, ao delta do Rio Vermelho e a última em direção ao Sul, adentrando o Laos, cuja fronteira era próxima<sup>39</sup>, além disso, havia produção de arroz e ópio, que alimentava e gerava receitas a quem ocupasse a região. Currey deixa a entender que o ópio gerava receitas para o *Vietminh*, já Visentini insere a região como rota do tráfico de drogas proveniente do Triângulo de Ouro do norte da Birmânia, controlado por um general do *Kuomintang* e que gerava receitas para a França. (VISENTINI, 2008, p. 50). A vila se localizava em um vale coberto pela selva e possuía duas pistas de pouso e decolagem de aeronaves, principal meio de abastecimento da região que fica a cerca de 270 km de distância de Hanói. Keegan questionou a real importância estratégica de Dien Bien Phu:

O prêmio da batalha era igualmente de pouco valor: a posse de algumas fortificações de campanha, mal construídas e incompletas, e de uma pista de pouso temporária. A população local, que nunca fora grande, fugira antes do começo da batalha e suas poucas e frágeis moradias haviam sido demolidas, para dar material de construção para as trincheiras. Ademais, sua existência sempre foi marginal, pois o vale pouco produzia, e embora duas estradas “importantes” o atravessassem, suportando o tráfego entre o Vietnã do Norte e o nordeste do Laos, nenhuma das duas estradas era adequada para veículos motorizados, nem preparada para suporta-lo. A importância das estradas estava em que elas indicavam um eixo de comunicação, e não que sustentassem um fluxo de comércio ou uma pressão populacional. E, mesmo assim, aquele eixo de comunicação era mais teórico e potencial do que real e concreto (KEEGAN, 1979, p. 9).

Navarre posicionou cerca de 10.000 soldados<sup>40</sup> na vila, sob o comando do Coronel De Castries, que a converteu em uma fortaleza pronta para destruir as tropas de Giap que quisessem atacá-la, segundo Visentini, o que também é sustentado por Keegan, era objetivo dos franceses atrair Giap para uma batalha decisiva naquele local, o que deu certo, mas não saiu como os franceses esperavam (VISENTINI, 2008, p. 50). Para Keegan, os franceses entendiam que a posição defensiva em Dien Bien Phu não poderia ser passiva, eles deveriam atacar as redes logísticas e de comunicações do *Vietminh*, operando assim em sua retaguarda, desse modo, Giap seria forçado a atacar Dien Bien Phu (KEEGAN, 1979, p. 75), caso contrário, o *Vietminh* podia simplesmente ignorar a posição francesa, contornando-a em direção ao Laos (KEEGAN, 1979, p. 86). Keegan expõe alguns motivos para Giap ter

---

<sup>39</sup> Ver Anexo A.

<sup>40</sup> Desse total, cerca de 7.000 eram combatentes, o restante eram tropas de apoio, dentre todos, encontravam-se tropas vietnamitas do Exército Nacional e tropas oriundas de outras colônias francesas (CURREY, 2002, p. 310). Keegan também destaca a maioria da tropa francesa como soldados oriundos das colônias, com metropolitanos sendo os militares com patente mais alta em sua maioria (KEEGAN, 1979, p. 42-43), contudo, essa constatação não diminui a força dos soldados lutando pela França, foram homens corajosos e valentes, lutaram bravamente contra um inimigo feroz, havia tanta determinação e motivação em um lado quanto no outro.

aceitado a batalha como de fato pretendiam os franceses, Dien Bien Phu era um convite, podemos dizer assim. Para Keegan, Giap:

Primeira, e mais importante, ele perseguia a oportunidade de colocar a guerra em estádio de “ofensiva final” - como tentara fazer desastrosamente em 1946 e 1951, mas agora achava que podia tenta-lo com segurança; segunda, seu eixo de operações estava na direção de Dien Bien Phu, por causa de sua nova invasão no Laos; terceira, seus sapadores, com a ajuda dos chineses, haviam construído uma estrada permanente, chegando até quase Lai Chau (a capital dos thai dos altiplanos), e nela reunira considerável frota de caminhões; quarta, ele considerava a posição de Dien Bien Phu uma armadilha em potencial para os franceses, na qual poderiam ser esmagados pelo peso dos números e pelo poder de fogo (KEEGAN, 1979, p. 75-76).

Como dito, anteriormente, era do interesse francês atrair seus inimigos para uma batalha decisiva naquele local, esse era o objetivo da Operação Castor, contudo, Keegan advertiu que se Navarre tivesse informações mais precisas sobre a real condição do *Vietminh*, não teria seguido adiante com esse plano (KEEGAN, 1979, p. 76). É fato que a primeira vítima da guerra é a verdade e o comandante só pode saber com precisão se sua real condição, dependendo de relatórios de inteligência para conhecer o que se passa no lado do inimigo, Clausewitz já dizia isso:

Existe ainda um outro fator que pode levar uma ação militar a uma paralisação: não conhecer perfeitamente a situação. A única situação que um comandante pode conhecer perfeitamente é a sua própria. A do seu oponente ele só pode conhecer através de uma inteligência não confiável. A sua avaliação, portanto, pode ser equivocada e pode levá-lo a supor que a iniciativa está com o inimigo, quando na realidade permanece com ele. É evidente que esta avaliação equivocada provavelmente o levará a realizar uma ação no momento inoportuno e terá maior influência em reduzir o ritmo das operações do que em acelerá-las. Apesar disto, ela deve ser incluída entre as causas naturais que, sem acarretar necessariamente uma contradição, podem levar a atividade militar a uma paralisação. Os homens estão sempre mais propensos a colocar a sua avaliação do poderio inimigo num nível muito elevado do que num nível muito baixo, pois esta é a natureza humana. Tendo isto em mente, podemos admitir que uma ignorância parcial da situação é, falando de uma maneira geral, um fator importante para retardar o avanço da ação militar e para atenuar o princípio que a fundamenta (CLAUSEWITZ, 1984, p. 87).

Mas o Serviço de Inteligência francês falhou gravemente de modo que Navarre fundamentou seu plano de operação em Dien Bien Phu com base na impossibilidade de Giap ameaçar seriamente aquela posição, o que se mostrou terrivelmente equivocado. As fortificações foram organizadas dessa forma:

Agrupou a maioria de suas fortificações perto da pista de aterrissagem principal e do vilarejo; Huguette a oeste, Claudine ao sul, Eliane a leste e Dominique a nordeste. A casamata do posto de comando ficava no centro. Cada uma localizava-se em pequenas elevações que se destacavam na planície. O General De Castries tentou coordenar o poder de fogo de cada posição de tal modo que pudesse assegurar o cruzamento e o apoio mútuo de fogos para os outros pontos-fortes<sup>41</sup> (CURREY, 2002, p. 310).

---

<sup>41</sup> Essa tática é chamada de Defesa do Ouriço (Hedgehog Defence), que foi utilizada em outras ocasiões durante a Primeira e Segunda Guerra da Indochina por ambos os lados beligerantes. (Nota minha)

Além disso:

Quatro outras áreas defendidas independentemente ficavam a curta distância das fortificações principais. Beatrice estava precisamente a 1600m de distância na elevação ao norte, bloqueando uma das estradas. Gabrielle, 3200m para o norte, achava-se a este da estrada que levava a China. Anne-Marie situava-se empoleirada em uma elevação aproximadamente a 2400m a nordeste da pista de aterrissagem (CURREY, 2002, p. 310).

Por fim: “Cerca de 6,5km para o sul encontrava-se Isabelle, perto da pista pequena” (CURREY, 2002, p. 310). Adicionalmente, se fez necessário a reforma das pistas de pouso, pontes para a passagem de carros de combate, bunkers, trincheiras e alambrados, o quartel-general e um hospital subterrâneos, instalações de tratamento de água, estações geradoras, oficinas de manutenção e reparo, depósitos de munição e suprimentos (KEEGAN, 1979, p. 78). Com tamanha complexidade, Currey destacou uma série de falhas na defesa francesa como a má localização dos pontos fortificados com destaque para Isabelle, a posição mais distante das demais, que foi a última a cair, concentrava cerca de um terço de todo o efetivo francês, 3 de 12 batalhões, contando com cavalaria e artilharia, que não conseguia apoiar com efetividade as posições mais distantes, ou seja, Gabrielle, Beatrice e Anne-Marie.

Quando foram cercados, ficaram incapazes de apoiar as demais posições durante a batalha, privando o restante dos defensores de um apoio considerável, além disso, segundo Currey, os fios telefônicos não haviam sido enterrados, possibilitando que um corte proposital ou um rompimento eventual dos mesmos, prejudicasse as comunicações dos defensores. Currey também afirmou que as posições francesas careciam de trincheiras interligando-as e obstáculos como arame farpado e campos minados, também não havia cobertura nas trincheiras que levavam ao hospital, que não conseguiu atender a quantidade de feridos que haviam. Por fim, faltou material e equipamento de construção, para os defensores realizarem melhorias nas fortificações, com esses recursos chegando tardiamente cerca de um mês antes da batalha, considerado por Currey como tempo suficiente apenas para reforçar o quartel-general, o posto de comando, o centro de comunicações e a sala de Raio X do hospital subterrâneo (CURREY, 2002, p. 311). Para Keegan, seriam necessárias mais de 30.000 toneladas de material e equipamento de construção, com a força aérea francesa podendo fornecer apenas 150 toneladas (possivelmente diárias), dentre as quais priorizava-se munição e alimentação, sendo necessário dismantelar as casas da população civil que lá vivia para conseguir materiais básicos como madeira, pois era arriscado derrubar as árvores nos arredores do vale devido a possíveis emboscadas do *Vietminh* e também não havia infraestrutura adequada para transporte da madeira extraída (KEEGAN, 1979, p. 78-82).

Além disso, Currey destaca outras falhas, oriundas da excessiva confiança em suas próprias capacidades, vinda de assessores franceses e norte-americanos que visitaram Dien Bien Phu para inspecionar as fortificações, onde a artilharia francesa encontrava-se vulnerável, sem proteção (CURREY, 2002, p. 312). Mas para Keegan, os franceses não acreditavam que o *Vietminh* conseguiria superá-los “em peso de armaria” devido a sua inferioridade em transporte, prejudicando a capacidade de levar armamento pesado, como peças de artilharia para a região (KEEGAN, 1979, p. 75), contudo, Giap mostrou aos franceses que eles estavam terrivelmente equivocados.

Ainda, falando em transporte, a maior fraqueza da fortaleza de Dien Bien Phu também era, sobretudo a logística, é verdade que se localizava na junção de três estradas importantes, como dito anteriormente, todavia, não era difícil emboscar comboios nas mesmas, como Giap havia demonstrado em 1950. Portanto, os franceses podiam contar apenas com o reabastecimento aéreo, que poderia ser comprometido caso seus inimigos utilizassem artilharia contra as pistas de pouso e contra o céu. Assim como os assessores dos franceses estavam demasiadamente confiantes, os dos vietnamitas também estavam, os chineses e os soviéticos prestaram bastante auxílio com equipamento e tropas para Giap (CURREY, 2002, p. 317). Ele dispunha de uma boa quantidade de suprimentos para atacar, porém, ainda insuficientes, sendo preciso construir estradas camufladas para caminhões, posições de tiro ao redor do vale e trincheiras cercando a fortaleza, e “onde estradas não podiam ser construídas, (caminhões) eram movidos por nada mais que o suor e os músculos de nossos soldados” (CURREY, 2002, p. 319), o que os franceses não acreditavam ser possível.

Os chineses pressionavam para um ataque rápido e avassalador com ondas humanas, tal como foi feito na Guerra da Coréia, trazendo assim uma rápida vitória, mas Giap havia aprendido com erros passados e optou por não repetir o desastre dos anos anteriores, sua estratégia consistia em atacar e avançar com segurança para obter uma vitória com mais segurança (CURREY, 2002, p. 313-317). Um ataque rápido poderia evitar os ônus de uma campanha prolongada, mas apesar das desvantagens francesas, segundo Giap, Dien Bien Phu era um campo entrincheirado poderoso e suas tropas não tinham experiência em ataques contra campos fortificados. Giap teve duras derrotas quando havia tentado atacar o Delta do Rio Vermelho durante os anos anteriores, o mesmo desastre não poderia ser repetido novamente. Assim, ele optou pelo “princípio fundamental da condução duma guerra revolucionária: atacar para vencer, atacar apenas quando a vitória é garantida; caso contrário, não atacar” (GIAP, 2005, p. 154). Levando em conta os fracassos anteriores, parece que Giap aprendeu esse princípio fundamental na prática.

Assim, os preparativos para a batalha de Dien Bien Phu não se limitaram aos arredores do vale, Giap visando neutralizar a logística francesa na região, realizou ataques aos aeródromos de Cat Bi e Gia Lam na região do Delta do Rio Vermelho, nas proximidades de Hanói e Haiphong (cerca de 340 km de distância), visando destruir aproximadamente 78 aeronaves. Outros ainda mais distantes, com Currey descrevendo que muitos postos na Cochinchina foram atacados, sendo conquistados e evacuados, chegando a afundamentos de navios na Baía de Saigon, cortando a Estrada Colonial 5. Destacando o papel das milícias populares e grupos de guerrilha atacando a retaguarda francesa, “neutralizando efetivamente o controle do terreno pelos franceses”, nas palavras de Currey e após suas respectivas missões, retornar a Dien Bien Phu para o ataque final<sup>42</sup> (CURREY, 2002, p. 320). Ainda sobre as operações em preparo para a Batalha de Dien Bien Phu:

Giap demonstrava ser não só um tático mas também um estrategista. Em dezembro<sup>43</sup>, ele infiltrara tropas regulares das suas formações ao sul do delta, perto de Vinh, através da “Cadeia Anamita”, de altas colinas calcárias que separam o Vietnã do Laos, ocupara Thakhet, no rio Mekong, e ameaçava Savannakhet – num movimento que interrompeu as comunicações entre o norte e o sul do Laos e que só foi neutralizado com a abertura de uma nova cabeça-de-ponte aérea em Senon. Em fins de janeiro<sup>44</sup>, em resposta à “Operação Atlante”, Giap iniciou outra ofensiva diversiva no planalto das montanhas ao sul de Annam, ameaçando Kontum, Pleiku e An Khe – nomes com que o exército americano viria a preocupar-se doze anos mais tarde. E em fevereiro, recorrendo às reservas reunidas em torno de Dien Bien Phu, em preparação para a batalha, ele fez uma incursão-relâmpago na direção da verdadeira capital do Laos, Luang Prabang. Para detê-la, os franceses foram obrigados a desviar mais tropas e mais aviões de sua principal força de operações. No começo de março, quando a batalha de Dien Bien Phu estava prestes a começar, os franceses se encontravam comprometidos em quatro outras frentes subsidiárias e tendo que manter quinze bases aéreas operacionais, quatro das quais, Dien Bien Phu propriamente dita, Pleiku, Seno e Zieng Khoubang, perto de Luang Prabang, eram verdadeiras “cabeça-de-ponte aéreas”, dependendo inteiramente de transporte aéreo para o seu abastecimento. Além da dispersão de suas forças móveis, provocada pela ação diversiva de Giap, ela também exigiu demais dos recursos da força aérea francesa (KEEGAN, 1979, p. 115-117).

Para Giap, foi essa a estratégia que permitiu a vitória. Diversas operações menores em sincronia com a batalha em Dien Bien Phu, forçando os franceses a dispersar suas tropas pela Indochina para responder a esses ataques, diminuindo seus recursos para reforçar o *front* principal. Giap tirou a iniciativa dos franceses e impediu que eles a recuperassem, mantendo-os na defensiva, na passividade, dependendo da ação ou reação de Giap para agir, assim, Navarre acabou em uma grande desvantagem, representada tanto pelo dilema francês<sup>45</sup> quanto

---

<sup>42</sup> Giap detalhou em GIAP, 2005, p. 160-161.

<sup>43</sup> Ainda em 1953.

<sup>44</sup> Já em 1954.

<sup>45</sup> Reagrupar para atacar ou dispersar para ocupar o território.

pela estratégia bem sucedida de Giap empregando a Guerra do Povo (GIAP, 2005, p. 150-151). Sobre a Dien Bien Phu:

Giap dividiu o cerco em três fases: (1) destruir a pista de aterrissagem no subsetor norte e capturar os pontos fortes em Beatrice, Gabrielle e Anne-Marie; (2) apertar o cerco dos franceses e destruir o subsetor central comprimido em torno da pista de aterrissagem principal e da vila; e (3) lançar o ataque final sobre o que restasse, incluindo a posição fortificada de Isabelle (CURREY, 2002, p. 321-322).

Ainda assim, Dien Bien Phu era um campo fortificado que contava com artilharia, blindados e apoio aéreo, o que para Giap, representava uma grande dificuldade para os seus soldados. Foi preciso escavar uma enorme rede de trincheiras ao redor das posições francesas, para cercá-los e também diminuir o impacto da artilharia e do napalm sobre os homens de Giap, além de protegê-los dos disparos vindos dos fuzis e metralhadoras francesas. Apesar de todos esses esforços, ainda tiveram muitas baixas, contudo, acabaram vencendo. Além disso, para Giap, foi preciso aumentar o próprio poder de fogo através de um emprego mais eficiente das peças de artilharia que possuía. Dessa forma, fez-se necessário abrir diversas estradas pela selva, onde era possível, e puxar, empurrar e carregar as peças com as próprias forças onde não foi possível construir estradas, posicionando-as em locais protegidos nas montanhas ao redor do vale. Giap desejava com esse esforço, diminuir a força do inimigo e aumentar a sua, precisando atacar onde os franceses eram fracos, ou seja, no reabastecimento da fortaleza que dependia das aeronaves (GIAP, 2005, p. 156-157).

Assim, a Batalha de Dien Bien Phu<sup>46</sup> iniciou-se no dia 10 de março de 1954 com ataques de artilharia contra a pista de aterrissagem principal, inutilizando-a ao cobri-la de crateras. A artilharia de Giap foi tão importante que, para Currey, “cerca de 75% das baixas francesas decorreram não em combates de infantaria, mas do fogo da artilharia” (CURREY, 2002, p. 323). A segunda semana de março, segundo Keegan, foi marcada por ataques de artilharia que aumentam de intensidade com o passar dos dias, a inteligência francesa descobriu que o *Vietminh* conseguiu reunir uma grande quantidade de munição, contrariando as análises anteriores. O intenso ataque fez com que o General Cogy, em visita às instalações, precisasse sair rapidamente em seu avião antes que a pista fosse inutilizada ou que seu avião fosse destruído (KEEGAN, 1979, p. 89). Com a pista inutilizada, apenas helicópteros podiam operar, contudo, segundo o autor, os franceses tinham apenas 5 helicópteros para toda a Indochina (KEEGAN, 1979, p. 92).

No dia 11, *Gabrielle* foi violentamente atacada pela infantaria, mas os franceses conseguiram fazer os soldados de Giap recuar temporaneamente. No dia 13, a artilharia

---

<sup>46</sup> Ver Anexo A.

vietnamita atingiu a colina Him Lam, onde ficava *Beatrice* (CURREY, 2002, p. 321-322). Currey e Keegan descrevem a primeira fase citada acima, sendo do dia 13 até 17 de março, onde os soldados de Giap investiram contra *Beatrice*, *Gabrielle* e *Anne-Marie*, com fortes bombardeios realizados pela artilharia posicionada nas montanhas ao redor do vale, e avanço de infantaria. *Beatrice* foi capturada por volta da meia-noite, segundo Currey, enquanto Keegan indicou ser por volta das duas horas da manhã, mas *Gabrielle* e *Anne-Marie* resistiram, frustrando o ataque de Giap, sendo reforçados por um batalhão paraquedista, enquanto *Beatrice* era severamente castigada pela artilharia do *Vietminh*. (KEEGAN, 1979, p. 92).

Houve uma pausa nos combates durante a tarde do dia 14 para ambos os lados recolherem seus mortos, contudo, violentos combates seguiram durante a noite daquele dia, resultando na retirada dos franceses em *Gabrielle* pela manhã do dia 15 de março. A batalha por *Gabrielle* ainda mais feroz do que a ocorrida por *Beatrice*, dessa vez, os soldados de Giap teriam procurado se infiltrar na posição durante os ataques de artilharia. Como os *stormtroopers* alemães durante a Primeira Guerra Mundial, diferente da tática de ondas humanas utilizada anteriormente após os ataques de artilharia, segundo o autor.

Os franceses fizeram uma defesa mais organizada e efetiva, fazendo sustar o primeiro ataque inimigo por volta das 2h30 da manhã, contudo, iniciou o segundo cerca de 1h depois, resultando em pesadas baixas e a perda de peças de artilharia aos defensores. Foram enviados reforços a partir do posto de comando central da fortaleza, que foram emboscados durante o caminho, mas Keegan afirmou que eles conseguiram chegar até *Gabrielle* pela manhã devido a presença de 7 carros de combate (ao menos 1 teria sido destruído), apenas para auxiliar os defensores restantes na retirada (KEEGAN, 1979, p. 93-97).

Ao anoitecer do mesmo dia, o Coronel Piroth, descrito pelos autores como um militar bastante otimista e convencido de que sua artilharia massacraria as tropas de Giap, incluindo a artilharia inimiga que deveria ser muito precária segundo as estimativas francesas. Ele era o comandante da artilharia francesa, e suicidou-se em seu abrigo com uma granada, denotando que o moral francês estava severamente abalado (KEEGAN, 1979, p. 93). E por fim, restava apenas *Anne-Marie*, guardada por um batalhão thai, sendo empregado contra eles uma forte propaganda, com folhetos incentivando a deserção, segundo Currey, o moral daqueles soldados caiu drasticamente. O testemunho da queda de *Beatrice* e *Gabrielle* em cerca de três dias e os intensos bombardeios de artilharia contra *Anne-Marie*, fez com que muitos soldados indochineses fugissem em deserção, temendo acontecer com eles o mesmo que aconteceu com seus colegas nas outras duas fortificações.

As deserções daqueles homens representaram a perda de cerca de 20% da força de combate francesa, levando-os a reorganizar suas defesas, recuando-a para *Huguette*, ao fim do dia 17 de março, assim, *Anne-Marie* foi sistematicamente abandonada (KEEGAN, 1979, p. 98). Dessa forma encerrou-se a primeira fase do ataque de Giap bem sucedida, porém ao custo de muitos soldados do *Vietminh* que tomaram em combate, enquanto os franceses perderam três posições, boa parte de sua artilharia e suas pistas de pouso foram inutilizadas, tornando-o dependentes de lançamentos aéreos tanto de tropas de reforço quanto de suprimentos para continuar a resistir (CURREY, 2002, p. 324-325).

Segundo Keegan, a perda de *Beatrice* e *Gabrielle* representava perigo para os franceses, pois os soldados de Giap poderiam se dirigir pelas trincheiras e ameaçar o interior da fortaleza na orla da pista de pouso principal (KEEGAN, 1979, p. 97). O que de fato era a intenção de Giap, cercar e estrangular aos poucos os franceses, capturando uma posição atrás da outra, terminando a primeira fase com Giap afirmando que todo o setor norte de Dien Bien Phu foi aniquilado, usando a palavra do general, destacando *Beatrice*, na colina Him Lam e *Gabrielle* na colina Doc Lap (GIAP, 2005, p. 157).

Entre a primeira e segunda fase, *Isabelle* foi isolada do restante das posições francesas por volta do dia 21 de março, havendo durante esse período relativa calma, segundo Keegan (KEEGAN, 1979, p. 98), com Currey indicando que Giap estava fazendo os preparativos para a próxima etapa, que consistia em cercar as posições francesas com uma trincheira e então cavar em direção a elas, para infiltrar-se nelas. Esse foi o objetivo de Giap na segunda fase, isolar o setor sul do central e utilizar as posições capturadas também como ponte para instalar e empregar sua artilharia de forma mais eficiente contra as posições francesas, com destaque para as pistas de pouso e contra a aviação (GIAP, 2005, p. 158).

Os soldados franceses buscaram abrir caminho até *Isabelle* ao perceber que aquela posição estava sendo cercada, enquanto a força aérea francesa procurou incendiar as posições de Giap nas colinas do vale com napalm, mas as monções inibiram maiores eficácias daquela arma. Helicópteros conseguiram aterrissar para evacuar os feridos, mas como dito antes, o reabastecimento precisava ser feito por lançamentos, o que ocasionava alguns fardos serem desviados pelos ventos, devido a altitude de lançamento elevada em decorrência da ameaça das armas antiaéreas vietnamitas, levando-os para as mãos dos soldados de Giap, desse modo, as forças armadas francesas abasteciam seus inimigos também.

Segundo Keegan, o reabastecimento aéreo foi severamente prejudicado antes do início da segunda fase da batalha, pois Giap havia conseguido posicionar armas antiaéreas no oeste da pista de pouso a cerca de 2,3km de *Claudine* e *Huguette*. A intensidade dos disparos

era tão grande que fez as aeronaves alterarem a altura de lançamento de 750m para 1950m de altura, algo que os franceses precisavam reverter com urgência, visto que dependiam de reabastecimento aéreo para continuar lutando. Portanto, os mesmos deveriam ser o mais precisos possíveis, o que era impossibilitado pela presença das armas antiaéreas do *Vietminh* tão próximas, para isso, em meados de 27 de março, De Castries em conjunto com Bigeard, organizaram um plano para resolver esse problema. Os franceses tiveram sucesso em resolver essa questão, através de um contra-ataque que custou ao *Vietminh*, a perda de uma posição estratégica e muitas armas antiaéreas que prejudicava gravemente as operações de reabastecimento aéreo francesas (KEEGAN, 1979, p. 103).

Christian De Castries era coronel, sendo promovido a general durante a batalha, segundo Keegan, ele estava sob muito estresse e não tinha a capacidade efetiva de comandar, estava perdido após perder dois oficiais que eram seus colaboradores mais próximos, Keller (mentalmente incapacitado) e o Tenente-coronel Jules Gaucher (morto devido aos graves ferimentos obtidos por fogo de artilharia em Beatrice). Ambos foram substituídos pelo Tenente-coronel Marcel Bigerd e o Coronel Pierre Langlais, os quais assumiram o comando efetivo das forças francesas em Dien Bien Phu. (KEEGAN, 1979, p. 102-103). Há controvérsias quanto a tomada de comando por Bigeard e Langlais, Keegan citou um “golpe” contra De Castries, mas também alegou que ele aceitou de bom grado a iniciativa de seus subordinados, que estariam em melhores condições do que ele para gerir a situação ou que teriam o motivado a se recompor para continuar seu trabalho, orientando-o como seus novos colaboradores mais íntimos.

A segunda fase foi mais longa, iniciou-se entre o dia 30 e 31 de março e durou até dia 30 de abril, partindo do ataque contra *Dominique, Eliane*, posições vitais para a defesa de Dien Bien Phu porque, eram as mais elevadas do campo e as mais próximas da pista de pouso. Para Keegan, a queda dessas posições representaria a derrota francesa e Giap não poupou esforços para capturá-las (KEEGAN, 1979, p. 103). *Huguette* também foi atacada, por Giap, que conseguiu cortar a pista de pouso principal ao meio, ao custo de pesadas baixas entre seus homens, fazendo-o precisar recuar para um reabastecimento, que não foi impossibilitado pelas monções (CURREY, 2002, p. 330-333).

As monções foram outro fator que complicou a situação dos franceses, Keegan descreveu que de março a agosto é o período das mesmas na região. As consequências não são apenas muitas chuvas, o que torna o terreno enlameado, precarizando ainda mais as trincheiras, há ainda, um nevoeiro que cobre o vale, dificultando a visibilidade das aeronaves (KEEGAN, 1979, p. 121). Mesmo assim, o uso das mesmas não foi impossibilitado

totalmente, a despeito das condições climáticas e armamento antiaéreo, sendo possível causar muitas baixas para Giap ocasionalmente.

O ataque contra *Dominique*, que levou seus defensores (infantaria composta por thai e argelinos) a debandar em fuga pela porta dos fundos, mas a coragem e bravura dos artilheiros argelinos e senegaleses, que dispararam contra *Dominique*, devastou as tropas agressoras, levando-as a recuar, sofrendo mais baixas durante a fuga, vindas de metralhadoras antiaéreas e um campo minado. Os marroquinos em *Eliane* também resistiram, mas sofreram muitas baixas, porém, os reforços conseguiram afugentar os atacantes também (KEEGAN, 1979, p. 108-110). O recuo e pausa para o reabastecimento foram oportunos para recuperar o moral dos soldados de Giap, dando a eles um descanso e momentos de descontração, Currey destaca a presença de músicos, cantores e dançarinas, bem como cartas e telegramas de casa para os combatentes, tanto Giap quanto o Partido preocupavam-se com a manutenção da moral de seus homens fatigados cuja moral também despencou diante do rigor da campanha (CURREY, 2002, p. 334-335). A queda da moral das tropas de Giap, se deve às altas baixas sofridas, tanto mortos quanto feridos que eram tratados de maneira muito precária, com isso, na segunda semana de abril, Giap optou por adotar a estratégia tradicional de cerco com ataques menores visando causar atrito por um período prolongado (KEEGAN, 1979, p. 123).

Ainda assim, a maior parte do terreno de *Dominique* e *Eliane* ficaram nas mãos das tropas de Giap, seus defensores precisaram manter a posição, não podendo ajudar *Huguette* que estava sob ataque. Langlais e Bigeard pediram reforços de *Isabelle*, mas aqueles soldados não conseguiram romper o cerco de Giap, mesmo contando com blindados e recuaram, permanecendo em confinamento na mesma posição até o final da Batalha de Dien Bien Phu. Nesse momento, os contra-ataques franceses foram em vão, custando muitos soldados para pequenas vitórias que se tornaram insignificantes. Porém, para Keegan, a primeira semana de abril foi relativamente favorável aos franceses, dizendo o autor que eles conseguiram uma “autêntica vitória”, “levando Giap a hesitar seriamente”, apesar de conseguir tomar posições dos franceses, isso foi feito a um elevado custo. Dessa forma, não há como tirar o mérito dos defensores, que fizeram o que lhes foi possível diante de toda aquela situação (KEEGAN, 1979, p. 113). Keegan atribuiu a culpa ao Estado-Maior em Hanói que não compreendeu a urgência de reforços e suprimentos para Dien Bien Phu, e presos a regulamentos, que segundo Keegan, se seguidos, elevariam exponencialmente a perda de aeronaves que não poderiam ser substituídas ou não haveriam condições para lançar os paraquedistas de acordo com tais regulamentos, assim, não conseguiram suprir a demanda de soldados e munição que os defensores precisavam (KEEGAN, 1979, p. 110-111).

A fase final ocorreu do dia 1 até o dia 7 de maio, Giap atacou maciçamente, levando a queda de parte de *Eliane* e *Dominique* já no dia 2 de maio, com *Huguette* caindo na noite do dia 3 de maio, o mesmo aconteceria com uma porção de *Claudine* na noite do dia seguinte, dessa vez, facilitado pela deserção entre os defensores daquela posição. A noite do dia 6 e o amanhecer do dia 7 foi o momento decisivo, devido a Conferência de Genebra que estava acontecendo naquele momento, portanto, se os franceses tivessem conseguido resistir ao ataque final de Giap, poderiam ter evitado maiores perdas no campo geopolítico, ao passo que para Giap, foi imprescindível esmagar a última resistência francesa, caso contrário, talvez o *Vietminh* não teria obtido o pouco que conseguiu ao final das negociações em Genebra (KEEGAN, 1979, p. 137-141). O combate final foi muito feroz, os franceses resistiram bravamente, causando pesadas baixas a Giap, segundo Keegan, estavam motivados, De Castries manteve uma postura firme, servindo como um pilar da moral dos seus soldados, mas no final da tarde do dia 7 de maio, cessou a resistência, para não dizer que capitulou, levando a captura do general (KEEGAN, 1979, p. 145). Enquanto em Paris ocorriam protestos contra o governo, que buscava a internacionalização do conflito, mas sem apoio e sob o voto de desconfiança do Parlamento, o Primeiro-ministro Joseph Laniel renunciou trazendo a vitória que o *Vietminh* precisava para a Conferência de Genebra (CURREY, 2002, p. 336-339). Visentini destaca a conjuntura na França favorável ao *Vietminh*: “Desde fins de 1953, parte da direita francesa percebe que está lutando inutilmente, e pelos interesses dos Estados Unidos, posicionando-se contra a guerra defendida pelo Governo Laniel-Bidault, “sendo sucedido pelo “gabinete Mendès-France, que é a favor do fim do conflito.” (VISENTINI, 2008, p. 51).

Os EUA sabiam que o *Vietminh* era majoritariamente comunista, incluindo as lideranças principais, assim, Eisenhower optou por não apoiar o *Vietminh* contra os franceses. Sua decisão foi apoiada e provavelmente aconselhada por John Foster Dulles, que era seu Secretário de Estado e um dos principais responsáveis pela Teoria do Dominó. Ajudar a França visava aplicar a Doutrina Truman, para conter o avanço do comunismo e também era do interesse dos EUA para que esta fosse um dos membros fundamentais para a criação da OTAN. Dessa forma, Paris lutava para o ganho de Washington, colhendo os ônus da guerra, enquanto seu mecenas ficava com os bônus. Mas há de se considerar um detalhe muito importante, o Governo Roosevelt havia apoiado o *Vietminh* durante a Segunda Guerra Mundial, treinando-os e armando-os para lutar contra os japoneses na Indochina.

Ho Chi Minh foi um aliado dos EUA e sinalizou o interesse em manter essa relação ao apresentar na Declaração de Independência do Vietnã de 1946, um trecho da Declaração de Independência dos Estados Unidos de 1776, mostrando clara inspiração nos ideais de

liberdade defendidos pelo país ocidental. Os vietnamitas desejavam amparo americano, tendo em vista a luta contra seus inimigos japoneses que havia se encerrado a pouquíssimo tempo, mas com a morte de Roosevelt e a ascensão de Truman e posteriormente, Eisenhower, os EUA pareciam não estar mais interessados em retribuir a ajuda de seus antigos aliados nas colônias europeias. Assim, Ho Chi Minh não teve escolha além de procurar apoio da URSS e da China maoísta o que acabou aumentando a hostilidade de Washington para com Hanói. Roosevelt divergia de Churchill no tocante a manutenção das colônias, como o britânico desejava, enquanto o americano defendia os ideais dos Pais Fundadores de seu país, uma antiga colônia inglesa que conquistou sua independência através da luta armada.

O apoio dos EUA era desejado pelo *Vietminh*, pois fortaleceria o processo de Independência do Vietnã, trazendo legitimidade ao movimento perante o mundo, mas Roosevelt faleceu e seus sucessores não estavam tão interessados em honrar seus compromissos com esses aliados. Buscaram apoiar a França em sua tentativa de reconquista colonial, contrariando os ideais defendidos pelos Pais Fundadores dos EUA, jogando Hanói nos braços do bloco comunista. Ho Chi Minh era comunista, mas antes disso, era um nacionalista que queria a independência de seu país, assim, ninguém poderia oferecer um apoio maior do que os Estados Unidos poderiam nesse assunto. Porque os EUA eram um exemplo para os povos coloniais que desejavam a liberdade, mas devido a recusa deste, a União Soviética e a China se tornaram a única opção ao *Vietminh*<sup>47</sup>.

Com o fim da guerra e a assinatura dos acordos de Genebra em julho de 1954, o *Vietminh* conseguiu a independência, mas não a unidade territorial do Vietnã, o país foi novamente dividido em dois, devido a questões próprias da Guerra Fria. Ao longo da Primeira Guerra da Indochina, foi possível perceber a presença indireta dos EUA no conflito, em apoio a França, pois precisavam da mesma para a criação da OTAN em 1949 e tanto o presidente Eisenhower quanto o secretário Dulles mostravam-se preocupados com a expansão do comunismo na Ásia, mas não desejavam colocar os EUA em outra guerra terrestre no continente, como a Guerra da Coreia que mal terminara, portanto, recusaram participar ativamente do conflito, todavia estivessem apenas adiando o que viriam a fazer posteriormente (CURREY, 2002, p. 329-330).

Keegan tratou também do que se passava em Washington, Currey mostrou-se em concordância ao descrever uma situação alinhada ao que disse Keegan, os EUA estavam muito preocupados com uma vitória do *Vietminh*, devido a sua política externa de contenção

---

<sup>47</sup> Ver MUNHOZ, Sidnei J. Guerra Fria. Appis Editora, 2020. p. 200-201.

ao comunismo, chamada doutrina Truman, eles já estavam auxiliando os franceses extraoficialmente, mas Eisenhower não desejava atacar diretamente as posições de Giap com a força aérea dos EUA ou por seus soldados no terreno em resgate aos franceses. Os EUA eram a última esperança do alto comando francês, os soldados de Navarre em Dien Bien Phu não sabiam, mas a França já não tinha mais efetivo para reverter a situação, segundo Keegan, eles precisariam realizar operações diversionárias em outras localidades para atrair as tropas de Giap para fora do vale, contudo, não tinham condições de fazer isso sem o apoio de tropas dos EUA. (KEEGAN, 1979, p. 129-135).

Os EUA estavam aplicando a Doutrina Truman, de contenção ao comunismo, a solução que viram no momento era fazer no Vietnã o que foi feito na Coreia, dividir o país em duas partes, norte e sul, a partir do Paralelo 17, cada qual com seu próprio Estado influenciado por um dos blocos geopolíticos daquele momento. Era suposto haver eleições em 1956 para decidir o futuro do Vietnã, assim como antes da Primeira Guerra da Indochina, e a população poderia escolher em qual Vietnã queriam viver até lá, essas são as consequências do término da primeira parte do conflito no Vietnã. Os franceses perderam toda a Indochina, e mal terminado o conflito, teriam de enfrentar um novo na Argélia logo em seguida, para Keegan, o desastre poderia ter sido atenuado, não no campo estratégico, mas sim no campo tático, para o autor, as informações de inteligência francesa foram bem precisas no tocante ao efetivo e o material de Giap, apenas subestimando gravemente a sua capacidade de empregar a artilharia. Assim, poderiam ter se preparado e conduzido a batalha de maneira mais favorável, ainda que perdessem no campo geopolítico, não teriam levado para casa uma derrota tão grande, contudo, é difícil dizer que a batalha teria desenvolvido como coloca a hipótese do autor, embora seja interessante de observar uma outra possibilidade, caso os franceses tivessem utilizado táticas mais acertadas (KEEGAN, 1976, p. 154-159).

Enquanto isso, Giap teve sua reputação estimada como um mestre em logística, organização, administração, motivação das tropas, no emprego de artilharia, estratégia e tática militar (CURREY, 2002, p. 344), apesar dos desastres dois anos antes e de seu sistema de comissários políticos que aumentavam o estresse e diminuem o moral dos soldados a níveis críticos, segundo o autor. Considerando a queda da moral dos soldados de Giap devido às baixas elevadas e o rigor da batalha, Giap destacou segundo Currey que o sistema de comissários foi muito bem sucedido ao conseguir recuperar a moral dos soldados mantendo viva a chama revolucionária, através da doutrinação política e da autocrítica realizada tanto pelos oficiais, quanto pelos soldados, indicando exemplos de boa conduta e daquilo que precisava melhorar entre eles. Para Giap, esse foi um dos pontos mais altos do trabalho

político dentro do exército (CURREY, 2002, p. 336), mas Currey manteve um certo ceticismo, alegando que: “estudos demonstram que o sistema de comissários políticos tende a ceder no fragor dos combates violentos. É duvidoso que medidas corretivas funcionassem tão suavemente como Giap desejaria que acreditássemos” (CURREY, 2002, p. 346). Contudo, Currey não apresentou que estudos ele usou como base para fazer essa colocação, mas reconhece que de alguma forma, Giap conseguiu resolver o problema da moral dos soldados, mantendo-os lutando até a derrota do inimigo, apesar de duvidar daquilo que disse o general vietnamita. Talvez seja apenas o anticomunismo típico de militares ocidentais oriundos da Guerra Fria, ou talvez, realmente seja fruto de uma análise mais aprofundada de uma figura político-militar que tende a maquiar ou ocultar certas verdades. Infelizmente, não temos como averiguar isso no momento.

A vitória de Giap sobre os franceses em Dien Bien Phu rendeu-lhe bastante poder dentro do Vietnã do Norte, porém mais interessante foi o reconhecimento que recebeu no mundo colonial, segundo Currey, africanos e asiáticos se alegraram com o ocorrido, pois representava a vitória de um povo pobre e oprimido sob seus algozes colonialistas, uma potência ocidental com um exército moderno, equipado com tecnologias avançadas. Os feitos de Mao não teriam sido tão impressionantes quanto os de Giap, pois Mao lutou principalmente contra outros chineses, enquanto Ho e Giap lutaram contra a potência colonial que subjugava o país deles, assim, a independência do Vietnã serviu de exemplo para os demais povos em condição de colonizados (CURREY, 2002, p. 350). Dessa forma, a grande lição que podemos aprender com a Batalha de Dien Bien Phu é a possibilidade de vencer um inimigo muito grande, com uma força pequena, aplicando a estratégia e a tática correta, como Giap demonstrou, ainda que também cometesse erros.

Uma nação pequena e fraca e um exército popular, quando decidem erguer-se, unir-se e combater pela independência e a paz, detêm o poder para derrotar todas as forças agressoras, até as de uma potência imperialista como a França, ajudada pelos Estados Unidos (GIAP, 2005, p. 143).

#### **4A ENTRADA DIRETA DOS ESTADOS UNIDOS E O AQUECIMENTO DA GUERRA FRIA**

Neste capítulo, apresenta-se um cenário totalmente distinto do anterior, onde a luta enquadrada na Descolonização da Ásia cede lugar a um conflito típico da Guerra Fria, destacando a divisão do mundo em esferas de influência capitalista e comunista, para além dos modelos econômicos, sendo uma disputa entre os dois blocos pelo poder global. Aqui se objetiva apresentar ao leitor as implicações das duas grandes ofensivas orquestradas por Giap contra os EUA e o Vietnã do Sul sob a ótica da relação entre objetivos políticos e militares. Também temos como objetivo, apresentar uma reflexão breve sobre o povo do sul-vietnamita e sobre a visão do Governo de Washington diante do conflito.

Os Acordos de Genebra haviam definido que a divisão do Vietnã, a partir do paralelo 17, em dois Estados, a República Democrática do Vietnã, sob a liderança do presidente Ho Chi Minh e o Estado do Vietnã, sob liderança do imperador Bao Dai, era apenas temporária<sup>48</sup>, a reunificação do país deveria ocorrer a partir do resultado de eleições em 1956, contudo, a região foi imersa na ótica da Guerra Fria, segundo Visentini, os EUA em 1955, organizaram um plebiscito fraudulento, substituindo o Estado do Vietnã de Bao Dai pela República do Vietnã de Ngo Dinh Diem, que era o primeiro-ministro do imperador. Com essa manobra, foi possível a eles recusar a realização das eleições de reunificação do Vietnã, pois nem os EUA, nem a República do Vietnã haviam assinado os acordos de Genebra, portanto, não tinham a obrigação de cumprí-los (VISENTINI, 2008, p. 55), o que de fato aconteceu, chegado o ano de 1956, Diem recusou-se a realizar as eleições acordadas em Genebra. Ainda em 1956, as últimas tropas francesas deixaram Saigon, com os EUA sendo agora, a potência ocidental presente na região. O interesse dos americanos era consolidar um governo anticomunista no Vietnã do Sul, visando a manutenção da sua política externa da Guerra Fria. Com isso, muitas pessoas se mudaram para o Norte ao ver que não haveria a reunificação do país por meio das eleições. Assim, em 1958, o Partido, em Hanói, começava a preparar uma estratégia de ação<sup>49</sup> para o Sul. Para Giap, executar esse plano levaria tempo, pois seria necessário repetir

---

<sup>48</sup> Assim também era vista pelo povo essa divisão, apenas temporária até a realização das eleições em 1956 que deveriam reunificar o Vietnã novamente, portanto, não representava uma separação legítima entre dois países distintos (HANH, 1968, p. 69).

<sup>49</sup> Essa estratégia teria que levar em conta as políticas externas do bloco comunista durante aquele período da Guerra Fria, Nikita Kruchev na URSS pregava pela Coexistência Pacífica, ao passo que a China desejava uma reação mais enérgica, de modo a usar os países da Indochina como Estados-tampões, igual o papel desempenhado pela Coreia do Norte, de manter as tropas dos EUA fora da fronteira chinesa (CURREY, 2002, p. 373).

meticulosamente a guerra revolucionária, relembrando as três fases novamente: guerra de guerrilha, guerra de movimento e ofensiva final (CURREY, 2002, p. 367-370).

As atividades dos EUA não se limitaram ao território do Vietnã do Sul, no Norte, Currey descreve uma operação de sabotagem e desinformação durante 1955, visando prejudicar o governo do *Vietminh* e danificar sua imagem diante da população, mas o governo com a ajuda do povo, conseguiu desarticular o que talvez fosse o maior perigo, um grupo paramilitar e seus depósitos de armamentos na região do delta, contudo, a propaganda teve seus efeitos e milhares de refugiados<sup>50</sup> foram para o Sul (CURREY, 2002, p. 351-355). Ainda segundo o autor, Giap sabia que a luta no Sul, até 1956, seria mais política do que militar, mesmo assim, preservou agentes da guerrilha que haviam lutado na região ao lado do *Vietminh*, e depósitos de armas e munições escondidos na clandestinidade dentro do território do Sul, embora retirasse suas tropas regulares como diziam os Acordos de Genebra, manteve algumas precauções como medida de contingência (CURREY, 2002, p. 357-358). Contudo, parte das mazelas no Norte foram causadas pelo próprio governo através de políticas que causaram muitos danos à população, é importante trazer essa informação, para que o leitor não pense que apenas ações de agentes externos prejudicaram o Norte. Um exemplo foi a política mal sucedida da reforma agrária, conduzida por Truong Chinh, cuja violência levou a revoltas internas, que foram reprimidas com o uso de mais violência (CURREY, 2002, p. 360-363).

Voltando ao tema após uma breve atualização da conjuntura, Giap reformou as forças armadas do Norte, através da criação de instituições militares para a formação de oficiais, treinamento de tropa, como a artilharia, bem como a fundação da Força Aérea e Marinha, toda a Primeira Guerra da Indochina havia sido travada com guerrilheiros, milícias populares e o exército regular, o *Vietminh* não tinha aviação e força naval até então e seriam necessárias caso houvesse um novo conflito (CURREY, 2002, p. 365). O que parecia iminente, com a ascensão de Le Duan como Secretário-geral do Partido, ele havia atuado no Sul e era favorável ao combate armado contra o governo de Diem, sucedendo Truong Chinh, que perdeu a posição de influência para Le Duan, em decorrência da péssima condução da política de reforma agrária que causou diversos problemas com o povo. Le Duan, assim como Truong Chinh, era um maoísta, sendo mais favorável a política externa chinesa do que a soviética, ao passo que Giap e seu vice comandante e futuro sucessor, Van Tien Dung, preferiam uma aproximação maior com a URSS do que com a China (CURREY, 2002, p.

---

<sup>50</sup> Mais de um milhão de refugiados deixando o Norte, a maioria eram camponeses pobres (CURREY, 2002, p. 357).

374-377). Contudo, Giap e Truong Chinh acabaram se entendendo no tocante a política e a ação militar, levando-os a resistir à política de Le Duan, pois ambos concordavam que era preciso solidificar o Norte antes de empreender contra o Sul. Além disso, nem a China, nem a URSS estavam em condições ou desejavam apoiar diretamente o conflito, dessa forma, a Frente de Libertação Nacional no Sul teria que seguir praticamente por conta própria, seguindo os passos políticos que o *Vietminh* trilhou para conseguir o apoio popular contra os franceses anteriormente. Contudo, agora contra o Governo de Diem, o que não seria difícil devido a repulsa que o povo sentia por seu governo. A FNL deveria enfatizar sempre o nacionalismo e não o comunismo, fazendo propaganda e eliminando alguns funcionários do governo, sem o uso de ações militares e armas de fogo (CURREY, 2002, p. 380-381).

Mas o governo de Diem reagiu combatendo e eliminando muitos membros da Frente de Libertação Nacional e seus simpatizantes de seu território, buscando fortificar as vilas com militares, o que nos lembra o conceito de posto avançado utilizado pelos franceses durante sua estadia no Vietnã, Diem acreditava ser um problema de segurança que podia ser resolvido dessa maneira, levando a FNL a retrair devido a grandes perdas, contudo, o assassinato de funcionários do governo continuava. O papel de Giap naquele momento era organizar a criação de santuários no Sul e a logística para abastecer os combatentes através daquilo que seria conhecida como a Trilha Ho Chi Minh enquanto o Politburo de Hanói alinhava-se cada vez mais com a posição de Le Duan, iniciando uma mobilização de guerrilheiros ao final de 1959, para derrubar o governo de Diem cada vez mais despótico, impondo autoridade sobre as lideranças das vilas e remanejando a população rural de lugar, o que era totalmente contra os séculos de tradição vietnamita. Para Currey, Diem poderia ter optado por uma atitude oposta, levando-o a obter o apoio popular no interior, mas como não o fez, acabou dando a Hanói e a Frente de Libertação Nacional exatamente o que eles queriam para fazer valer sua propaganda, canalizando o descontentamento popular para obter o apoio do povo, ainda que houvessem ocasiões onde os camponeses eram intimidados pelas armas a apoiar a FNL (CURREY, 2002, p. 382-386). Desse modo, a descrição da população do Sul parece mais realista segundo o monge Thich Nhat Hanh, autor do livro "Vietnã: Flor de Lótus em Mar de Fogo" (publicado no Brasil em 1968).

Segundo o monge Hanh, quando Ho Chi Minh chegou ao poder em 1945, o povo vietnamita desconhecia o comunismo, com exceção de intelectuais e alguns líderes religiosos e políticos. Alguns grupos nacionalistas não comunistas fizeram oposição ao governo de Ho, contudo, não receberam o apoio popular, pois foram identificados como apoiados pelo exército do *Kuomintang* que havia adentrado o Vietnã para desarmar os soldados japoneses

derrotados. As tropas chinesas eram obviamente estrangeiras, sendo vistas com desconfiança e repulsa pelo povo vietnamita, tanto por motivos históricos quanto pela conduta daqueles homens para com os vietnamitas. Além disso, segundo Hanh, nenhum daqueles movimentos nacionalistas não comunistas havia elaborado uma proposta política válida, limitando-se à oposição ao comunismo (HANH, 1968, p. 65-67).

A Revolução Vietnamita que se consolidou em 1945, estava em um ambiente repleto de fervor patriótico que foi capitalizado por diversos grupos, mas com a tentativa francesa, apoiada pelos EUA, para reconquistar o Vietnã acabou por atenuar a oposição ao comunismo, segundo Hanh, fazendo crescer o apoio popular a Ho Chi Minh, visto como um herói nacional. Enquanto Bao Dai, o imperador do Estado do Vietnã foi visto pelo povo como um títere dos franceses, recebendo pouquíssimo apoio, com a maioria do povo se voltando para a resistência que era composta por vários partidos políticos, contudo, o *Vietminh* era mais forte. Hanh comentou que o governo de Bao Dai, junto com os franceses, buscaram difundir uma forte propaganda anticomunista para a população, mas seu efeito foi o contrário, visto que a população não acreditava no que eles diziam e acabaram por associar cada vez mais o comunismo com a verdadeira luta patriótica (HANH, 1968, p. 68-69).

Terminada a Primeira Guerra da Indochina, com a divisão temporária do Vietnã pelo Paralelo 17, Ngo Dinh Diem deu um golpe e tomou o poder no Sul, apoiado pelos EUA, os quais o instruíram a não realizar as eleições de reunificação em 1956, pois sabiam que Ho Chi Minh venceria, significando assim, um alinhamento geopolítico com a China e a URSS, fazendo com que os EUA perdessem sua influência na região. Segundo Hanh, isso foi motivo para o reinício da guerra que poderia ter sido evitada caso Diem construísse no Sul, um governo verdadeiramente democrático, preocupado com reformas socioeconômicas legítimas, receberia o apoio de grupos nacionalistas não comunistas que se frustraram com a falta de compartilhamento de poder em Hanói. Mas Diem instalou um regime tirano, perseguindo aqueles que poderiam ter ajudado a fortalecer e legitimar o Governo de Saigon diante da população, evitando o recomeço do conflito ainda que o Vietnã ficasse dividido. Assim, o Governo de Hanói acabou fortalecido e teve o apoio para iniciar a libertação do Sul, ainda que Diem tivesse obtido certo apoio por parte da população, sobretudo ao tomar medidas anti francesas, retirando completamente a soberania remanescente da antiga potência colonial no Sul (HANH, 1968, p. 70-72).

Segundo Hanh, os EUA e Diem tiveram mais sucesso em difundir ideias anticomunistas entre a população do Sul inicialmente. Para Hanh, o povo vietnamita desconhecia a relação dos EUA com a França durante a Primeira Guerra da Indochina, vendo

os americanos com bons olhos, sendo também seduzidos pelos benefícios do capitalismo apresentados pela potência ocidental, aliada de Diem. Mas ambos não souberam tirar melhor proveito desse apoio que foi sendo minado aos poucos conforme a corrupção, ineficácia e tirania do governo de Diem cresciam (HANH, 1968, p. 72-74). O regime de Diem perseguiu e eliminou opositores, fazendo aquilo que acusavam o Governo de Hanói de fazer, assim, a população começou a enxergar o reinício do conflito como a continuação da guerra de resistência vietnamita contra os invasores ocidentais e seus títeres (HANH, 1968, p. 77), diferente dos EUA que enxergavam como uma agressão externa do Norte ao Sul, dessa forma, segundo Hanh, o povo no Sul tornou-se mais aberto à propaganda da Frente de Libertação Nacional.

A FNL, conhecida pejorativamente como *Vietcong*, não foi composta apenas por comunistas como os EUA e o Governo do Sul faziam parecer, a FNL, segundo Hanh, amalgamou todos os grupos que faziam oposição ao regime de Diem, incluindo não comunistas, o que fortaleceu as lideranças comunistas de Hanói e da Frente de Libertação Nacional. Ainda mais quando foi descoberto pelo povo, a ajuda que os EUA deram aos franceses, revelando a farsa americana de estar ali pelos seus interesses estratégicos da Guerra Fria, não para defender a democracia e a liberdade, como diziam. A FNL não falava de comunismo, mas sim da libertação nacional, com a população se identificando com sua luta contra os invasores americanos, vistos da mesma forma que os franceses, e o regime de Saigon (HANH, 1968, p. 78-79). Hanh contrariou o discurso dos EUA sobre seus soldados estarem ali para apoiar o exército do Sul na luta contra o Norte, para o monge, os soldados americanos realizavam o papel principal, enquanto o exército sulista era coadjuvante naquele conflito. Sendo assim uma guerra dos EUA, não uma luta do Sul se defendendo do Norte, como os americanos diziam (HANH, 1968, p. 80).

Os camponeses sul-vietnamitas ficaram cada vez mais solidários com a luta da Frente de Libertação Nacional, diante do aumento da presença militar americana que traz crimes por eles realizados contra a população civil, como a violência sexual contra as mulheres vietnamitas, massacres como o de My Lai, bem como a destruição de suas vilas causada por bombardeios ou pela realocação compulsória da população (HANH, 1968, p. 81-82). Ainda, segundo Hanh:

Os vietnamitas, mesmo os anticomunistas, não podem desprezar os soldados vietcongs, enquanto que podem desprezar os militares do seu lado, porque os vietcongs lutam com muito mais bravura do que os soldados do govêrno. Agem assim não porque desejam servir o comunismo – a maioria dêles não sabe o que seja comunismo, e aquêles que o sabem não o apreciam. Se êles lutam com coragem, se estão prontos a sacrificar-se, é porque acreditam que estão lutando pela

independência nacional, para libertar a nação da “invasão do imperialismo americano” (HANH, 1968, p. 81).

Mas muitas pessoas no Sul, odeiam a guerra e têm medo de ambos os lados. Nesse ponto, apresenta-se uma visão mais realista sobre o povo vietnamita, onde segundo o monge Hanh, eles procuram apenas sobreviver. O medo de ambos os lados vem das represálias, com Hanh apresentando um exemplo: a Frente de Libertação Nacional solicita aos camponeses que realizem a construção de trincheiras, caso se recusem, haverá represálias; enquanto as tropas do Governo dizem para que não construam as trincheiras, pois a FNL faria uso delas, e caso as construam, novamente, haverá represálias. Outro ponto apresentado por Hanh é a ineficácia da propaganda anticomunista, pois os camponeses não tem medo de que os comunistas tomem suas propriedades, visto que elas foram destruídas e vêm pouco valor na liberdade e na democracia porque podem morrer sem poder desfrutar delas. Assim, para o monge Hanh, o principal problema dos camponeses é como sobreviver naquele ambiente hostil (HANH, 1968, p. 83).

A morte de civis é altíssima, segundo o monge Hanh, a mais modesta estimativa de baixas civis entre 1961 e 1964 colocavam ao menos meio milhão de vítimas que perderam suas vidas naquele período, é assustador constatar que são mortos mais civis do que combatentes (HANH, 1968, p. 84). Hanh testemunhou que estava em uma aldeia distante a cerca de 1km de uma unidade da Frente de Libertação Nacional que realizou ataques com morteiros ao aeroporto de Saigon, dispersando-se após a ação, sendo seguida depois de muito tempo por um contra-ataque americano. O problema estava no fato da resposta americana ser direcionada contra aquela aldeia, destruindo-a com bombardeios, onde não haviam soldados da FNL, apenas civis que foram feridos e tiveram suas casas destruídas. Esse testemunho perderia a importância se fosse apenas um acidente isolado, mas para o monge Hanh, esse tipo de ação era muito frequente (HANH, 1968, p. 85).

Todos os peritos em guerras de emboscadas ressaltam que esse tipo de guerra não pode ser bem sucedido sem o apoio dos camponeses. O fato de a Frente de Libertação Nacional receber tal apoio é explicado aos americanos como sendo resultado do terrorismo infligido aos camponeses pelos vietcongs: os camponeses estão por demais assustados para negar ajuda aos vietcongs, segundo os informantes americanos. Isto simplesmente não é verdade. A realidade é que a Frente conta com o apoio de considerável número de camponeses por ter sido capaz de persuadi-los de que esta é a luta para a independência nacional. O espírito de patriotismo entre os camponeses é muito elevado. Eles não estão a par da história mundial ou das lutas ideológicas; o que vêm é um grande poderio dos brancos ocidentais, que dão o melhor de si para matarem seus conterrâneos, muitos dos quais antes lutaram contra os franceses. Os camponeses não encaram as vítimas do esforço militar americano como comunistas mortos, mas sim como patriotas mortos (HANH, 1968, p. 85-86).

Para o monge Hanh, a maioria dos apoiadores e dos soldados da FNL não são comunistas, são tradicionais vietnamitas patriotas e o fato de aceitarem o controle comunista da FNL não se deve a adesão daquelas pessoas ao comunismo, mas o comunismo passou a ser identificado ao patriotismo pelo povo. Mas há outro fator divisor de águas, as lideranças religiosas, assim, para Hanh, muitas pessoas ficam divididas em ajudar a Frente de Libertação Nacional, em prol da pátria, seguindo o espírito patriótico, ou não, por conta da sua fé, que os impele a escutar seus líderes religiosos que advertem a não apoiar o comunismo. Assim, muitos camponeses optaram por não ajudar a FNL, devendo isso a obediência aos líderes religiosos, e não em apoio ao Governo de Saigon. Essas lideranças precisavam conciliar o patriotismo e a religião, pois o anticomunismo não poderia de forma alguma indicar o apoio ao tirano Governo de Saigon, visto como um títere dos EUA, que silencia as vozes críticas a suas políticas, gastando o dinheiro e o sangue do povo com a injustiça social, segundo Hanh (HANH, 1968, p. 86-87).

O motivo fundamental da guerra é o seguinte: A tentativa americana seria bem sucedida se os americanos pudessem distinguir nacionalismo de comunismo, mas eles não o podem fazer, do mesmo modo que os franceses, por sua vez, também não o puderam. O que fazem é, ao contrário, forçar a união destes dois elementos, e esta é a razão pela qual a Frente se torna cada vez mais poderosa. Por apoiarem elementos com os quais os patriotas vietnamitas não se identificam, deixam toda a força do nacionalismo escapar de suas mãos para as dos comunistas. Existem muitos vietnamitas essencialmente anticomunistas que estão perfeitamente a par do caráter comunista da Frente, mas que ainda assim a apóiam por ser a única alternativa contra a brutalidade e repressão do governo. As raízes do poder da Frente sobre os camponeses nada têm a ver com o Marxismo, mas tão-somente com a certeza absoluta dos camponeses de estarem defendendo suas aspirações nacionalistas e opondo-se ao opressor (HANH, 1968, p. 89).

Dessa forma, segundo Hanh, o apoio dos camponeses à FNL não se deve nem à reforma agrária, visto que no Norte, partes das terras foram devolvidas aos latifundiários e a política aplicada por Truong Chinh foi desastrosa, como vimos anteriormente. Nem ao terror provocado pela execução de chefes de aldeias pelos comunistas, pois elas possuíam uma legitimidade, os acusados eram julgados e condenados em tribunais populares, sendo culpados de apoiarem o Governo de Saigon e então sentenciados à morte com o aval do povo. Segundo Hanh, a Frente também fazia matanças, mas não eram frequentes nem tão graves em comparação aos bombardeios americanos (HANH, 1968, p. 90).

Para evitar o contato dos camponeses com a Frente de Libertação Nacional, o Governo de Saigon realocou a população para as “aldeias estratégicas”, essas localizações eram fortificadas por militares americanos ou do governo, ali, teriam acesso a assistência social e estariam mais seguros, teoricamente. Mas na prática, segundo Hanh, esse programa foi minado pelo fato de as pessoas serem movidas contra a vontade delas, culminando na

destruição de suas aldeias de origem, as quais habitavam por gerações, sendo local dos túmulos de seus antepassados e de seus altares familiares. Além disso, as aldeias estratégicas não impediram a influência da FNL sobre os camponeses porque alguns deles viviam nessas aldeias e lá distribuem documentos da Frente para o povo, segundo Hanh.

Falando um pouco de problemas sociais gerados pela guerra são os muitos refugiados que ela gerou, eles se aglomeravam nas grandes cidades como Saigon e Da Nang, trazendo consequências como o aumento da miséria, visto que aquelas pessoas precisavam de empregos para sobreviver. A presença americana estimulou bastante a economia do Sul durante a guerra, porém de maneira totalmente negativa, segundo o monge Hanh, os dólares americanos e seus portadores oriundos dos EUA chegavam acostumados a pagar os preços de sua terra natal, assim, os serviços foram circundando-os, gerando muita inflação enquanto poucos conseguiam enriquecer. Hanh citou o aumento do preço do aluguel de imóveis, das corridas de taxi, bares e hotéis, bem como o material de construção, devido a demanda e a lucratividade de atender aos americanos, privando os vietnamitas comuns do acesso a esses bens e também da mão-de-obra, pois como dito, os americanos pagavam muito mais (HANH, 1968, p. 91-93).

Mas o pior foi o que aconteceu com muitas mulheres que recorreram a prostituição para sustentar a si mesmas e suas famílias, segundo Hanh, uma prostituta podia ganhar o suficiente para sustentar quatro pessoas enquanto um trabalhador comum mal podia se sustentar (HANH, 1968, p. 91-93). Outro tipo de refugiados que Hanh apresentou foram camponeses que haviam desistido de plantar para assistir suas plantações sendo incendiadas pelo napalm despejado pelos aviões americanos, visando impedir que os soldados da Frente de Libertação Nacional se alimentem delas, o que foi um enorme crime de guerra. Assim, essas pessoas cansadas e frustradas também procuraram refúgio nas cidades, onde teoricamente havia ajuda humanitária através de dinheiro dado pelo governo<sup>51</sup> e doações de alimentos vindos do exterior, mas segundo Hanh, a corrupção no governo era tão grande que raramente esses recursos chegavam até os refugiados (HANH, 1968, p. 94-95). Essa é uma outra face da guerra que pouco se fala em comparação com o destaque que ganham as batalhas e as armas que nelas são utilizadas.

Para o monge Hanh, as metas de Washington são incompreensíveis aos vietnamitas, pois segundo ele, são completamente contraditórias. Na visão dele, como pode os EUA sustentar que desejam apenas parar a agressão do Norte e negociar a paz enquanto escalam

---

<sup>51</sup> 7 piastras, o que era suficiente apenas para 60 gramas de arroz, representando cerca de 10% das quantidade diária necessária para a sobrevivência de uma pessoa adulta (HANH, 1968, p. 94).

cada vez mais a guerra enviando mais soldados, bombardeando a Trilha Ho Chi Minh, o Norte, incluindo Haiphong e Hanói<sup>52</sup>. Assim, não são apenas os norte-vietnamitas que não acreditam na sinceridade de Washington, mas os sul-vietnamitas também não, para Hanh, os EUA, preocupados com a vitória militar, esqueceram da derrota psicológica e política que sofreriam, enxergando o problema em um lugar distante, como Pequim, não percebendo que a raiz do problema estava debaixo de seus narizes o tempo todo, os camponeses sul-vietnamitas. A análise de Hanh foi corretíssima, a partir daquele momento, a imagem dos EUA jamais seria a mesma, a liberdade e a democracia deram lugar a violência e ao militarismo, não queriam a paz, cultivavam a guerra (HANH, 1968, p. 99-101).

Por fim, Hanh propôs uma resposta à pergunta sobre o que o povo sul-vietnamita preferia, o comunismo ou a continuação da guerra, para Hanh, nenhuma das duas opções correspondiam ao anseio da população, assim, a terceira opção que segundo o monge seria mais acertada é a paz. Para Hanh, o povo queria a paz e para alcançá-la, era preciso que fosse construído no Sul um governo verdadeiramente democrático que buscasse um armistício com o Norte mediado pela ONU para reunificar o país através de eleições legítimas. A afirmação de que se caso fosse tentado fazer isso, os comunistas tomariam o poder, para Hanh é muito simplista, pois não leva em conta que a maioria dos membros da Frente de Libertação Nacional não era comunista, apesar de seus líderes serem. A maioria das pessoas que se juntaram à FNL, segundo Hanh, o fizeram por se opor ao governo e contestar sua legitimidade popular, assim, os comunistas precisariam também recuar e negociar a paz, caso contrário, seriam vistos como inimigos do povo. A proposta de Hanh era criar uma alternativa ao patriotismo comunista, sendo o não comunista, com ambos buscando a paz, que era o verdadeiro anseio da população (HANH, 1968, p. 103-106). Mas infelizmente, isso não foi permitido nem pelos EUA, nem pelo Governo de Saigon.

Voltando ao início da Segunda Guerra da Indochina, a presença americana começou a crescer a partir de 1960, o General Williams intencionava treinar os soldados do Sul para resistir a uma invasão vinda do Norte, para Hanói, a única maneira de reunificar o país seria através da luta armada, visto que as eleições previstas pelos acordos de Genebra não foram realizadas. A luta deveria ser feita através da Frente de Libertação Nacional no Sul, visando passar a impressão legal de que Hanói não estava envolvida diretamente no conflito, respeitando os acordos de Genebra ao manter seu exército acima do Paralelo 17. Alguns norte-americanos já haviam tombado em combate contra a FNL entre 1960 até 1962, a guerra

---

<sup>52</sup> Certo momento ele pergunta qual será o próximo passo, questionando se seriam no Camboja ou no Laos, naquele momento, mal sabia ele que esses dois países também seriam alvos da guerra (HANH, 1968, p. 100).

já havia começado, mas ainda não fora declarada. Esse período foi marcado pelo assassinato de Kennedy, talvez o presidente dos EUA menos insensato durante a Guerra Fria, depois de Nixon<sup>53</sup> e também foi o momento onde Giap publicou seu livro “Guerra do Povo, Exército do Povo” (1961)<sup>54</sup>, onde o general discorre sobre sua maior contribuição para a Arte da Guerra, falando da luta contra os franceses, da ação política acima da militar e da estratégia de guerra prolongada fundamental para a vitória da guerra do povo (CURREY, 2002, p. 388-391).

A Segunda Guerra da Indochina (1963-1975) propriamente dita se aproximava, Giap ficou responsável pela guerra no Sul<sup>55</sup>, enquanto Dung tinha outras responsabilidades, dentre elas a defesa aérea do Norte e a logística na Trilha Ho Chi Minh (CURREY, 2002, 378). Esse período, apesar de ser mais famoso e despertar muito mais interesse no público do que o anterior, não terá muito destaque nessa monografia, pois estamos focando no general Giap, há alguns momentos importantes para destacar, mas não o conflito detalhado, pois Giap acabou perdendo prestígio no Partido devido a condução da guerra contra os EUA e o Vietnã do Sul, a liderança de Giap parecia mal sucedida, ao passo que Dung se destacava em suas funções (CURREY, 2002, 378). O ano de 1963 foi marcado por um golpe no Sul apoiado pelos EUA, onde o descontrolado tirano Diem foi eliminado, enquanto a situação política daquele país seguia caótica, muito semelhante ao Vietnã colonial francês, onde: “O vietcongue dominava grande parte do interior, e os soldados da República do Vietnã podiam controlar apenas algumas áreas cruciais, e assim mesmo somente durante o dia, pois a noite pertencia ao “Charley” - o vietcongue.” (CURREY, 2002, p. 396). Ainda assim, as massas no Sul não estavam se levantando contra o governo conforme as lideranças em Hanói previram que aconteceria diante da tirania de Diem, ressaltando a visão do monge Thich Nhat Hanh a respeito da população como mais precisa e segundo Currey, que Giap estava certo, a luta no Sul deveria ser mais paciente e prolongada, não contando com levantes imediatos de todo o povo contra os regimes de Saigon (CURREY, 2002, p. 397).

---

<sup>53</sup> É um assunto complexo de abordar, pois Kennedy conseguiu resolver a Crise dos Mísseis de Cuba em 1962, aliviando o temor de parte da população global sobre a iminência de uma guerra nuclear, mas foi sob seu governo que a presença dos EUA, tanto militar como financeira, no Vietnã cresceu. Enquanto Nixon foi responsável por retirar os EUA daquela guerra e conseguiu junto com Kissinger, a proeza de dividir o bloco comunista a partir da aproximação com a China, com sua visita ao país em 1972, porém, esse presidente é visto de forma negativa devido aos grandes protestos antiguerra, levando a morte de manifestantes como em Kent State e Jackson State, respectivamente em Ohio e Mississipi, levando a mais protestos em Washington, tanto pelo povo quanto pelo Congresso, durante a sua gestão e ao Escândalo Watergate, que levou a sua renúncia em 1974.

<sup>54</sup> Publicado no Brasil como “O Vietnã Segundo Giap” e em Portugal como “Manual de Estratégia Subversiva”.

<sup>55</sup> Entre as tarefas de Giap, a construção e expansão da Trilha Ho Chi Minh foi sua responsabilidade, apesar da responsabilidade pela logística ser o General Dung, Giap foi quem aprimorou a rota que havia começado de maneira modesta, passando para longas estradas camufladas capazes de suportar o trânsito pesado de caminhões, blindados e artilharia, contando com abrigos antiaéreos e pontes submersas (CURREY, 2002, p. 391).

O presidente Johnson seguiu a linha de seu antecessor, Kennedy, aumentando aos poucos a presença militar no Vietnã do Sul, já segundo Currey, foram realizadas diversas operações no litoral do Norte pela marinha, havendo operações de espionagem, e algumas incursões contra embarcações da marinha e posições em terra do Norte, que respondeu aos americanos, levando a uma investida naval no dia 2 de agosto, esquentando cada vez mais o clima de guerra, culminando no “Incidente do Golfo de Tonquim” no dia 4 de agosto de 1964<sup>56</sup>, levando a um ataque aéreo contra o Norte, com o Congresso dando poder a Johnson para prosseguir no dia 10 de agosto de 1964, assim, a guerra estava praticamente declarada (CURREY, 2002, p. 401-405). A partir desse ponto, as tensões foram escalando progressivamente, com Hanói enviando soldados para o Sul em 1965, em resposta a presença americana e Washington respondendo com o envio de mais soldados em reação à resposta de Hanói, bem como a Operação Rolling Thunder<sup>57</sup>, desse modo, perdeu-se a oportunidade de voltar às negociações de Genebra segundo Currey, com Giap se opondo à política de Le Duan de executar a fase 3 da guerra revolucionária, bem como operações em larga escala no Sul (CURREY, 2002, p. 406-407). A Operação norte-americana acabou fracassando ao não conseguir com seus ataques, interromper a logística do Norte para o Sul, e o fortalecimento da defesa aérea do Norte devido a armas e aeronaves modernas fornecidas pela União Soviética cobrou muitas perdas à Força Aérea dos EUA, enquanto Westmoreland trazia mais soldados para empregá-los em missões de busca e destruição (CURREY, 2002, p. 410-411), exatamente a mesma tática que os franceses haviam utilizado, sem sucesso, a diferença é que os EUA tinham mais soldados do que os franceses e esse contingente preocupava Giap. Outra vantagem que Westmoreland usou foram os helicópteros, que frustraram o cerco de Giap durante a Batalha de Plei Me (12 a 27 de outubro de 1965), continuando com uma ofensiva contra o Vale de Ia Drang (14 a 20 de novembro de 1965), que custou caro, mas forçou Giap a recuar para os santuários no Camboja, cobrando um alto custo dele também. Destacou-se que naquele momento, ele precisaria aprender a combater a tática americana de emprego de helicópteros, uma guerra extremamente móvel, dessa forma, não seria possível vencer os EUA da mesma maneira que se venceu a França (CURREY, 2002, p. 412-415).

O sucesso de Giap só viria se ele conseguisse frustrar o emprego de helicópteros e diminuir a eficácia da artilharia e dos bombardeiros norte-americanos, para isso, apresentou Currey, que Giap teria que forçar os americanos a lutar como a Frente de Libertação Nacional e o exército do Norte no Sul, ou seja, combates a pé na selva, os soldados de Giap deveriam

---

<sup>56</sup> 1964 também marca o primeiro teste nuclear chinês.

<sup>57</sup> Ataques aéreos contra alvos no Norte.

ficar tão perto dos de Westmoreland, fazendo que sua artilharia e poder aéreo não pudesse ser utilizado, tornando os soldados do Sul e dos EUA tão dependentes dos helicópteros, que seriam incapazes de lutar com eficiência a pé no meio da selva, a mobilidade dos helicópteros dos soldados americanos era contraposta pela “mobilidade da onipresença” das tropas da FNL, do Norte e das milícias populares, destacando a adaptação ao modo de combate dos EUA, bombardeios maciços seguidos por desembarques através de helicópteros, sendo o sistema de túneis e abrigos para proteger-se da primeira parte, saindo dos mesmos para atacar durante a segunda fase. Assim, os americanos perderam suas vantagens, sendo divididos pela guerrilha, não podendo concentrar tropas contra as forças regulares inimigas e consumindo muita munição contra áreas vazias, esvaziando suas vitórias militares de significado estratégico, dessa forma, quem vencida a guerra era o Norte, apesar das derrotas nas batalhas e as maiores baixas (CURREY, 2002, p. 417-419).

As lições extraídas dessas experiências foram claras, não seria possível vencer a guerra através de vitórias no campo de batalha, era fundamental retroceder para a primeira fase da guerra revolucionária, a guerrilha e buscar desgastar o adversário através da guerra prolongada, sabendo usar o tempo ao seu favor, Giap, segundo Currey, dizia não ter que derrotar militarmente os EUA, apenas teria que evitar perder, isso não seria possível travando uma guerra convencional, como diz a última fase da guerra revolucionária (CURREY, 2002, p. 420-421). O Politburo de Hanói liderado por Le Duan estava equivocado, não seria possível vencer a guerra rapidamente, com um levante generalizado que faria o Governo de Saigon cair imediatamente diante da rebelião popular, como acreditavam. Levou tempo até que a opinião internacional se opusesse aos EUA, o que frustrou a expectativa de Hanói, custando muitas baixas, principalmente no ano de 1966, segundo o autor, mas já em 1967, Currey descreve uma campanha infrutífera para Westmoreland, seus esforços pareciam equivaler a enxugar gelo (CURREY, 2002, p. 425-428). Mas, ainda em 1967, Ho Chi Minh convocou um comitê liderado por Truong Chinh<sup>58</sup>, que aprovou o fim da guerra prolongada, decepcionando Giap, que deveria preparar a famosa Ofensiva do Tet de 1968, que deveria iniciar seus preparativos ainda em 1967, com alguns ataques nas fronteiras do Sul visando imobilizar as tropas americanas nos locais, enfraquecendo a segurança nas principais cidades para uma ofensiva geral, desencadeando uma insurreição da população contra o Governo de Saigon, que cairia diante da força do povo, ainda, segundo Currey, haveria um ataque contra

---

<sup>58</sup> Que havia feito uma aliança temporária com Giap, seu antigo amigo e atual rival de longa data, presidia aquele comitê, ambos se uniram devido a oposição a política de Le Duan, contudo, é interessante notar que a decisão do comitê parecia alinhada com a antiga estratégia criticada por Giap e Truong Chinh.

Khe Sanh, uma posição muito valorizada por Westmoreland, que a via como barreira contra a invasão pelo Norte através do Paralelo 17, bem como base para operações no Laos e contra as rotas de suprimentos do Norte em direção ao Sul (CURREY, 2002, p. 430-432).

O plano ocorreu aproximadamente como descrito acima, durante 1967, houve ataques nas regiões fronteiriças, levando muitos soldados dos EUA e do Sul a se dividirem para manter a segurança naquelas áreas, enquanto Khe Sanh foi reforçada, chegando a haver alguns ataques contra aquela posição, com Currey dizendo que Westmoreland e outros ocidentais entenderam que o intuito de Giap era repetir Dien Bien Phu em Khe Sanh, enquanto tudo não passava de uma diversão, uma distração visando facilitar o posicionamento de combatentes e militantes nas cidades para a Ofensiva do *Tet*, e a realização da mesma no ano seguinte.

Segundo Currey, quando a Ofensiva do *Tet* iniciou no dia 31 de janeiro de 1968, sendo atacadas 41 das 44 capitais provinciais, 5 das 6 maiores cidades, com os alvos em Saigon sendo a Embaixada dos EUA, a base aérea de Tan Son Nhut e o QG do Estado Maior do Exército do Sul. Para o autor, os comandantes americanos viram esses ataques generalizados por todo o território do Sul, inicialmente, como sendo uma distração, que o alvo principal de Giap ainda era Khe Sanh (CURREY, 2002, p. 434-435). Ainda assim, a ofensiva pode ser considerada um fracasso tático, pois falhou em alcançar seus objetivos traçados pelas lideranças em Hanói, ou seja, levar a uma insurreição generalizada, derrubando o governo de Saigon, o que não aconteceu, provando assim que Giap estava certo desde o começo.

Contudo, mesmo recuperando as cidades, infligindo baixas astronômicas à Frente de Libertação Nacional, cerca de 40000 mortos e feridos, segundo Currey, suas consequências estratégicas foram muito proveitosas para Hanói, que pode mostrar com isso, que o Governo do Sul era incapaz de proteger seus cidadãos. Além disso, devido aos danos materiais causados durante os combates, cresceu o número de refugiados, agravando a crise social no país, a iniciativa estava com Giap, ou seja, ele podia escolher quando e onde os combates aconteceriam. A Ofensiva do *Tet* de 1968 custou a Westmoreland o comando das tropas, passando-o para o General Abrams (CURREY, 2002, p. 436-437). Pois segundo Visentini, o momento foi muito preciso, visto que nos EUA se dizia que a guerrilha da FNL estava sendo derrotada, quando inesperadamente, essa mesma guerrilha mostrou ao público americano que não havia sequer um único local seguro no Vietnã do Sul, que era capaz de atacar simultaneamente praticamente todas as cidades sulistas, incluindo o QG de Westmoreland e o Palácio Presidencial de Saigon (VISENTINI, 2008, p. 76-77).

Creighton Abrams foi recebido com um “*Tet II*”, no dia 7 de maio do mesmo ano, todavia o resultado foi o mesmo, ataques generalizados trazendo muitas baixas para os atacantes. Mas o grande ganho, em detrimento do militar, foi o político-psicológico que a Ofensiva do *Tet* trouxe, foi sinal inegável de que a guerra não estava bem, o inimigo estava por toda parte, poderia atacar a qualquer momento e os americanos só estavam “enxugando gelo”. A fama de Giap cresceu muito, segundo Currey, comparavam-no a Erwin Rommel, diziam que ele havia alterado o rumo da guerra e que se agiu visando ganhos políticos-psicológicos, soube analisar a situação política e psicológica de seus inimigos brilhantemente (CURREY, 2002, p. 438-439). Enquanto os “Cinco objetivos que o Pentágono estabeleceu: eliminar a ameaça vietcongue; pacificar o interior; bloquear a infiltração por terra e mar no Sul; destruir o Norte por bombardeios e reforçar o Governo do Sul. Nada fora conseguido” (CURREY, 2002, p. 440).

Westmoreland não foi o único que caiu, a Ofensiva do *Tet* custou a reeleição para Johnson que sabiamente decidiu não concorrer. Nixon venceu a eleição e iniciou a “vietnamização do conflito”, sem esperanças de vencer a guerra, restava aos americanos, sair enquanto podiam. Hanói se viu forçada a retrair da Fase 3 (ofensiva geral), para a Fase 2 (guerra de guerrilha), conseqüentemente, fazendo a visão de Giap prevalecer sobre a de Le Duan, podendo agora, o General, se concentrar nos princípios da Guerra do Povo. Durante 1969, ano da morte de Ho Chi Minh, Giap voltou a usar a tática de guerrilha e guerra prolongada, evitando grandes combates contra as forças norte-americanas, resistindo contra a vietnamização e a pacificação do conflito, causando baixas e mantendo a pressão sobre o inimigo (CURREY, 2002, p. 440-445).

Visentini descreveu a moral dos soldados dos EUA de maneira muito pessimista entre 1969 e 1971, citando um artigo escrito pelo Coronel Heintz, publicado no *Armed Forces Journal*<sup>59</sup>. Segundo Visentini, o autor teria dito que: “O que resta de nosso Exército no Vietnã encontra-se em fase próxima ao desmoronamento. As unidades evitam ou recusam combater, assassinam oficiais e suboficiais; quando não se entregam aos motins, elas são abatidas pela droga e pelo desencorajamento”, destacando também a proliferação de organizações e jornais pacifistas dentro do Exército. Outro problema que Visentini ressalta é o aumento do uso de drogas pelos soldados, bem como casos de doenças venéreas como a sífilis (VISENTINI, 2008, p. 78).

---

<sup>59</sup> HEINTZ, Robert D. The Collapse of the Armed Forces. *Armed Forces Journal*, 1971.

Em vista da vietnamização, os EUA e o Sul empreenderam ataques maciços contra os santuários do Norte no Camboja e no Laos bem como contra a Trilha Ho Chi Minh, obtendo sucesso em destruir os santuários, mas não a trilha, apesar de prejudicá-la consideravelmente com as operações aéreas<sup>60</sup>. Em contrapartida, a Operação Lam Son 719 foi um desastre para as tropas sulistas, que sofreram pesadas baixas e os americanos perderam muitos helicópteros. Giap aprendeu a lidar com as vantagens inimigas e utilizando a estratégia correta da Guerra do Povo, conseguiu frustrar a vietnamização por alguns anos, a despeito da perda dos santuários e dos problemas nos países vizinhos. A vietnamização significava a insistência dos EUA em continuar a guerra, apenas substituindo os seus soldados pelos do Sul, atraindo o Norte para a mesa de negociações, por isso, Hanói se opôs a ela, ficando motivada novamente a retornar para a Fase 3. Giap novamente era contrariado, sendo forçado a planejar uma nova ofensiva, iniciando-a em 30 de março de 1972, com ataques de artilharia vindo do Norte, seguindo por uma invasão terrestre através do Paralelo 17, fazendo os soldados do Sul debandarem, causando muitas baixas contra eles, conquistando território (CURREY, 2002, p. 458-465).

Essa campanha ficou conhecida como Ofensiva de Primavera de 1972 e a despeito dos sucessos iniciais, foram barrados diversas vezes pelo poder aéreo dos EUA, sendo forçados a recuar completamente no dia 14 de maio, custando para Giap, mais de 100.000 soldados, segundo Currey. Houve outras consequências como o bombardeio do Norte pelos EUA e a minagem do Porto de Haiphong, mas apesar da derrota nos objetivos principais da campanha, o Norte conquistou vantagens. Seus soldados continuaram ocupando parte do território do Sul, com Currey dizendo que os acordos de paz de 1973, não exigiam a retirada das mesmas e mais importante, a vietnamização havia sido completamente frustrada, pois ficou claro que sem o apoio aéreo dos EUA, o Exército do Sul não venceria. Novamente Giap estava certo, o emprego da Fase 3 não funcionaria, mas esses ganhos políticos e psicológicos acabaram compensando a derrota no campo militar, tanto com o *Tet* de 68, quanto com a Primavera de 72 (CURREY, 2002, p. 467-469).

Apesar de tudo, o fim de 1972 custou para Giap, suas funções no comando do Exército, passando-o para seu discípulo, o General Dung<sup>61</sup>, assim, chegamos aonde

---

<sup>60</sup> Tais danos se revelaram em 1972, com problemas logísticos durante a Campanha de Primavera de Giap, que não conseguiu suprir suas forças conforme a necessidade de uma guerra convencional (CURREY, 2002, p. 478). Contudo, a baixa moral dos soldados do Sul facilitou seu avanço, sendo impedido pelo apoio aéreo dos EUA.

<sup>61</sup> Mas Giap continuou sendo o Ministro da Defesa, dando orientações a Dung sobre o que fazer nos anos finais da guerra. Dung mostrou o que aprendeu com Giap e terminou o conflito com a Campanha Ho Chi Minh em 1975, após testar os EUA, que não respondeu com mais apoio aéreo aos seus aliados no Sul, ficando claro de que não interviriam mais naquele conflito após 1973. O General Dung concluiu a modernização do Exército do

intencionamos com essa monografia no tocante a carreira de Giap. Sua estratégia de Guerra do Povo foi fenomenal, o General pode evidenciar outras características da guerra, como sua dependência da política e que ganhos nessa área são mais importantes do que vencer batalhas, apesar de ter Dien Bien Phu como o ápice de sua aventura militar, as campanhas contra os EUA são igualmente importantes para se contemplar a face da guerra de maneira mais ampla. Ele não conseguiu se tornar o “libertador do Sul” no final, segundo Currey, sua logística falhou no tocante às necessidades de uma guerra convencional e também não soube empregar os blindados soviéticos que tinha disponível. Para Currey, se Giap tivesse usado seus carros de combate na tática da blitzkrieg e concentrado suas forças em um front, ao invés de três, na Ofensiva de Primavera de 1972<sup>62</sup>, poderia ter encerrado a Guerra do Vietnã com uma coroa maior, tendo em vista que as últimas tropas combatentes americanas deixaram a região em agosto daquele ano, caminhando para a assinatura dos acordos de paz em 1973 (CURREY, 2002, p. 470).

Os militares americanos cometeram muitos erros estratégicos e táticos, os mesmos erros que os franceses haviam cometido anos antes, sem falar nos crimes de guerra, cometidos por todos os lados daquele longo conflito. Ambos ficaram presos a cidades, estradas e postos avançados, assemelhando-se ao “Império em rede” tratado em “Imagem da violência e violência da imagem: Guerra e ritual na Assíria (séculos IX-VII a.C.)” do autor Marcelo Rede. Conseguiram controlar parcialmente alguns nós principais, mas não a maior parte do território, nada os impedia de serem atacados onde quer que estivessem. Tanto os franceses quanto os americanos eram bons soldados, não duvidamos disso, mas não estavam preparados para enfrentar a Guerra do Povo conduzida por Ho Chi Minh e Vo Nguyen Giap, na qual baseava-se fundamentalmente na Guerra Assimétrica, Irregular e Prolongada, o que é feito principalmente através da tática de guerrilha<sup>63</sup>. Além disso, esse conflito se tornou uma Guerra por Procuração<sup>64</sup> da URSS e da China contra os EUA.

---

Norte ao recuperar a logística em 1974 antes de lançar a ofensiva final, empregou blindados e aviação contra o Sul, que nada pôde fazer para impedir a derrota, seu exército mostrou-se um fiasco diante das tropas de Dung.

<sup>62</sup> No mês seguinte, após o fim da Ofensiva de 1972, o General Abrams foi promovido, cedendo a antiga posição para o General Weyand. Esse, diferente de seus antecessores, não estava no Sul para lutar, apenas para retirar os últimos de seus compatriotas combatentes, encaminhando o conflito para o seu fim na negociação de paz. A guerra continuaria de 73 até 75, mas sem intervenção ou apoio direto de militares americanos, resultando no objetivo final do Norte, a reunificação com o Sul, sob o nome de República Socialista do Vietnã, com a capital em Hanói. Saigon recebeu um novo nome: Cidade de Ho Chi Minh, em homenagem ao grande líder da Revolução Vietnamita, falecido em 1969.

<sup>63</sup> Esse modelo perdeu até a retirada dos EUA, abrindo caminho para uma Guerra Convencional entre o Norte e o Sul.

<sup>64</sup> Guerra por Procuração é quando um país luta com outro indiretamente através de um terceiro, financiando-o com dinheiro, armas, treinamento e suprimentos para enfrentar seu inimigo, visando enfraquecê-lo a partir do prolongamento do conflito. Assim, China e URSS lutavam contra os EUA através do Vietnã do Norte,

Para vencer, os franceses e os americanos precisavam derrotar completamente o seu inimigo, enquanto o *Vietminh* e depois, Vietnã do Norte, não precisavam derrotá-los, bastava apenas não perder, ou seja, resistir até que seus inimigos desistissem de lutar. Diferente dos franceses, os americanos não foram derrotados militarmente em uma grande batalha como Dien Bien Phu, mas foram derrotados politicamente e moralmente, visto que após a Guerra do Vietnã, a imagem dos EUA nunca mais foi a mesma ao redor do mundo. Tiveram que desistir, pois não havia mais clima para continuar insistindo na luta, para vencer, teriam que escalar o conflito, colocando no terreno mais de 1 milhão de soldados e avançar em direção ao Norte através do Paralelo 17. Isso poderia provocar uma reação chinesa aos moldes coreanos, ou seja, com Pequim descendo com outro milhão de soldados através da fronteira sul em direção a Indochina, isso era algo que Washington não poderia fazer sozinha<sup>65</sup>. Contudo, seus aliados ocidentais estavam mais preocupados com a Cortina de Ferro Soviética, assim, tiveram que se limitar ao território do Vietnã do Sul, fazendo alguns ataques aéreos contra o Norte, sendo uma dor de cabeça para Nixon quando foi revelado que ele atacara posições no Camboja e no Laos<sup>66</sup>, ambos países neutros no conflito, o que não os impedia de serem usados pelo Exército Regular do Norte e pela Frente de Libertação Nacional.

Walter Cronkite, jornalista da CBS, conduziu um programa de entrevista com autoridades da Casa Branca, a fim de mostrar ao público americano o que justificava a ação dos EUA no Vietnã. O programa foi dividido em quatro episódios apresentados pelo autor no livro: “Vietnam Perspective” (1965), publicado no Brasil como: “Vietnã em Chamas” (1966). Notamos que a obra foi produzida logo no período que para os EUA, marca o início da Segunda Guerra da Indochina, assim, o contexto era favorável a eles. O primeiro programa intitulado “As Decisões” no livro, conta como participantes, o Secretário de Estado Dean Rusk e o Secretário da Defesa Robert McNamara, ambos eram os oficiais mais importantes da Casa Branca naquele período.

McNamara deixou claro, no primeiro programa, que o Vietnã não era um problema militar, o objetivo e função dos EUA eram consolidar política e economicamente o Estado do

---

preservando suas forças principais, enquanto os EUA gastavam as suas contra os norte-vietnamitas e a Frente de Libertação Nacional. A China forneceu muito mais apoio do que a URSS, indo além de material e território seguro para santuários, enviando também homens ao Tonquim, para operar armas antiaéreas, trabalhando na defesa do Norte e também na reconstrução das infraestruturas danificadas pelos bombardeios dos EUA.

<sup>65</sup> MacArthur sugeriu utilizar armas nucleares contra as posições norte-coreanas e contra alvos na China durante a Guerra da Coreia, foi severamente rechaçado pelo presidente, isso custou ao general sua carreira, nem é preciso dizer o quão absurdo seria sugerir a utilização dessas armas no Vietnã ao escalar o conflito, pois diferente da Coreia, que foi inibido o uso devido a possibilidade de retaliação soviética, agora, os chineses também possuíam tal arma.

<sup>66</sup> O Laos foi mais bombardeado do que o próprio Vietnã, isso porque a maior parte da Trilha Ho Chi Minh cruzava o seu território.

Vietnã do Sul a fim de assegurar sua população, que precisava ser defendida da FNL e do Norte, os quais eram diretamente influenciados pela “China Vermelha”, cuja intenção era expandir o controle comunista. Observa-se um discurso típico da Guerra Fria, embasado pela política externa da Doutrina Truman e pela Teoria do Dominó, repleto de anticomunismo, segundo McNamara, a segurança nacional dos EUA estaria ameaçada, pois o Vietnã do Sul serviria como “teste dos seus métodos de expansão e controle sobre os povos independentes através do mundo, nas regiões subdesenvolvidas da Ásia, África e América Latina” (CRONKITE, 1966, p. 20), sustentando que a transição para o comunismo não poderia ser conseguida por meios democráticos, o “caminho parlamentar”, apenas através da violência armada (CRONKITE, 1966, p. 21). McNamara seguiu dizendo que os índices como economia e educação estavam aumentando no Sul enquanto no Norte, a produção agrícola caía<sup>67</sup>, o Governo do Sul deveria ganhar a confiança do povo, assegurando seus interesses econômicos e políticos, enquanto os EUA buscavam manter a segurança no interior, defendendo os camponeses da Frente de Libertação Nacional (CRONKITE, 1966, p. 25-27).

Para McNamara, o conflito no Vietnã não era uma guerra civil (subversiva) dentro do Vietnã, com guerrilheiros contestando a autoridade de Saigon, era uma agressão externa do Norte comunista contra o Sul independente, onde os EUA estariam ali auxiliando uma nação amiga que dirigia a ação militar visando defender sua soberania (CRONKITE, 1966, p. 28-30). Ele apelou para a compreensão do povo americano e do mundo de que o objetivo dos EUA não era derrubar o governo do Norte, nem se instalar permanentemente no Sul, mas sim, defender o direito de autodeterminação e autogoverno dos sul-vietnamitas (CRONKITE, 1966, p. 33). O secretário não sabia responder quanto tempo levaria até que o Norte desistisse e o Sul fosse pacificado. Dean Rusk disse algo muito interessante, não acreditava que Hanói pudesse ter uma vitória militar, o que de fato não foi possível enquanto as tropas americanas estavam combatendo no Sul. Mas também acreditava que Hanói esperava que tanto a opinião pública internacional quanto a opinião pública interna da potência ocidental se voltassem contra os EUA, forçando-os a desistir do Vietnã, o que para Rusk, não aconteceria, restando a Hanói buscar uma resolução pacífica, o tempo, porém mostrou que ele estava equivocado (CRONKITE, 1966, p. 41-42).

No segundo programa, intitulado “Como Podemos Vencer”, Cronkite entrevistou os generais Maxwell Taylor e Earle Wheeler. Taylor iniciou afirmando que os soldados

---

<sup>67</sup> Anteriormente vimos que isso de fato ocorreu devido ao fracasso do programa de reforma agrícola comandado por Truong Chinh, contudo provavelmente a intenção de McNamara era de defender o capitalismo como símbolo de prosperidade enquanto o comunismo só traria miséria.

americanos não estavam lutando sua própria guerra, e sim suplementando, assistindo o Exército do Sul em sua defesa contra a guerrilha da FNL. O General Taylor também disse que historicamente, as Forças Armadas dos EUA, tinham experiência em combate contra guerrilhas, citando a Guerra Civil Americana e as guerras contra os indígenas como exemplo, enquanto o General Wheeler completou citando a experiência de combate dos EUA no Pacífico contra os japoneses durante a Segunda Guerra Mundial (CRONKITE, 1966, p. 47-48). Wheeler reforçou a ideia de que a guerra era dos sul-vietnamitas e que os EUA estavam ali para auxiliá-los na vitória, não para lutar e vencer a guerra para eles, assim, os sul-vietnamitas deveriam ser a força principal a lutar e a comandar as operações. Dessa forma, a ação dos EUA era completamente diferente da dos franceses, que visavam reconquistar um território colonial ao invés de assegurar a independência de uma nação agredida, em socorro ao povo da mesma, os franceses eram os agressores (CRONKITE, 1966, p. 49-50).

O General Taylor colocou que era preciso garantir a segurança dos sul-vietnamitas antes de conquistar os corações e mentes do povo (CRONKITE, 1966, p. 50), mas o Vietminh fez diferente, primeiro obteve o apoio político do povo através da propaganda e serviço comunitário para depois contar com o apoio popular na guerra de independência, o que parece ter sido bastante eficiente, tendo em vista os milhões de carregadores civis operando a logística de Giap e os voluntários recrutados para lutar contra os franceses ao longo do tempo. Outro assunto que Taylor comentou foram os objetivos da Operação Rolling Thunder, onde os bombardeios contra o Norte visavam uma propaganda para motivar os sul-vietnamitas, reduzir e não cessar a infiltração de combatentes e suprimentos do Norte para o Sul e intimidar Hanói, com Wheeler atestando seu sucesso (CRONKITE, 1966, p. 51-52), contudo, sabemos que a eficácia dessa operação é bem controversa, como visto anteriormente. Por fim, os generais citaram qual era a tática empregada contra a Frente de Libertação Nacional, as operações de “search-and-destroy”, ou operações de limpeza<sup>68</sup>, onde o objetivo era encontrar e eliminar as unidades inimigas, sem se preocupar em manter o território (CRONKITE, 1966, p. 52), todavia, futuramente adotassem a tática de “clear-and-hold”, cujo objetivo era manter o território. Para o General Wheeler, frustrar a operação de Hanói contra o Sul, diminuiria muito as chances de os comunistas tentarem intervenções similares em outros países, garantindo assim a cumprimento da Doutrina Truman, impedindo que os dominós caíssem sequencialmente ao redor do mundo (CRONKITE, 1966, p. 65).

---

<sup>68</sup> Como os franceses buscaram fazer.

O terceiro programa se chama “Conquistando a Paz”, contando novamente com a presença de Dean Rusk acompanhado dessa vez por Arthur Goldberg, Embaixador dos EUA na ONU e McGeorge Bundy, Assistente Especial do Presidente para Assuntos de Segurança. Nesse programa, Bundy comentou que os EUA estavam abertos para negociar a paz, mesmo com o combate ocorrendo favorável aos sul-vietnamitas e aos americanos, segundo o assistente, mas Ho Chi Minh teria dito ao jornal francês *Le Monde* que ainda não estava pronto para negociar ainda<sup>69</sup> (CRONKITE, 1966, p. 72-73). Contudo, o que mais se destaca é a postura dos convidados em defender que se cumpra os Acordos de Genebra de 1954, mesmo com os EUA não sendo signatários do mesmo. O secretário Rusk enfatizou que as cláusulas do acordo que deveriam ser respeitadas eram as militares, alegando que os EUA as reconheciam como base para a paz no Sudeste Asiático (CRONKITE, 1966, p. 75-76). Mas o que justifica essa contradição? Dizem que os Acordos de Genebra de 1954 são importantes, mas não foram signatários do mesmo. Parece que apenas a parte militar dos acordos interessavam aos EUA, diferente da parte política onde deveriam haver eleições em 1956, que não aconteceram por parte de Diem.

O Embaixador Goldberg expôs ao público qual era, supostamente, a política americana para a região. Para ele, os EUA não desejavam derrubar o Governo de Hanói, apenas que cessasse sua agressão ao Sul (CRONKITE, 1966, p. 80), complementando a fala de Bundy e Rusk sobre a possibilidade de intervenção chinesa como na Coreia. Segundo eles, a China não interviria enquanto o Norte não fosse invadido (CRONKITE, 1966, p. 78-79), mas Rusk comentou que: “Pequim está preparada para lutar até o último vietnamita” (CRONKITE, 1966, p. 79), assim, estaria os EUA interpretando o conflito como uma Guerra por Procuração da China contra eles? De fato, podemos entender essa parte da Guerra do Vietnã como uma Guerra por Procuração do bloco comunista contra o capitalista. A China teve uma participação muito maior, visto que estava mais interessada na região do que a URSS, provavelmente devido a sua proximidade, afinal, a Indochina faz fronteira com a China, sendo sua área natural de influência geopolítica e estratégica, mas não podemos esquecer da participação soviética também.

Com essa avaliação, os convidados, representando o Governo de Washington, acertaram, contudo, erraram seriamente com o restante, onde para os EUA, o Vietnã eram dois países distintos. Se assim fosse, de fato faria sentido a análise dos convidados ao dizer que a FNL não representava o povo sul-vietnamita porque era um agente estrangeiro

---

<sup>69</sup> As negociações seriam retomadas apenas em 1969, sem grandes avanços naquele ano.

controlado por Hanói, visando conquistar o país vizinho para expandir o próprio. Assim, reiterando a postura de enxergar o conflito como uma agressão externa ao Sul, onde o Norte desejava impor seu regime comunista ao “povo livre do Sul”, no discurso típico da Guerra Fria, colocando os EUA como defensores da democracia e da liberdade (CRONKITE, 1966, p. 86-90). Dessa forma, não viam o conflito como uma disputa de dois governos estabelecidos no mesmo país, que o povo do Sul e o povo do Norte eram o mesmo povo, ignoraram o fato de que o Vietnã foi dividido artificialmente.

Rusk reiterou o que disse no primeiro programa sobre as esperanças de Hanói em vencer militarmente, contando com a desistência dos EUA devido a uma mudança na opinião pública nacional e internacional, enquanto Bundy repetia a disponibilidade dos EUA em negociar a paz, voltando aos Acordos de Genebra, prestando bons serviços à ONU (CRONKITE, 1966, p. 90-94). Já Goldberg buscou convencer o público de que os EUA buscavam a paz, negociando-a, enquanto Hanói preferia uma guerra de 10 ou 20 anos, com Rusk finalizando defendendo a postura do presidente Johnson (CRONKITE, 1966, p. 95-96).

O último programa foi diferente, chamado “Um Dia de Guerra”, correspondentes da CBS foram ao Vietnã entrevistar os soldados que lá lutavam. Dentre os registros, destaca-se a visita do General Westmoreland ao seu homólogo sul-vietnamita, o General Co, onde o americano solicita mais tropas sul-vietnamitas enquanto Co pede mais soldados dos EUA. Westmoreland destaca que a guerra era vietnamita, portanto eles quem deveriam lutar principalmente (CRONKITE, 1966, p. 103-104). Outro registro interessantíssimo foi o entendimento do Major Meister, o Capitão Newen e seus homens, eles perceberam que a guerra só poderia ser ganha se fosse lutada com o povo (CRONKITE, 1966, p. 108), algo que Ho Chi Minh e Giap enfatizaram bastante ao longo de todo o conflito no Vietnã, desde as primeiras etapas pré-revolucionárias.

O correspondente Morley Safer, falando sobre a aldeia de Kien Binh, relatou que aquele era o tipo de aldeia cuja lealdade variava, podia ser governista em uma parte do dia e a Frente de Libertação Nacional na outra. O jornalista afirmou que a guerra girava em torno dessas aldeias e seus moradores, levando à morte de civis que tentam apenas sobreviver diariamente com suas atividades principalmente agrícolas. Segundo ele, a lealdade e o arroz dos moradores são disputados tanto pelo Governo quanto pela FNL, ocorrendo de as pessoas colaborarem com ambos os lados (CRONKITE, 1966, p. 111-112). Esse relato dialoga diretamente com os do monge Hanh, onde o autor descreveu a população vietnamita como alheia às disputas políticas entre o Norte e o Sul, colaborando com ambos visando evitar represálias e sobreviver.

A realidade da guerra é diferente do que se fala em Washington, retratado nos programas anteriores. A maioria dos pilotos era jovem, com pouco treinamento e sem experiência de combate, em contraste com veteranos da Guerra da Coreia, com os militares tendo rotinas pesadas devido às condições climáticas da região e a quantidade de missões diárias. A vida embarcada no porta-aviões também é penosa e seu custo de operação é alto e em terra, patrulhas e busca e limpeza sob o apoio de helicópteros não impedem ataques noturnos da Frente de Libertação Nacional (CRONKITE, 1966, p. 101-105). Outra preocupação é com os civis, o correspondente Kalb abordou o problema dos ataques aéreos e as operações feitas em terra pelos soldados, pois com a FNL se misturando entre os civis, esses acabaram também como vítimas das armas americanas<sup>70</sup> (CRONKITE, 1966, p. 116-117). O quarto programa concluiu com a seguinte análise do conflito:

Um fuzileiro ficou com o pé preso numa armadilha de urso. Os Estados Unidos não estão numa posição muito diversa no Vietnã. Como este fuzileiro, os próprios Estados Unidos se acham engajados numa embaraçosa missão, dificultada por táticas primitivas que servem, no entanto, de argumento contra toda panóplia de guerra moderna com que nos dirigimos para o campo de batalha. É uma experiência extremamente penosa, mas não é fatal. Aquê fuzileiro não morrerá, não perderá o pé, mas foi imobilizado – não pode avançar. Os Estados Unidos estão um pouco nessa posição no Vietnã, o que é frustrador. No entanto, houve um final feliz para o caso do fuzileiro. Um helicóptero chegou e o recolheu – com a armadilha de urso no pé e tudo o mais. Para os Estados Unidos, as negociações são o helicóptero que parecemos aguardar, para nos resgatar do Vietnã, mas quando o fuzileiro e sua armadilha de urso foram salvos pelo ar, por cima daquele arrozal, o resto da sua companhia pegou do fuzil e prosseguiu na guerra. Talvez o mesmo venha a acontecer aos Estados Unidos, pois mesmo que as negociações que tanto temos estimulado venha a realizar-se, mesmo que as negociações venham honrosamente terminar a guerra no Vietnã, elas não acabariam com o conflito maior que grassa no mundo. Este continuará e alguém terá que continuar a combatê-lo. Não há motivo para se pensar que este alguém não venha a ser nós mesmos. Foi dado a esta nação, nesta geração, tentar manter o mundo livre unido. O Vietnã, a nosso ver, faz parte daquele processo, como também fazem parte dele os 100.000 homens que foram focalizados por esta secção (CRONKITE, 1966, p. 120-121).

Essa análise veio antes da Ofensiva do Tet de 1968, o jornalista que a compôs já reconhecia que a situação dos EUA no Vietnã não era tão boa assim, mas mantinha a esperança de que em breve o conflito terminaria sem grandes danos ao seu país. Contudo, após 1968, essa visão otimista caiu por terra, com Washington buscando implementar a vietnamização do conflito, se retirando daquele conflito extremamente desmoralizado. O mesmo continuou e terminou com a evacuação de Saigon, cuja cena foi retratada mediante a famosa fotografia do último helicóptero na Embaixada dos EUA, mas o conflito maior que o jornalista se referiu era a Guerra Fria, na qual os EUA mantiveram uma posição de destaque após o Vietnã, tornando-se a potência hegemônica com a queda da URSS logo ao início da

---

<sup>70</sup> Às vezes acidentalmente ou sem intenção, outras vezes proposital, como o infame Massacre de My Lai, onde os alvos foram claramente civis de todos os tipos, sendo um dos crimes de guerra mais conhecidos.

década de 90, marcando um novo período que hoje, em 2024, é contestado por outras potências.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem foi o General Giap? Por que é importante conhecê-lo? E, o que podemos aprender com ele? Para responder essa pergunta passamos por longas páginas discorrendo sobre todo o tempo de duração da Guerra do Vietnã, evidentemente não foi possível abordar tudo, mas esse não era o objetivo. O General Giap não era um militar, mas era um homem nacionalista que cresceu em um ambiente colonial, vendo seu país e seu povo sendo subjugado por uma potência estrangeira. Contrariando a história do Vietnã, o povo havia desaprendido como lutar contra os invasores, mas não havia desistido de tentar, assim, o ambiente nacional estava repleto de grupos políticos com um objetivo em comum, a libertação nacional.

Contudo, como visto, esses grupos não se entendiam, eram desorganizados de mais para agir com eficiência, o que levou a Giap a se aproximar do comunismo, visto que seus partidários eram mais organizados e, portanto, mais decididos a agir contra o domínio francês. A Segunda Guerra Mundial acelerou o processo revolucionário, com Giap conhecendo Ho Chi Minh na China, sendo designado por ele para criar o Exército do Povo visando lutar contra os japoneses, mas posteriormente contra os franceses. Assim nasceu o grande empreendimento da Guerra do Povo, um processo longo e paciente como a Revolução Vietnamita precisou ser, afinal, não é da noite para o dia que ela surge e se consolida.

Giap levou tempo para aprender os ensinamentos de Ho e aplicá-los, como toda pessoa durante a carreira, teve altos e baixos. Mas no geral, obteve êxito em sua função militar, criando um exército do zero, conquistando o apoio popular e aplicando a guerrilha contra as potências imperialistas. A estratégia da Guerra do Povo não foi criada por ele, mas não resta dúvidas de que foi através dele que esse método encontrou seu ápice, com o mérito do general estando segundo Garcia, na sua capacidade de organização, de aprender e conquistar o apoio popular, embora não generalizado como afirmava. Ainda, seu mérito encontra-se na sua paciência, apesar de nem sempre ter sido, na persistência e na força de vontade de vencer, não do modo tradicional, mas da maneira possível diante da situação em que se encontrava o Vietnã (GARCIA in: GIAP, 2005, p. 38). Giap mostrou que um país pobre e mal equipado, com um exército de camponeses, podia vencer até mesmo grandes potências ocidentais como a França e os EUA. A Guerra do Vietnã mostrou que a vitória não precisava vir através da maneira tradicional, a vitória militar, mas que era alcançável através de outros meios, como os políticos, morais e psicológicos. Para Currey, o mérito de Giap encontra-se nos resultados alcançados por ele:

O único general da história moderna a lançar-se em batalhas contra seus inimigos, partindo de posições de extrema fraqueza; com falta de equipamento e recursos financeiros. Começando sem tropas, ainda assim foi capaz de derrotar sucessivamente os remanescentes do Império japonês, os exércitos da França, na época a segunda nação colonial, e os Estados Unidos, uma das superpotências mundiais (CURREY, 2002, p. 516).

Giap levou três décadas para concluir seu trabalho, resistindo a “dança das cadeiras” de Hanói, ele foi fundamental para a vitória, para Currey, seus feitos não possuem paralelos, com seus resultados sendo extraordinários. Segundo o autor, Giap aprendeu na prática o ofício das armas, com ótimas avaliações e soluções não convencionais, apesar de nem sempre ter sido vitorioso como demonstraram os combates de 1951 e 1952, mas a Ofensiva do Tet de 1968, apesar de uma derrota tática, mostrou-se uma grande vitória estratégica, evidenciando a coordenação entre os objetivos políticos e a ação militar, como Clausewitz postulou (CURREY, 2002, p. 516-518).

O General Giap também foi um mestre em logística, a espinha dorsal da guerra, organizando um sistema complexo, mas rudimentar ao mesmo tempo, que só se sustentou devido ao apoio popular, onde pessoas passavam meses atravessando as selvas e montanhas para levar os suprimentos onde Giap precisava. Para Currey, além de ótimo instrutor de tropas, foi um mestre em tática, pois demonstrou a capacidade de enfrentar e vencer inimigos superiores. Um mestre em estratégia por aprender com seus erros e evitar outros posteriores, sabendo tirar proveito das fraquezas do inimigo e compreendendo o conflito como seus adversários não foram capazes (CURREY, 2002, p. 518-520).

Outro fator do mérito de Giap está na sua capacidade de motivar e educar as massas e os seus soldados a aguentar o rigor de uma guerra prolongada e mortífera, com destaque para Dien Bien Phu, onde Giap além disso, demonstrou um emprego de artilharia cujo esforço foi muito marcante, tanto pela vontade dos soldados em arrastar aquelas armas até posições ocultas nas montanhas quanto pela surpresa feita aos franceses que juravam que aquilo seria impossível de ser feito (CURREY, 2002, p. 344). A Batalha de Dien Bien Phu nos mostra toda a força do Vietminh para vencer a luta anticolonial, foi uma batalha convencional, sendo descrita na monografia de maneira aparentemente tradicional, mas Keegan é um dos expoentes da Nova História da Batalha, sendo preciso falar da batalha em um trabalho de História Militar.

Contudo, não limitando-se a essa corrente, e buscando tratar no capítulo três um impacto político-social que talvez não tenha ficado tão aparente no capítulo dois, enquanto no capítulo um, está presente uma conjuntura do Vietnã e o nascimento da Revolução Vietnamita, dessa forma, foram abordados diversos assuntos ao longo do texto, visando

atender às questões propostas e pensar para além delas. Sendo possível tirar muito proveito da Guerra do Vietnã, pois ela em específico deixou nitidamente visível todas as faces da guerra, seja pela engenhosidade para superar um inimigo mais forte, seja pelos danos causados contra a população civil, que nos faz repudiar a guerra e valorizar a paz. Entender a Guerra do Vietnã é uma ótima chave para se compreender qualquer outro conflito contemporâneo. Para isso, foi listado tantas bibliografias que não chegaram a ser utilizadas, mas ficam como uma referência para quem optar por seguir estudando essa guerra.

## REFERÊNCIAS

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. Tradução para o inglês: Michael Howard e Peter Paret. Tradução do inglês para o português: Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. 1984. Disponível em: <[https://www.academia.edu/8692906/Da\\_Guerra\\_Clausewitz](https://www.academia.edu/8692906/Da_Guerra_Clausewitz)>. Acesso em: 15 set. 2022.

CRONKITE, Walter. **Vietnã em Chamas**. Edições Bloch, 1966.

CURREY, Cecil B. **Vitória a Qualquer Custo**. Tradução: Petrônio R. G. Muniz. Editora Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 2002.

GIAP, Vo Nguyen. **Manual de Estratégia Subversiva**. Tradução: Miguel Mata. Edições Sílabo LTDA. Lisboa, 2005.

GIAP, Vo Nguyen. **O Vietnam Segundo Giap**. Editora Saga. Rio de Janeiro, 1968.

HANH, Thich Nhat. **Vietnã: Flor de Lótus em Mar de Fogo**. Paz e Terra, 1968.

HOBSBAWM, Eric. **A Era da Guerra Total**. in: A Era dos Extremos. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

KEEGAN, John. **Dien Bien Phu: Derrota no Vietnã**. Rio de Janeiro, Editora Renes, 1979.

MUNHOZ, Sidnei J. **Guerra Fria, História e Historiografia**. Appis Editora, 2020.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. Tradução: Neury Lima. Grupo Novo Século, São Paulo, 2014.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A Revolução Vietnamita**. Editora UNESP, São Paulo, 2008.

## ANEXO A – Mapa da Batalha de Dien Bien Phu

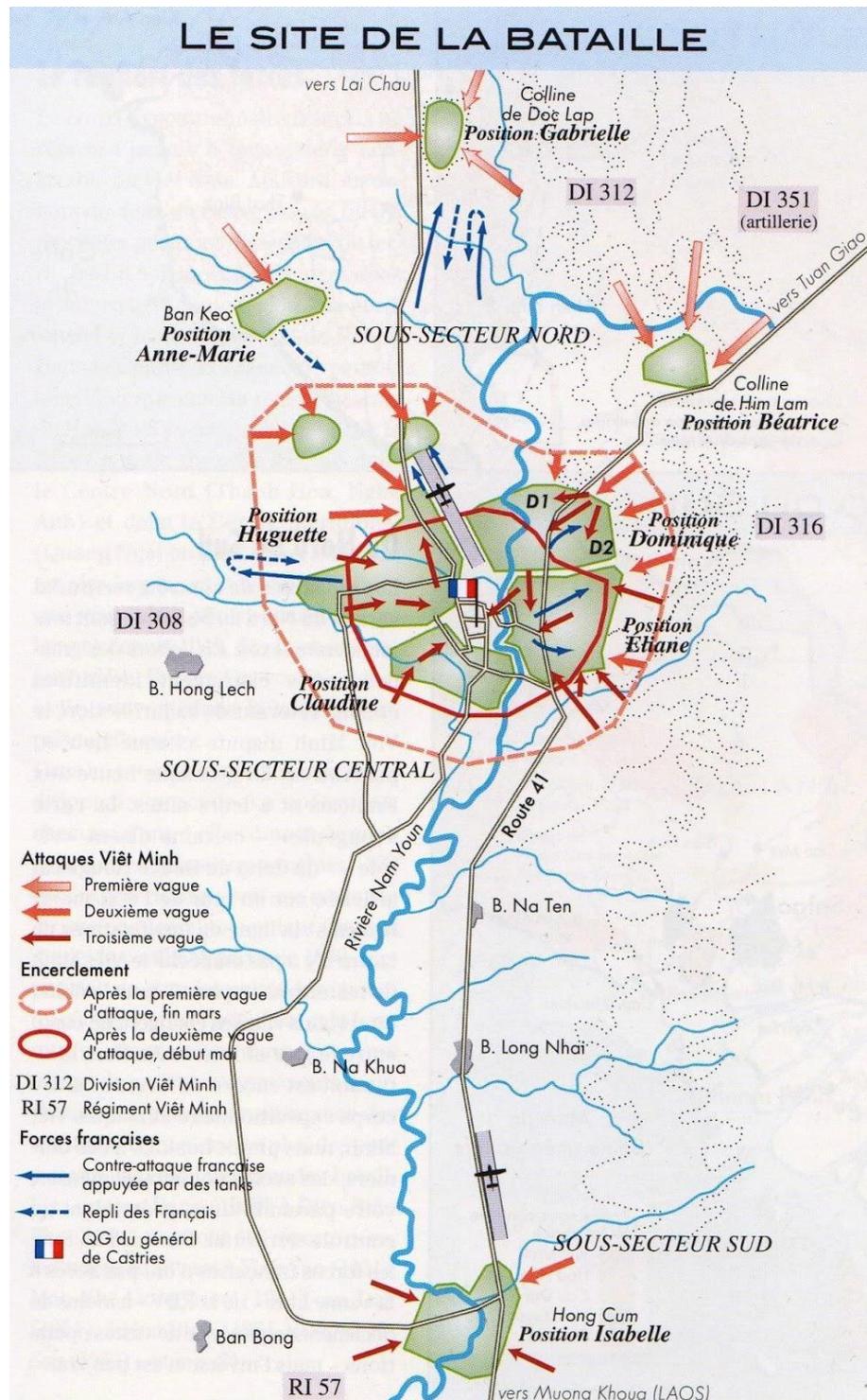


Imagem retirada de: <https://herdeirodeaecio.blogspot.com/2017/05/a-rendicao-de-dien-bien-phu.html>